
PRÁTICAS DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

ROTAS LINGUÍSTICAS E LITERÁRIAS
PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

Organizadores:

Alceane Bezerra Feitosa
Júlia Maria Muniz Andrade
Márcia Barbosa de Moura
Karla Dayane Silva Monteiro



**PRÁTICAS DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ROTAS
LINGUÍSTICAS E LITERÁRIAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM**

Alceane Bezerra Feitosa
Júlia Maria Muniz Andrade
Márcia Barbosa de Moura
Karla Dayane Silva Monteiro
(Organizadores)

**PRÁTICAS DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ROTAS
LINGUÍSTICAS E LITERÁRIAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM**

1ª EDIÇÃO

Quipá Editora
2021

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical, são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Normalização: dos autores e autoras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P912 Práticas de pesquisa na educação a distância : rotas linguísticas e literárias para o ensino e aprendizagem / Organizado por Alceane Bezerra Feitosa ... [et al.]. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.

142 p. : il.

ISBN 978-65-89091-87-5 DOI 10.36599/qped-ed1.067

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Leitura. 4. Produção de texto. 5. Letramento. I. Feitosa, Alceane Bezerra. II. Título.

CDD 410

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em julho de 2021.

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

PREFÁCIO

Prefaciar uma obra não é das tarefas mais simples, pois requer algum conhecimento envolvido no trabalho em questão. Acima de tudo, com todo esse desafio, torna-se privilegiado (a) aquele (a) escolhido (a) para desempenhar tal missão com êxito.

Confesso que o convite pegou-me de surpresa quando fui escolhido por amigos tão queridos. Aqui estou para colaborar com a incumbência que me foi dada. Apresento-me ainda como um jovem que pouco conhece a EaD - Educação a Distância, mas que tem trabalhado incansavelmente para cumprir com suas obrigações e fazer o melhor nessa 'nova forma' de aprender e ensinar.

O meu primeiro contato com a EaD começou em 2015, no Curso de Pedagogia do Centro de Educação Aberta e a Distância, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, e que por ironia do destino foi como Orientador de Trabalho de Conclusão de Curso, falo da ironia porque esta obra vai tratar justamente dessa perspectiva, rotas de pesquisas a partir dos TCC's apresentados no Curso de Letras-Português CEAD / UFPI.

Esta obra nasce das pesquisas feitas durante o Período 2020.2, do Curso de Letras-Português CEAD / UFPI, como foi dito anteriormente, onde seus organizadores Alceane Bezerra Feitosa, Júlia Maria Muniz Andrade, Márcia Barbosa de Moura e Karla Dayane Silva Monteiro tiveram o cuidado e o carinho de fazerem uma junção de alguns dos melhores trabalhos. O objetivo principal foi trazer para os leitores (as) aspectos teóricos metodológicos tanto na área da Linguística como na área da Literatura, com viés em Leitura e Produção de Texto, Letramento, dentre outros, que vão ajudar outros pesquisadores (as) a desenvolverem futuras pesquisas.

Dadas as circunstâncias em que estamos vivendo no momento atual, a crise sanitária mundial impediu que os pesquisadores (as) voltassem seus trabalhos para outros tipos de pesquisa, sendo assim, todos os trabalhos ou a grande maioria foram feitos e desenvolvidos em pesquisa de cunho bibliográfico. Aquele (a) pesquisador (a) que precisou recorrer a outro tipo de pesquisa pode contar com a ajuda da tecnologia e outros meios, onde existiu a possibilidade do seu trabalho ser construído.

A obra *Práticas de Pesquisa na Educação a Distância: rotas linguísticas e literárias para o ensino e aprendizagem* traz uma fundamentação teórica-metodológica densa e profunda que está ancorada nos mais renomados autores (as) da literatura do Curso de Letras-Português, onde oportuniza a utilização de fontes para futuros pesquisadores (as) da área.

A partir desses estudos irão brotar outros conhecimentos e, por esse motivo e tantos outros, tenho a satisfação de prefaciar essa obra. Quero aqui parabenizar os (as) autores (as), colaboradores (as) e aos organizadores, que também contribuíram com sua escrita e experiência magistral.

Convido aos leitores e leitoras a viajarem por essas rotas linguísticas e literárias.

Paulo Geovane Sousa Almeida

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	08
ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MEMES DA PÁGINA VIRTUAL BODE GAIATO: FOCO EM POSTAGENS SOBRE EDUCAÇÃO	
Alceane Bezerra Feitosa Josiane da Cruz Ferreira Rocha	
CAPÍTULO 2.....	23
ASPECTOS, CONCEITO(S) E PERSPECTIVAS DA LEITURA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	
Alceane Bezerra Feitosa Jacqueline Dias de Farias	
CAPÍTULO 3.....	34
A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA POÉTICA PARA A FORMAÇÃO EFETIVA DE SUJEITOS LEITORES: INTERFACES PRÁTICAS	
Patricia Stefani Nascimento Paes Landim Júlia Maria Muniz Andrade Marcos Carvalho de Alencar Neto	
CAPÍTULO 4.....	44
LETRAMENTO EM FOCO: CAMINHOS PARA A PRÁTICA SOCIAL EM UNIVERSO DE LEITURA E ESCRITA	
Ludimila da Silva Oliveira Júlia Maria Muniz Andrade Marcos Carvalho de Alencar Neto	
CAPÍTULO 5	56
CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS PARA A PRÁTICA DE APRENDIZAGEM: LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR	
Luzimar Oliveira dos Santos Júlia Maria Muniz Andrade Marcos Carvalho de Alencar Neto	

CAPÍTULO 6.....	68
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA MEDIADO PELAS TDICS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE	
Oziane da Silva Celestino Allan de Andrade Linhares	
CAPÍTULO 7.....	79
AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL PARA A FORMAÇÃO LEITORA	
Maria da Conceição Andrade da Silva Allan de Andrade Linhares	
CAPÍTULO 8.....	91
O LETRAMENTO LITERÁRIO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Maria do Socorro Sousa Andrade Allan de Andrade Linhares	
CAPÍTULO 9.....	105
SUBÚRBIO, RACISMO E DISCRIMINAÇÃO EM “CLARA DOS ANJOS	
Suzana da Silva Nascimento Carlíria Lima Fumeiro	
CAPÍTULO 10.....	117
O REALISMO MÁGICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL LOBATIANA	
Fábio José de Carvalho Carlíria Lima Fumeiro	
CAPÍTULO 11.....	128
AS MUDANÇAS NA ESCRITA ADVINDAS DO USO DA INTERNET	
José Antonio de carvalho Carlíria Lima Fumeiro	

CAPÍTULO 1

ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MEMES DA PÁGINA VIRTUAL BODE GAIATO: FOCO EM POSTAGENS SOBRE EDUCAÇÃO

Alceane Bezerra Feitosa
Josiane da Cruz Ferreira Rocha

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar a presença da variação linguística em *memes* da página virtual do Instagram Bode Gaiato que tematizam a educação, ou seja, os textos selecionados abordam de algum modo assuntos educacionais. Como fundamentação teórica, tivemos como suporte os trabalhos que versam sobre aspectos da variação linguística, bem como trabalhos que tratam do gênero textual/discursivo *meme*, tais como Marcuschi (2002), Tarallo (2003), Bagno (2007), Camacho (2008), Bortoni-Ricardo (2014), Mollica (2015), Cavalcante e Oliveira (2019), Cani (2019), Silva (2019), dentre outros. A metodologia utilizada neste trabalho caracteriza-se como bibliográfica de cunho descritivo. Bibliográfica por termos por base fontes constituídas por materiais já elaborados: livros, artigos. De cunho descritivo por observarmos o fenômeno e, em seguida, analisamos e interpretamos a presença da variação linguística nos textos selecionados. Em relação ao *corpus*, selecionamos quatro *memes* da página virtual Bode Gaiato, retirados da rede social Instagram. Após as análises do *corpus*, constatou-se a presença de palavras que evidenciam a presença da variação linguística, principalmente a variação que marca a região do falante que, neste caso, é a região nordeste.

Palavras-Chave: Memes. Variação Linguística. Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é apresentar a variação linguística em *memes* da página virtual “Bode Gaiato” com foco em postagens sobre educação, portanto, de situações vivenciadas no ambiente escolar, apresentando como base, já dito antes, os estudos da variação linguística.

Este trabalho justifica-se por entendermos a importância de se observar a variação linguística em um gênero ainda não muito trabalhado em sala de aula, qual seja: o *meme*, buscando evidenciar que tal gênero apresenta uma possibilidade de abordagens como a variação linguística.

Para a obtenção dos resultados, utilizamos a pesquisa bibliográfica de cunho descritivo. Bibliográfica por termos por base fontes constituídas por materiais já elaborados: livros, artigos. De cunho descritivo por observarmos o fenômeno e, em seguida, analisamos e interpretamos a presença

da variação linguística nos textos selecionados. Em relação ao *corpus*, selecionamos quatro *mesmes* da página virtual “Bode Gaiato”, retirados da rede social Instagram.

Além de apresentar aspectos relacionados à variação linguística, buscamos, com este trabalho, evidenciar a presença de uma variedade de formas linguísticas e que todas elas têm o seu lugar dentro de uma sociedade, com o intuito de minimizar o preconceito linguístico.

Para alcançar os objetivos deste trabalho, fez-se necessário estruturar o texto em seções, além desta introdução e das considerações finais. Na Primeira, *Variação Linguística: aspectos teóricos*, apresentamos o conceito de sociolinguística e, em seguida, adentramos nas noções de variações linguísticas, enfatizando os fatores intralinguísticos e extralinguísticos das variações. Na segunda, *O gênero textual meme*, buscamos apresentar as características do gênero, situando-o dentro dos estudos dos gêneros textuais/discursivos. Na terceira seção, *Metodologia*, apresentamos os passos seguidos para a obtenção dos resultados. Por fim, na última, *Análise da variação linguística em memes do bode gaiato*, analisamos os memes, apresentados as variações identificadas nos textos.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ASPECTOS TEÓRICOS

No início do século XX, na década de 1960, despontou nos Estados Unidos a Sociolinguística, com foco nos pressupostos teóricos de William Labov, um dos maiores expoentes da Sociolinguística Variacionista. Em seu livro *Padrões sociolinguísticos (Sociolinguistic patterns, 1972)*, o autor pesquisa os processos de variação e mudança linguística seguindo uma metodologia quantitativa, a partir de variáveis sociais e linguísticas, distinguindo-se dos estudos de áreas como etnografia da fala e sociologia da linguagem.

Segundo Feitosa *et al* (2017, p. 235), a Sociolinguística surge, portanto, como “disciplina dentro dos estudos linguísticos, pela necessidade de se levar em consideração os aspectos deixados de lado pelos estudos estruturalistas, os quais levavam apenas em consideração os aspectos da estrutura da língua”.

É importante fazer referência, ainda, aos nomes de alguns linguistas, que na investigação pela origem da Sociolinguística, apresentavam o mesmo interesse nos estudos da dialetologia e da mudança linguística. Foram eles, respectivamente: Whitney, Saussure, Meillet, Martinet, Weinrei e Labov. Dessa forma, constatamos, a partir dessa linhagem, que mesmo antes de Labov, a Sociolinguística já era estudada.

Para compreendermos o conceito de variação linguística é importante, a princípio, entendermos o conceito de Sociolinguística, uma vez que, de acordo com Tarallo (2003), a sociolinguística tem como papel principal o de organizar o que para a sociedade é considerado

“caos” de variantes. Assim sendo, a sociolinguística busca, de modo geral, explicar o sistema lógico de organização da língua para logo depois identificar e determinar os fatores que motivam as variações.

É, pois, por essa razão que, Mollica (2015) afirma que a Sociolinguística estuda:

o uso da língua em situações reais, procurando relacionar a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais, pois considera que a língua não pode ser estudada de forma autônoma. Compreende-se a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social e em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade lingüística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente. (MOLLICA, 2015, p. 10)

Assim, para Mollica (2015), a Sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

Ainda de acordo com a autora, a sociolinguística é uma ciência que se “faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA, 2015, p. 09). Desse modo, a Sociolinguística pressupõe uma complementaridade, ou seja, existe uma combinação entre fatos linguísticos e fatos sociais, e uma relação de interação entre ambos, com ênfase nas diferenças da língua falada nos diversos grupos sociais.

Para a Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Quantitativa – a variação é inerente às línguas, e isso está ligado à noção de heterogeneidade, isto é, as línguas são sistemas heterogêneos. Nessa percepção, Mollica (2015, p. 09) afirma que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. Evidentemente, essa heterogeneidade da língua é sistematizada, organizada, por isso que os indivíduos de uma comunidade se entendem, se comunicam, embora existam variações ou diversidades linguísticas. A heterogeneidade linguística está presente em toda comunidade de fala; é inerente e sistemática. (BORTONI-RICARDO, 2014)

A heterogeneidade da língua, no entanto, não implica ausência de regras, visto que comporta regras categóricas e regras variáveis. É nesse contexto que a Sociolinguística busca descobrir as regras variáveis da língua, as quais permitem que nos expressemos sob diversas formas, de acordo com a situação linguística e social na qual nos inserimos. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2014, p. 68) afirma que “a Sociolinguística Variacional vai de encontro ao reconhecimento dos diferentes modos de fala em que os falantes se inserem”. Corroborando essa ideia, Bagno (2007, p. 35) afirma que “[...] os estudos da língua estão ligados diretamente à sociedade em que essa língua é falada”.

Ainda sobre a heterogeneidade da língua, Bagno (2007, p. 36) entende que “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se

põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. Assim, nota-se que a língua não é construída individualmente, nem por poucos, mas por todos os indivíduos pertencentes à sociedade, inclusive, os grupos menos favorecidos socialmente.

Já sabemos que a variação é inerente às línguas, e que além de não afetar o funcionamento do sistema linguístico, tampouco impossibilita a comunicação entre falantes. De fato, as variações linguísticas trazem muito significado social, pois as diferentes formas que utilizamos ao falar informam, de certa forma, quem somos.

Alinhada a esses pressupostos, a Sociolinguística Variacionista analisa o uso da linguagem no contexto social, considerando indispensável essa relação entre língua e sociedade. Dessa maneira, para Camacho (2008, p. 50), “dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam exatamente do mesmo modo, assim como um único falante raramente se expressa da mesma maneira em duas diferentes circunstâncias de comunicação”. A linguagem, portanto, é um fenômeno social, e para a Sociolinguística é preciso analisar as variações derivadas do contexto social em busca de argumentos que expliquem a variação no sistema linguístico.

Exemplificando tal ideia, Camacho (2008) afirma que:

Se um falante enuncia o verbo “vamos” como [vãmus] e outro falante o enuncia como [vãmu], podemos afirmar, com base nos postulados da Sociolinguística, que essa variação na fala não é resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação. (CAMACHO, 2008, p. 50)

Numa explicação linguística ao exemplo supracitado por Camacho, ainda que se analisem os fatores sociais, haverá uma comparação na variação entre a ausência e presença de segmentos sonoros, como o fonema /s/ e a troca do fonema /o/ por /u/. Podemos verificar, então, que as variações nesses exemplos são motivadas pelo meio em que vivem os falantes.

De acordo com Mollica (2015):

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que torna um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. (MOLLICA, 2015, p. 10-11)

Mollica (2015, p. 09) assegura que a “Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. Complementa ainda que, “são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística,

multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área” (MOLLICA, 2015, p. 10). Isso significa que, apesar de a variação ser o foco da Sociolinguística Variacionista, como um ramo da Linguística, preocupa-se também com muitos temas que permeiam a língua e a sociedade.

Sob esse aspecto, não se pode desvincular o contexto social do contexto de uso da língua, pois assim estaríamos dando a ela um tratamento mecânico, desprendido da realidade dos indivíduos que a utilizam. Além do mais, é imprescindível um tratamento social à língua, tal como se propõe a Sociolinguística, tendo em vista que a língua é estabelecida continuamente pelo coletivo.

Ao analisarmos uma comunidade linguística, de certo constataremos de imediato a existência de diversidades da língua ou da variação linguística. Toda comunidade linguística distingue-se pelo emprego de diferentes modos de falar, é o que chamamos variedades linguísticas. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2014) afirma que toda língua natural é marcada pela variação, a qual não é assistemática. Nesse sentido, a autora complementa afirmando que “os recursos de variação, que toda língua natural oferece, estão sistematicamente organizados em sua estrutura e contribuem para tornar a comunicação entre os falantes mais produtiva e adequada”. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 157)

O GÊNERO TEXTUAL *MEME*

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, e estão ligados cultural e socialmente. Além disso, os gêneros são resultado de um trabalho conjunto, o qual contribui para que a comunicação seja estruturada e consolidada.

Ao definir gênero textual, Marcuschi (2002) afirma que:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2002, p. 01)

Nesse sentido, um gênero textual além de representar a materialização do texto, representa, ainda, um instrumento para difundir nossos valores, ideias, opiniões diversas, e também nos torna seres críticos, participativos e reflexivos do espaço social, cultural e histórico do qual fazemos parte.

De acordo com Marcuschi (2002), os primeiros gêneros textuais tiveram suas origens com os povos de cultura oral:

Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase

intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 01)

Ainda segundo Marcuschi (2002), os gêneros surgem emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. Assim, entendemos que os gêneros textuais estão presentes em nossas ações e necessidades comunicativas e sociais, e em simultaneidade com essas necessidades, os gêneros passam por alterações, com a intenção de tornar a comunicação mais adequada.

Atualmente, o uso massificado das tecnologias digitais tem provocado muitas transformações nas formas de comunicação e interação, possibilitando uma diversidade linguística inumerável e, com isso, o surgimento de gêneros textuais, adaptados a essa nova realidade, os gêneros digitais. Dentre os gêneros digitais, surgem os *memes*, gênero escolhido como *corpus* de estudo deste trabalho.

Para Candido e Gomes (2015 *apud* CANI, 2019, p. 251), o termo *meme* tem origem no campo da biologia, mais especificadamente na genética, quando o biólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, relacionou a palavra à capacidade de multiplicação dos genes. Nesse ponto de vista, a autora complementa que, assim como os genes são capazes de se replicar e de transmitir informações sobre os aspectos genéticos do ser humano, os *memes* reproduzem e disseminam aspectos comunicacionais.

Numa definição de *meme* dentro do percurso histórico da internet, Oliveira e Cavalcante (2019) afirmam que:

as primeiras concepções de *meme* na internet partem das chamadas “ragecomics”, por volta de 2008. As “ragecomics” são uma espécie de tirinhas normalmente usadas para contar histórias sobre experiências da vida real que terminam com quebra de expectativa com fins humorísticos. Seus personagens são conhecidos como “rage faces” (pelo menos no Brasil, as “rage faces” tornaram-se, inicialmente, símbolo máximo daquilo que o senso comum começou a chamar de “*meme*” na internet). Esse tipo de imagem viral era criado por meio de *softwares* de desenhos simples, como o Paint, da Microsoft. (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2019, p. 14)

Na internet, o conceito de *meme* ganhou relevância. A internet tornou-se o ambiente apropriado para a propagação do gênero, e sua potencial capacidade de circulação repercute principalmente nas redes sociais: Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp. Nesse sentido, Oliveira e Cavalcante (2019, p. 9) apontam que “o *meme* constitui-se a partir de textos publicados na internet

com propósitos essencialmente humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, que mantêm relações intertextuais com textos de situações diversas dos usuários da internet”.

Oliveira e Cavalcante (2019) apresentam o seguinte conceito para *meme*:

O *meme* é uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente, humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder aos enunciados de situações diversas dos usuários da internet. (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2019, p. 14-15)

Num sentido mais claro, os *memes* são publicações feitas pelos usuários da internet, construídas a partir de um texto já existente e retiradas de acontecimentos do cotidiano. Desse modo, os *memes* são disseminados repetidamente e com uma velocidade extraordinária pelas redes sociais, levando em seu contexto, humor ou crítica de situações e questões diversas, e promovendo interações entre os indivíduos. Silva (2019), destaca que os textos humorísticos estão sempre relacionados a algo, como coisas do cotidiano, assuntos políticos, entre outros.

Silva (2019) assevera que o humor e o riso são componentes importantes para a comunicação, pois se tornam um auxílio na expressão de ideias, sentimentos, de forma mais descontraída e sem julgamentos, por exemplo. Dessa maneira, os *memes* fazem parte da realidade em que vivemos, principalmente do cotidiano dessa geração digital, com a finalidade de valorizar as novas formas de linguagem que se propagam no mundo contemporâneo, através das tecnologias digitais.

METODOLOGIA

Nesta seção, descrevemos os métodos utilizados para a realização de nossa pesquisa. Assim, explicamos o tipo de pesquisa e relatamos os procedimentos de análise e coleta de dados, além de descrever e caracterizar os materiais utilizados em nossa pesquisa, bem como o contexto do qual eles foram retirados.

Este trabalho utiliza-se da pesquisa de cunho bibliográfico, que segundo Amaral (2007, p. 01), é uma etapa essencial “em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa”.

Além disso, a presente pesquisa classifica-se como descritiva, uma vez que buscou selecionar os textos (*memes*) que serviram como base para a nossa pesquisa, sendo os mesmos descritos e utilizados para demonstrar como a língua sofre variações socioculturais, socioeconômicas e sociobiológicas, conforme o seu uso.

Para Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Consoante a isso, este tipo de pesquisa estuda as características de um grupo, e a existência entre associação e variáveis, que no caso da temática em estudo, traz uma associação dos fatores externos e internos da língua com relação à variação linguística de determinado grupo pesquisado, levando em conta a coleta de dados, que são os *memes* coletados em rede social. Como exemplo, temos as variações: “dinheiro – dinhêro”, “estudando – estudano”, “deixa – dexa”, “mesmo – mermo”, “mandou – mandô”, dentre outros termos que o nordestino brasileiro pronuncia e, não só pronuncia, como são elementos que fazem parte de sua língua.

Após a seleção dos textos (*memes*), descrevemos, por meio da teoria da variação linguística, a presença das principais variedades linguísticas presentes neles, quais sejam: a supressão de -r em verbos no infinitivo, por exemplo, o verbo “escolher” que é pronunciado pelo nordestino “escolhê”. Desse modo, a presença do -r final e a ausência do -r final seriam as variantes. Assim acontece ainda com os termos “dinheiro – dinhêro”, “estudando – estudâno”, “deixa – dêxa”, “para – pá”, “vou – vô”, “mandou – mandô”, nos quais é aspirado um fonema de cada termo, consonantal ou vocálico, estabelecendo uma situação de informalidade quanto ao uso da língua.

O *corpus* utilizado para nossa análise é constituído por quatro *memes* retirados, como dito antes, da página virtual “Bode Gaiato” da rede social Instagram, onde é muito comum a disseminação e circulação do gênero *meme*, dos quais os conteúdos estão relacionados a situações cotidianas, por meio de uma linguagem simples e informal, típica da região Nordeste do Brasil, onde a página virtual em questão foi criada.

Portanto, a internet hoje é um meio indispensável para a comunicação, além disso, é muito importante percebermos a importância que essa disseminação do gênero *meme* tem sido para a sociedade em geral. Esse gênero é considerado como oportunidade para conhecermos outras possibilidades de uso da linguagem em seus mais diversos contextos, analisando as relações entre sujeitos e suas identidades, tanto linguísticas quanto culturais, e suas concepções de mundo.

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MEMES DO BODE GAIATO

Segundo o site Uol Notícias, a página virtual Bode Gaiato surge na rede social Facebook e foi criada em 2013. Seu criador foi um estudante universitário de Recife, Breno Melo. Segundo o estudante, a ideia de criar a página no Facebook surgiu durante suas férias, como uma forma de tirar-lhe da monotonia.

O site G1 Globo Notícias de Pernambuco publicou que o conteúdo da página “Bode Gaiato” compartilha *memes* com seu personagem comentando desde fatos observados no cotidiano a experiências vividas, até temas que estão em pauta na Internet. O estudante recifense criou um personagem nordestino de um bode, seguido de uma expressão regional, “gaiato” que quer dizer “engraçado”. Sendo escrito em linguagem coloquial, os quadrinhos apresentam muitos “erros” intencionalmente, com o propósito de mostrar aos leitores da página alguns modos do falar nordestino de um jeito humorístico equilibrado, através de piadas simples.

Atualmente, a página atinge um número significativo de seguidores, não apenas nordestinos, mas de todas as regiões do país. Além disso, atinge os mais diferentes públicos, que se identificam com a linguagem e com as situações nos *memes*.

Para a análise, selecionamos quatro *memes*, que foram retirados da rede social Instagram, considerando a possibilidade das mais variadas formas de variação linguística. Analisamos, portanto, a presença da variação linguística, especificamente, em *memes* que tenham o conteúdo com foco no ambiente escolar. Diante disso, passaremos às análises com o primeiro *meme*.

Meme 1.



Fonte: Retirado do Instagram do Bode Gaiato. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bodegaiato/?igshid=ucsamy4zc3vx>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

A situação apresentada no *meme* 1 retrata uma sala de aula, em que o personagem “Junin” está sentado em uma cadeira e com um papel em cima da carteira. Pela imagem, infere-se que a situação remete a uma aplicação de provas (avaliação). Observamos ainda as lágrimas nos olhos do personagem que remete ao desespero e aflição pela situação. Isso pode ser percebido pelo próprio texto em que o “Junin” fala “já vi que vô tirar um zero” corroborado mais à frente na seguinte passagem: “Essa prova já começa cum pergunta difícil... Que data é”, sendo essa expressão bastante comum entre os alunos no ambiente escolar.

Em relação ao estilo, observamos que o *meme* acima teve a intenção de mostrar as marcas do falar nordestino, portanto, apresenta uma variação geográfica, apresentando um pouco de humor, sendo este percebido principalmente pelo leitor comum escolarizado. Essa variação linguística foi identificada na expressão de termos aglutinados como “armaria” ao invés de “Ave Maria”, comumente falada em outras regiões do país. Além dessa variação, observa-se, ainda, variação na redução fonética do verbo “vou” pela forma “vô”, bem como da substituição do fonema “o” pelo fonema “u” na preposição “com”, que com essa mudança passa a ser pronunciado “cum”. Essas duas variações fonéticas são vistas com muita frequência na fala informal dos nordestinos em situações informais, mesmo de falantes cultos.

Em seguida, passaremos à análise do *meme* 2:



Fonte: Retirado do Instagram do Bode Gaiato. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bodegaiato/?igshid=ucsamy4zc3vx>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

A estrutura composicional do *meme* 2 segue o mesmo modelo que as histórias em quadrinhos. Com a leitura dos quadros na ordem de leitura da esquerda para à direita, em que os personagens mantêm diálogos representados em balões de fala, observamos que nesse *meme* os personagens são: Junin e sua mãe. Sua mãe inicia o diálogo, perguntando ao filho, no caso Junin, como foi a sua prova: “e aí meu fi, como foi sua prova hoje”. Ao questionamento da mãe, o personagem Junin, responde que ficou em dúvida em apenas uma questão da prova, “eu fiquei em dúvida só em uma mermo” dando a entender à mãe que ele havia acertado as demais questões da prova: “ah meu fi, que bom”. Em seguida, a mãe faz um questionamento em relação às demais questões “e o resto?”. A esse

questionamento, Junin fala que “o resto eu tenho certeza que eu errei”. Essa sequência de falas leva o humor do *meme*, uma vez que pela fala de Junin, o leitor é levado, assim como sua mãe, a achar que ele obteve êxito na prova, porém o que ocorre é o inverso.

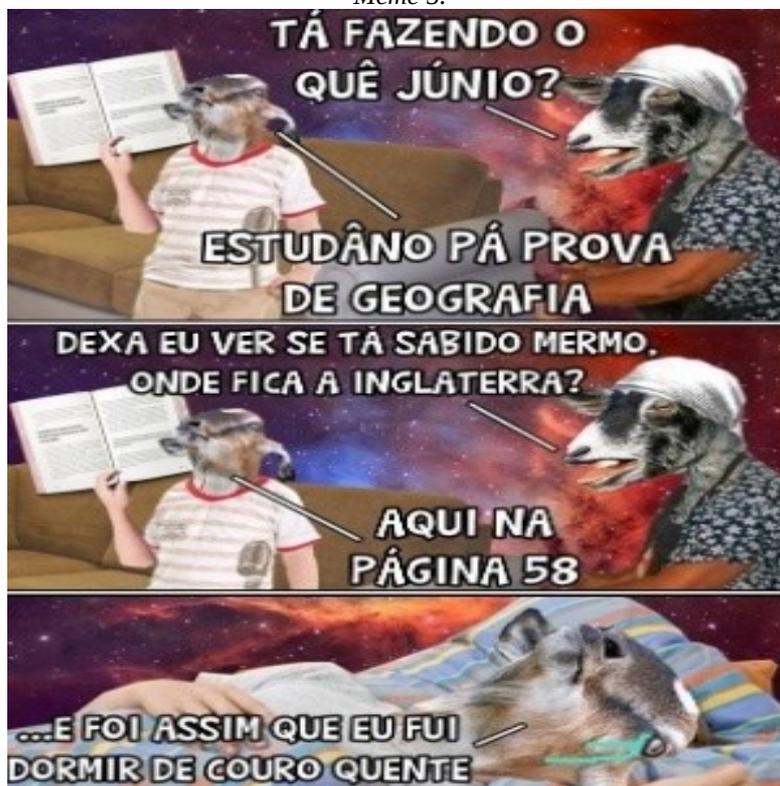
Sobre a imagética do *meme 2* podemos perceber além do semblante sério da personagem mãe de Junin, percebemos ainda no próprio personagem do filho, lágrimas nos olhos do personagem Junin, evidenciado pelo medo de ser castigado por sua mãe, situação essa que é muito comum na região Nordeste quando os filhos tiram notas baixa ou não executam com exatidão suas tarefas na escola.

Quanto à variação, percebemos, assim como no *meme* anterior, uma variação geográfica, marcando a fala nordestina, com a expressão “fi”, por exemplo, a qual ocorre em dois momentos do texto. Em “e aí meu fi” e “ah meu fi”. Essas duas ocorrências são caracterizadas pela perda de segmentos fonéticos ao final da palavra, conhecido na linguística como apócope (perda de uma ou mais letras no final de uma palavra).

Além dessa ocorrência, observamos outra variação linguística no vocábulo “mermo”, no qual há uma substituição do fonema “s” pelo fonema “r”, marcando, mais uma vez, uma variação geográfica do falar nordestino em situações informais.

Visto a análise do *meme 2*, passaremos à abordagem da Figura 3:

Meme 3.



Fonte: Retirado do Instagram do Bode Gaiato. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bodegaiato/?igshid=ucsamy4zc3vx>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

No *meme* 3, temos os dois principais personagens da página virtual “Bode Gaiato”: Junin e sua mãe, assim como no *meme* 2. No primeiro momento, a mãe indaga seu filho “tá fazendo o quê Júnio?”. Esse questionamento da mãe representa uma situação recorrente no cotidiano das famílias, em que as crianças devem revisar o que estudaram no período antes das avaliações. No segundo momento, em resposta à sua mãe, Junin responde: “estudâno pá prova de geografia”.

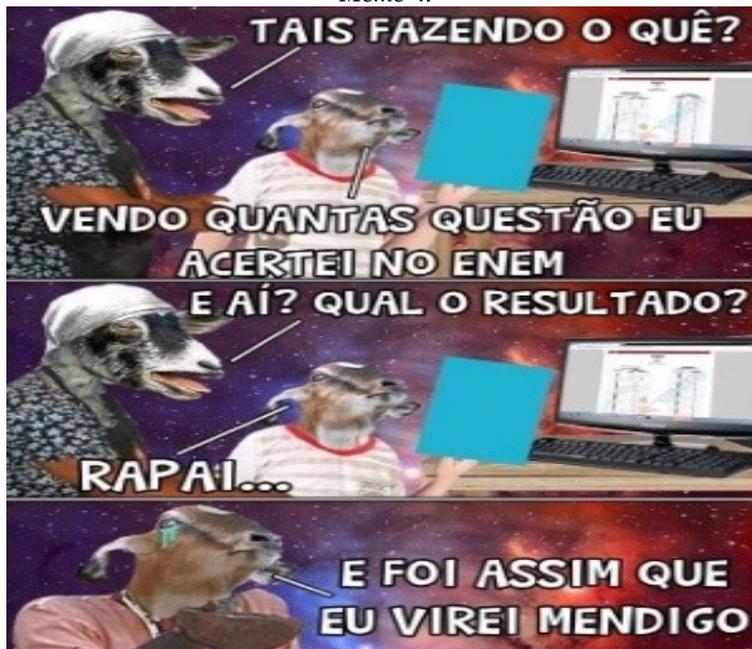
Nos dois primeiros momentos do *meme*, é retratada a preocupação da mãe pelos estudos de Junin. Em seguida, com o intuito de saber se Junin de fato está estudando e se está aprendendo aquilo que está estudando, a mãe faz o seguinte questionamento: “dexa eu ver se tá sabido mermo. Onde fica a Inglaterra?”. Em resposta à mãe, Junin diz: “aqui na página 58”. Essa resposta dada leva o Junin a ser castigado pelo fato de sua mãe entender como uma falta de respeito. O castigo pode ser percebido tanto pela fala de Junin em seguida “... e foi assim que eu fui dormir de couro quente”, quanto pela imagem de Junin deitado, chorando. As reticências antes da fala indicam que Junin apanhou de sua mãe devido à resposta dada. A expressão “couro quente” significa que Junin apanhou, ou seja, levou uma surra.

O *meme* 3 tem a intenção de demonstrar as variantes regionais como forma de retratar uma situação do cotidiano: a preocupação de uma mãe com os estudos do filho, com tom de humor. Assim, no que se refere à variação, é possível observar variações em alguns vocábulos do *meme*, tais como: “tá” (em duas ocorrências), “estudâno”, “pá”, “dexa” e “mermo”. Em todos os casos, assim como os anteriores, marcam o falar nordestino em situações informais.

Assim, podemos perceber que o uso do verbo “está” nas duas ocorrências perdem fonemas, se resumindo a expressão “tá”. Percebemos esta perda de fonema também, nos vocábulos “estudando – estudâno”, “para – pá” e “deixa – dexa”, enquanto que na expressão popularizada “mermo” há uma substituição do fonema “s” pelo fonema “r”.

A seguir, passaremos a análise do *meme* 4:

Meme 4.



Fonte: Retirado do Instagram do Bode Gaiato. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bodegaiato/?igshid=ucsamy4zc3vx>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

No *meme* acima, percebe-se mais uma vez um conteúdo voltado para a temática educação. Na situação retratada, observa-se o Junin em frente ao computador conferindo a quantidade de questões que acertou no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Nesse momento, a mãe de Junin chega e o questiona “tais fazendo o quê?”. A esse questionamento, Junin responde “vendo quantas questão eu acertei no ENEM”. Com o intuito de saber a quantidade de questões acertadas pelo filho, a mãe pergunta “e aí? Qual o resultado”. Em resposta, Junin responde “rapai...”, o que leva a entender que não foi muito bem na avaliação. Em seguida, Junin aparece chorando, o que leva a inferir que ele apanhou da mãe por não ter acertado as questões, fato confirmado mais à frente quando Junin diz: “e foi assim que eu virei mendigo”.

A linguagem utilizada neste *meme* pelos seus personagens é um aspecto de extrema relevância nas histórias do “Bode Gaiato”, pois trata-se de uma linguagem repleta de informalidade, regionalismos, sem seguir a norma padrão, características marcantes nos *memes* da página. Entre as expressões utilizadas, que marcam a variação linguística, pode-se destacar: “tais”, “quantas questão”, “e aí”, “rapai”, “virei mendigo”. Em termos de variação linguística, no vocábulo “tais” – “está” ocorrem perda e substituição de fonemas. Do mesmo modo, na expressão “quantas questão”, percebemos que o personagem Junin suprime o fonema “s” do vocábulo “questão”, fazendo com que haja uma discordância de número (singular/plural) entre pronome e substantivo. A expressão “e aí”, regionalmente utilizada pelos nordestinos, e que significa um modo de chamar atenção de alguém, o mesmo que “ei”. Mais adiante, temos o vocábulo “rapai” que sofre troca do fonema “z” pelo fonema

“i”. E a última expressão deste *meme*, “virei mendigo” que quer dizer foi “expulso de casa”, “virou pedinte”, sendo esta uma expressão muito falada na região Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da problemática que nos incitou a construção deste trabalho, um estudo da variação linguística em *memes* da página virtual “Bode Gaiato” com foco em postagens sobre educação, pudemos perceber como é relevante um aprofundamento nos estudos dessa temática, pois sabemos que o gênero *meme* já faz parte de nosso cotidiano e, principalmente, da cultura digital na qual estamos inseridos.

No decorrer deste artigo, foi apontada a importância da variação linguística dentro do conceito da Sociolinguística, mais precisamente a Variacionista, a qual considera a língua heterogênea e que sua variante se encontra muito ligado ao contexto em que o falante está inserido.

Para a obtenção dos resultados utilizou-se uma metodologia bibliográfica de cunho descritivo em que foram analisados quatro *memes*, buscando verificar as variações linguísticas. Com isso, o trabalho conseguiu apresentar as variações linguísticas no *corpus* escolhido para o estudo, evidenciando as contribuições para a reflexão acerca do assunto, qual seja: a variação linguística.

Portanto, a pesquisa se coloca como um instrumento que pode contribuir para um processo de reflexão, fornecendo subsídios para uma possível mudança no nosso modo de tratar essa temática, que é a variação linguística. Por conseguinte, almejamos com este trabalho contribuir com a produção de conhecimento sobre a temática, evidenciando que o trabalho com o gênero *meme* é uma forma de conhecermos a língua em seus mais diversos contextos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. 21 f. Disponível em: <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2020.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAMACHO, Roberto Gomes. “Sociolinguística - parte II”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteira. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CANI, Josiane Brunetti. **Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme**. Periferia, Minas Gerais, v. 11, n. 2, p. 242-267, maio/ago., 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; OLIVEIRA, Rafael Lima de. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 15, n. 1, p. 08-23, jan./abr., 2019.

FEITOSA, Alceane Bezerra *et al.* **O tratamento dado à variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa**. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD/ LALIMU*, v. 8, n. 22, abr./jul., 2017.

G1.BLOBO.COM. **Bode ‘gaiato’ criado por recifense vira mania e atinge multidão de fãs na web**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criado-por-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Samira Grazielle Barbosa da. **A produção de humor e de sentidos em textos multimodais: análise de memes do Bode Gaiato**. 2019. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

UOL.COM.BR. **“As pessoas se identificam com as histórias de escola”, diz criador do ‘Bode Gaiato’**. 2013. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2013/12/12/as-pessoas-se-identificam-com-as-historias-de-escola-diz-criador-do-bode-gaiato.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS, CONCEITO(S) E PERSPECTIVAS DA LEITURA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Alceane Bezerra Feitosa
Jacqueline Dias de Farias

RESUMO

O presente trabalho objetiva evidenciar, por meio de uma revisão de literatura, aspectos, conceitos e perspectivas da leitura. Para isso, utilizou-se como base teórica o conceito de leitura e suas contribuições. Dentre os teóricos utilizados na pesquisa, destacam-se Alves (2017); Kleiman (2016), Koch & Elias (2012); Barbosa (2010); Solé (1998), dentre outros. Como procedimento metodológico, baseamo-nos em uma pesquisa bibliográfica por termos por base fontes constituídas por materiais já elaborados: livros, artigos, teses e dissertações. Acreditamos após as discussões que, os conceitos de leitura, os aspectos relacionados a ela, bem como suas perspectivas são de suma importância para o professor não só de Língua Portuguesa, mas de todos aqueles que fazem uso da mesma. Além disso, entendemos a leitura como algo imprescindível ao ser humano, seja na sua relação com o outro, seja como mundo no qual está inserido.

Palavras-chave: Leitura. Perspectivas. Conceitos.

INTRODUÇÃO

Pensar o ato da leitura é algo que nos remete ao próprio desenvolvimento humano, pois o processo do aprender a ler traz consigo o sentido de liberdade e formação de ideias. Sendo assim, para a construção deste trabalho, pautamo-nos em textos que trouxessem um melhor entendimento sobre o tema.

Algumas práticas de leitura na escola não fazem mais sentido no mundo contemporâneo e devem ser superadas. A ideia que se tem, em muitas situações, é a de que ler é simplesmente converter letras em sons, ou seja, realizar decodificações. Por conta desta perspectiva equivocada a Escola vem produzindo muitos “leitores” capazes de decifrar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para interpretar e compreenderem o que leem.

Assim, este trabalho busca evidenciar aspectos, conceitos e perspectivas de leitura, por meio de uma revisão de literatura, com o intuito de ajudar professores e alunos. Para alcançar esse objetivo, o estudo se utiliza de uma pesquisa bibliográfica por termos por base fontes constituídas por materiais já elaborados: livros, artigos, teses e dissertações.

Para alcançar o objetivo deste trabalho, fez-se necessário estruturar o texto em seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, *Conceitos de leitura na história*, buscamos perceber como a leitura veio sofrendo alterações de conceitos ao longo da história. Na segunda seção, *Leitura e desenvolvimento humano*, buscamos evidenciar de que modo a leitura influencia no desenvolvimento humano. Em seguida, na seção seguinte, *Metodologia*, traçamos os procedimentos utilizados para alcançar os objetivos. Por fim, na última seção, *O ato de ler: para além de decifrar códigos*, evidenciamos que a leitura é um processo que busca desenvolver nos sujeitos a capacidade de compreensão e interpretação, não somente a capacidade de decifrar códigos.

CONCEITUANDO LEITURA NA HISTÓRIA

O conceito de leitura perpassa por vários períodos da história e cada um deles a compreende de uma forma diferente. Primeiramente é importante entender a leitura como um ato ou efeito de ler, como arte e como prática. Além disso, é um processo abrangente e complexo que envolve vários outros elementos para a sua concretização.

Para Sócrates, de acordo com Santos (2002):

livros, os objetos em si, não o seu conteúdo – eram na verdade, uma barreira à aprendizagem. Para ele havia apenas uma interpretação “apropriada” de um texto, no qual essa interpretação só poderia ser feita por pessoas treinadas no âmbito intelectual. Ele exigia do texto um caráter unidimensional da oralidade, que nas gerações seguintes viria a ser transformado em multidimensional pelo leitor interativo. Ao invés de reconhecer essa evolução na leitura Sócrates repudiou. (SANTOS, 2002, p. 22)

Sócrates entendia que a leitura era algo que devia ser limitada aos intelectuais, pois é algo que requer múltiplos conhecimentos, deixando a margem quem não fosse possuidor dos mesmos. Santos (2002) destaca que essa ideia de leitura de Sócrates sofre uma mudança somente na passagem do século V ao IV, quando houve a transição da tradição oral para a escrita.

Posteriormente, Aristóteles entende a leitura atrelado à subjetividade, trazendo a ideia de interpretação como pode ser visto no exemplo abaixo dado por Santos (2002):

Aristóteles acreditava que a leitura poderia ser feita através de figuras distintas e objeto. Ao desenhar a figura do corpo de um menino como: a cabeça isolada, pernas caídas – tudo isso era uma forma isolada de leitura. Quando ele juntava essas partes do corpo humano podia perceber que a imagem não seria uma parte estática, ou seja, corpo sem locomoção e sim que a figura poderia se movimentar e a cada mudança de posicionamento traduzir-se-ia um certo tipo de leitura, dessa forma, poderia ser um garoto correndo, fingindo estar parado em algum lugar ou até mesmo jogando, cada visão da imagem traduziria exatamente o que era desconhecido para ele. (SANTOS, 2002, p. 22)

Na Idade Média, período de forte domínio da Igreja Católica, grande detentora do conhecimento daquele período, as práticas de leitura começaram a se expandir juntamente com o cristianismo. A esse respeito, Santos (2002, p. 23) destaca que “os ensinamentos cristãos eram divulgados pela leitura por meio de escolas administradas pela igreja que se aprendia a ler”. Diante disso, compreende-se que a Igreja Católica, na Idade Média e até depois desse período, é a grande responsável pelas práticas de leitura ao passo que buscavam expandir o cristianismo.

Dando um salto ao longo da história, os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento norteador para as práticas de ensino, conceituam a leitura como um processo no qual o leitor é o grande responsável pela realização de um trabalho ativo de construção de significados do texto, portanto, é o responsável pela construção de sentido do texto que lê. Isso se dá de acordo com os objetivos que cada leitor tem diante de um determinado texto. Ainda de acordo com os PCN's, a leitura demanda outros conhecimentos, tais como o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto lido, sobre o autor, bem como de tudo que se sabe sobre a língua: características do gênero e do sistema de escrita. (BRASIL, 1998).

Atualmente, várias são as concepções de leituras, as quais estão ancoradas nas mais diversas áreas de estudo da linguagem. Dentre elas, pode-se citar as concepções de leitura centrada no autor, no texto, no leitor e na interação entre autor-texto-leitor.

A primeira, centrada no autor, é compreendida apenas como uma captação das ideias do autor do texto, sem que seja levado em consideração os conhecimentos prévios do leitor. Nesse conceito de leitura, o foco de atenção “é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções” (KOCH & ELIAS, 2012, p.10).

A segunda concepção de leitura é aquela centrada no texto, ou seja, requer foco apenas nele, deixando de lado os elementos que estão fora, inclusive os conhecimentos prévios do leitor. Nessa concepção, o que interessa é a linearidade no texto, uma vez que se compreende que tudo está dito no texto. Para Koch e Elias (2012, p.10) “se na concepção anterior, ao leitor cabia o reconhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto”. Assim como na concepção anterior, o leitor é levado à atividade de reconhecimento, ou seja, de reprodução daquilo que está posto no texto.

A terceira concepção de leitura coloca o leitor no centro do processo. Nesta, os leitores passam a ser vistos como atores, como construtores sociais, como sujeitos ativos, que constroem sentido para os textos, levando em consideração vários aspectos, tais como conhecimentos de mundo construídos ao longo da vida, bem como conhecimentos prévios relacionados ao assunto do texto lido, uma vez que se entende que todo e qualquer texto há uma gama de implícitos que podem ser preenchidos pelos leitores. (KOCH & ELIAS, 2012).

Por fim, a quarta concepção de leitura, o sentido do texto só pode ser construído levando em consideração as intenções do leitor-texto-autor. Para Koch & Elias (2012, p. 11) essa relação se realiza evidentemente levando em consideração “elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo”.

LEITURA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Na escola, a disciplina de Língua Portuguesa é uma das que compõe o eixo do desenvolvimento da comunicação, juntamente com Literatura, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física. É a partir de diferentes códigos que o ser humano se comunica e participa da sociedade. Nesse caso, dentro do ensino da Língua Materna é extremamente importante o desenvolvimento da proficiência leitora dos alunos para o sucesso da compreensão do que se tenciona comunicar.

Em pleno século XXI ainda observamos muitas dificuldades no processo de ensino aprendizagem dos alunos no que diz respeito à interpretação de texto, interpretação de enunciados de questões e identificação dos elementos constitutivos do texto. A maioria dessas dificuldades vem desde as séries iniciais, nas quais o aluno raramente é motivado a ler, a produzir, a opinar, a contar histórias, a sair da zona de conforto e se deparar com o novo através de abordagens ou de vivências no mundo da leitura. Diante do exposto, Andrade (2002) nos diz que:

A relevância da escrita como um fator possibilitador do desenvolvimento cognitivo do indivíduo e da sua inserção social nas sociedades letradas, há muito tem sido identificada e discutida por pesquisadores e educadores. Neste cenário, o papel do ensino da leitura e da escrita destaca-se, já que é na escola que o contato com o sistema de escrita ocorre de forma sistematizada. (ANDRADE, 2002, p. 28)

É possível perceber que apesar da escola ter esse papel de sistematizar o ensino da leitura, o ato vai para além de seus muros, pois segundo Marcuschi (2009, p. 228) “Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo”. Não existe uma definição absoluta quanto ao ato de ler; várias são as teorias e os estudos a esse respeito. De acordo com Martins (2006, p. 17), “quando organizamos nossos conhecimentos em busca da solução de um problema, estamos praticando a leitura”, pois temos a sensação de ter o mundo ao alcance das nossas mãos. Já para Solé (1998, p. 22) “leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, em busca de informações pertinentes ao objetivo que se pretende alcançar”. Portanto, sempre lemos com algum propósito, o que nos possibilita ampliar um universo de possibilidades.

Segundo Pinheiro e Alves (2012, p. 24), a leitura “apresenta uma natureza política e ideológica, sendo capaz, em alguns casos, de moldar o indivíduo a agir de acordo com determinado modo de ver o mundo”. Isto pode ser observado, por exemplo, nos manifestos publicados nas décadas revolucionárias de 1950 a 1970, tanto quanto, em panfletos religiosos disponíveis no século XXI, bem como nas propagandas eleitoreiras em ano de votações. Neste contexto, é de se considerar que “[...] a leitura é uma arma que pode ser utilizada para dominar, com o pretexto de que se está possibilitando acesso à informação, muitas vezes, para justificar e/ou disfarçar ideias autoritárias”. (ALVES, 2012, p. 2449).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), para aprender a ler é preciso que o aluno se depare com os escritos que gostaria de ler. Que interaja com a diversidade de textos escritos, negocie o conhecimento que já tem e o que é apresentado pelo texto, o que está diante dos olhos e atrás. Segundo Kleiman (2016), é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto, e não durante a leitura em voz alta, nem durante a leitura silenciosa, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto.

Barbosa (2010) explica que ler não é mais decodificar e o leitor não é mais o alfabetizado. O leitor é aquele para quem a cada leitura o significado desloca-se e altera-se, tornando profunda sua compreensão dos livros, das gentes e do meio em que está inserido. Ferreira (2002) acreditam que:

[...] a resolução para o problema da formação de leitores, dentro da escola, não está na disseminação de novos métodos de ensino, que, em geral, são elaborados por especialistas distanciados da realidade da escola e da sala de aula; mas que passa pela mudança da concepção que o professor tem sobre a leitura e que está na base de sua ação pedagógica e a orienta. Para tal, o professor precisa envolver-se com a leitura enquanto objeto de conhecimento, compreendendo a sua natureza, os processos cognitivos nela envolvidos e o modo como a criança aprende. (FERREIRA, 2002, p. 43)

Até então a escola não tem levado a sério a existência da escrita diversificada e dos diversos modelos de leitura, mas continua se preocupando exclusivamente com uma modalidade inabalável de leitura voltada unicamente à escrita literária, à escrita dos livros. “É como se continuássemos vivendo com a escrita encerrada nos mosteiros e não presente na rua, nas lojas, em nossa casa”. (BARBOSA, 2010, p. 88). Por essa razão, escola precisa adotar, portanto, estratégias de leitura mais adequada à situação emergente, estimulando seus alunos ao hábito da leitura. Terá de mobilizar esforços de forma mais intensa, pois praticar leitura requer uma dedicação a mais.

Portanto, uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. De acordo com Joanilho e Ohara (2008, p. 1) “a leitura torna-se, cada vez mais, um campo de distinção social. Com o crescimento das taxas de alfabetização e o aumento do acesso

à informação escrita nas últimas décadas”. Em relação à prática de leitura que desperte e cultive o desejo de ler, Cantalice (2004) traz como exemplo a passagem a seguir:

Como exemplo de um modelo de instrução que consiste em 4 etapas. Na primeira - O quê - o professor informa os tipos de estratégia de leitura que podem ser usadas. Na segunda etapa - Por quê - o professor diz ao aluno porquê a estratégia de compreensão é importante e como a aquisição pode ajudar a tornar-se um leitor melhor. A terceira etapa - Como - envolve a instrução direta da estratégia. Ela pode envolver explanação verbal, modelo ou pensar em voz alta. E a quarta etapa - Quando - envolve a comunicação de quando a estratégia deve ser usada ou não, e como evoluir e corrigir seu uso. (CANTALICE, 2004, p. 106)

Com essas estratégias, a tendência é que esses leitores se tornem cada vez autônomos em suas leituras e passíveis de traçarem suas interpretações de forma clara, podendo até mesmo formular questões sobre o que foi lido; conseguindo também relacionar e selecionar o que mais o interessou e assim emitir opinião sobre o assunto lido.

METODOLOGIA

É sabido que pesquisar significa, de modo mais amplo, achar respostas para perguntas que foram levantadas, assim, para Tartuce (2008, p. 25) pesquisar é “um conjunto de ações propostas para encontrar as soluções para um problema que deve ser de modo sistemático organizado”. Baseando-se também em Ruiz (2006, p. 137-138) o método de trabalho “confere segurança e é fator de economia na pesquisa, no estudo, na aprendizagem”, bem como é um “extraordinário instrumento de trabalho que ajuda, mas não substitui por si só o talento do pesquisador”.

Logo, metodologia de uma pesquisa tem como função tornar clara e detalhada toda a ação executada em uma pesquisa. Neste trabalho de investigação, utilizamos de uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório.

A respeito da pesquisa bibliográfica, Santos (2002) compreende que:

faz uma aproximação essencial e de intimidade entre sujeito e objeto, partilhando sentimentos e emoções envolvendo os projetos dos autores, a partir dos quais as ações, as estruturas se tornem significativas, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social fazendo um procedimento de interpretação do nosso dia-a-dia. Assim, ambos tendo a natureza dos dados que o pesquisador emprega em sua pesquisa. (SANTOS, 2002, p. 25)

A pesquisa bibliográfica traz, portanto, a interpretação conforme observação e análise do autor de acordo com as fontes escolhidas e dá a possibilidade de desenvolver e esclarecer conceitos, proporcionando assim um trabalho rico de análise de um determinado tema. Assim, Lima e Miotto (2007):

Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo. (LIMA; MIOTO, 2007, p. 5)

A pesquisa bibliográfica em linhas gerais, foi pensada para esse trabalho na perspectiva de que com ela é possível apresentar os conceitos, delimitar o tema e apresentar propostas de forma ordenada com base em pesquisas que mostraram uma eficácia diante do que nos propomos a fazer.

O ATO DE LER: PARA ALÉM DE DECIFRAR CÓDIGOS

Aprender a ler é uma forma de poder, é uma forma de entender como as coisas são como são e a escola tem um papel fundamental nesse processo. Um papel que é imposto tanto pelo sistema quanto pela própria sociedade. Sobre isso, Ferreira (2002) destaca que:

[...] a escola atual continua pretendendo atingir o objetivo de alfabetização para a qual foi idealizada no período de industrialização da sociedade e que tinha como propósito, apenas, favorecer o acesso dos trabalhadores aos procedimentos e técnicas de leitura e escrita, exigências estas que se restringiam ao automatismo e à repetição das atividades, sem a necessária reflexão sobre elas ou sobre suas implicações e consequências. (FERREIRA, 2002, p. 40)

Desse modo, a escola apenas ensinava a decifrar códigos, o que sabemos que de fato não forma um ser livre, capaz de ler e construir seus próprios significados, pensar e construir respostas para suas questões. Mesmo diante das exigências sociais que estamos a viver neste século, a escola muitas vezes ainda tem um ensino engessado, não sendo o suficiente para que o leitor seja de fato inserido no mundo da leitura e assim compreender o mundo em que vive, tornando-se um ser mais reflexivo.

Um ser capaz de ler para além de decifrar códigos é alguém que vai e escolhe os melhores caminhos para si, verifica e questiona. Para além da escrita e da leitura reflexiva, de acordo com Santos (2002), as estratégias de leitura também podem facilitar este processo, sendo tanto o professor quanto o aluno sujeito ativo desse processo educativo.

Sobre o ensino de estratégias de leitura, Solé (1998) destaca que ocorre por meio em três ideias básicas:

1) A ideia da situação educativa como um processo compartilhado, em que os papéis de professor e aluno se revezam entre a figura e o fundo do todo que é a situação educativa. Neste tipo de concepção, nem o professor nem o aluno se apresentam como o centro do processo, mas como elementos indispensáveis do cenário educativo.

- 2) A ideia de que o professor deve exercer uma função de guia ou orientador. Ele deve favorecer o estabelecimento do elo entre a construção individual pretendida pelo aluno e as construções socialmente estabelecidas.
- 3) A ideia de que os desafios do ensino devem estar um pouco além do que a criança é capaz de resolver sozinha. (SOLÉ, 1998, p. 49)

Assim, o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, tomando como base o desenvolvimento da criança e colocando a ela desafios, faz com que o seu interesse pela leitura seja maior. Cabral (2015) evidencia que:

[...] Quando o leitor se debruça para ler o texto propriamente dito, já está munido, pois, de conhecimentos prévios necessários a compreensão e interpretação textual: no caso dos sistemas alfabéticos como o nosso, deverá ter automatizado o reconhecimento dos traços gráficos que diferenciam as letras entre si, inclusive o mais difícil deles, o da direção desses traços. (CABRAL, 2015, p.106)

Todavia, ainda que o processo da leitura esteja diretamente ligado ao da escrita, a leitura é na verdade anterior a escrita, além de ser algo individual, pois no ato da leitura afloram as subjetividades que perpassam o ser. Sobre essa ideia de diferença entre leitura e escrita, Fischer (2006) esclarece que:

Apesar de a leitura e a escrita estarem plenamente relacionadas, leitura é na verdade, a antítese da escrita. Na realidade, cada uma ativa região distante do cérebro. A escrita é uma habilidade, a leitura, uma aptidão natural. A escrita originou-se de uma elaboração; a leitura desenvolveu-se com a compreensão mais profunda da humanidade dos recursos latentes da palavra escrita. A história da escrita foi marcada por uma série de influências e refinamentos, ao passo que a história da leitura envolveu estágios sucessivos de amadurecimento social. [...] a escrita é pública; a leitura, privada. A escrita é limitada; a leitura, infinita. (FISCHER, 2006, p.8)

Fischer (2006), ainda acrescenta que:

Mas, então, o que é a leitura? A resposta não é simples, pois o ato de ler é variável, não absoluto. Em sua definição moderna mais ampla, a leitura é, como se sabe, a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos. O leitor emprega os símbolos para orientar a recuperação de informações de sua memória e, em seguida, cria, com essas informações, uma interpretação plausível da mensagem do escritor. (FISCHER, 2006, p.10)

A leitura nem sempre teve esse significado, tinha a ver com o ato de decifrar códigos, mas hoje podemos entender como algo bem mais amplo. Logo, para Fischer (2006, p. 11) “a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer outra aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade”.

A LEITURA COMO UM PROCESSO DE LIBERDADE

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, alunos do Ensino Fundamental devem analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas, tecnologias disponíveis etc.).

Cabe ao professor a escola criarem possibilidades para que os alunos possam desenvolver as habilidades meninadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais no tocante ao desenvolvimento da capacidade leitora. Sobre isso, Mahon e Spinillo (2015) compreendem que:

A compreensão leitora assume papel de destaque entre as competências que o indivíduo precisa desenvolver para tornar-se um cidadão bem-sucedido; pois, em uma sociedade como a nossa, o texto escrito faz parte do dia a dia das pessoas nos mais variados contextos sociais, bem como está envolvido na transmissão da grande maioria dos conhecimentos escolares em todos os seus segmentos (da educação infantil aos estudos pós-graduados) e em todas as disciplinas (português, matemática, história, geografia etc.). (MAHON; SPINILLO, 2015, p. 164)

Diante disso, entende-se que a leitura deveria ocupar lugar de destaque no cotidiano escolar, pois, através do trabalho orientado para leitura, o aluno conseguirá apreender conceitos, apresentar informações novas, comparar pontos de vista, argumentar. Dessa forma, o aluno poderá caminhar adiante na conquista de sua autonomia no processo de aprendizado.

A leitura é uma ferramenta com a qual podemos adquirir conhecimento. Ela leva o ser humano a se comunicar socialmente e a praticar de forma mais expressiva a escrita, além de trazer a mente do leitor registros de informações que podem ficar guardadas até serem requeridas. Koch & Elias (2012) no seu livro ler e compreender: os sentidos do texto, reflete que:

A leitura, assim, é entendida como a atividade de capacitação de ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sócio cognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao autor captar essas intenções. (KOCH & ELIAS, 2012, p. 12)

Desde modo, a leitura traz consigo uma gama de sentidos que somente podem ser percebidas por cada leitor dentro de suas particularidades e subjetividades, ao mesmo tempo que possibilita ao homem a capacidade de imaginar e sentir o mundo de uma forma mais intensa e diferente. Diante disso, Alves (2017) ressalta o papel da escola nessa formação e incentivo à leitura:

A leitura incentiva o homem a ter sua capacidade de imaginar, sonhar e ver o mundo diferente, de viver com intensidade a magia da palavra. Nesse sentido, cabe à escola estabelecer relações entre leitura e indivíduos e promover os níveis de desenvolvimento da criança. Diante de tantas possibilidades, a escola tem a função de ensinar a ler num sentido mais amplo, que implica não só a decodificação da linguagem. (ALVES, 2017, p.17)

Em suma, a leitura é capaz de formar seres humanos mais conhecedores do mundo que os cerca, proporciona os indivíduos a refletirem sobre sua existência e entender melhor o seu papel enquanto ser social. Giardinelli (2010) entende que a leitura é:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a leitura abrange os diversos campos do saber e está presente nas mais diversas situações do cotidiano, desde uma simples leitura de um rótulo no supermercado a um manual de instrução, a escola deve oferecer ferramentas que incentive o ato da leitura, propiciando uma formação qualificada e criando leitores competentes, aptos a compreender e interpretar diversos gêneros e tipos de textos.

Além disso, para auxiliar na formação de cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se defrontam, é necessário organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola.

Para isso, faz-se necessário, também, que a escola e os professores propiciem contato sistemático com bons materiais de leitura, pois não se forma bons leitores com leituras realizadas apenas no livro didático. É necessário, pois, oferecer-lhes textos que circulam frequentemente nas mais variadas esferas da sociedade.

Diante de tudo que foi exposto, esperamos ter alcançado o objetivo deste trabalho que foi o de apresentar aspectos, conceitos e perspectivas de leitura, trazendo reflexões sobre um assunto tão importante e necessário para a nossa sociedade, bem como para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a leitura é o caminho para o desenvolvimento escolar e humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Edvânia Paulo de Lacerda. **Leitura no contexto escolar**: a importância nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Itaporanga, 2017.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia científica**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa, primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental**. Brasília, 1998.

CANTALICE, Lucicleide Maria de. **Ensino de estratégias de leitura**. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v8n1/v8n1a14.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. **A escola e o ensino da leitura**. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Trad.: Claudia Freire. São Paulo: Unesp, 2006.

GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler: propostas para ser uma nação de leitores**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

JOANILHO, André Luiz; OHARA, João Rodolfo Munhoz. **A leitura além do texto: as práticas de leitura como marcas de distinção social**. São Paulo: Zahar, 2008.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3 ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *In: Rev. katálysis*. vol.10 n°. spe Florianópolis, 2007.

MAHON, Érika da Rocha; SPINILLO, Alina Galvão. **O que você acha que vai acontecer agora?: um estudo sobre inferências de previsão na compreensão de textos**. Catalogação da Publicação na Fonte Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2015.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Mirthes Moraes dos. **Os processos de leitura e letramento: o entendimento do processo de leitura. A decodificação dos símbolos linguísticos**. 2002. Disponível em: [https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/os-processos-leitura-letramento.htm#:~:text=Segundo%20COLL%20\(1990\)%2C%20a,todo%20seu%20conhecimento%20de%20linguagem](https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/os-processos-leitura-letramento.htm#:~:text=Segundo%20COLL%20(1990)%2C%20a,todo%20seu%20conhecimento%20de%20linguagem). acesso 02 de julho de 2020.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade, v. 23, n. 81, p. 143-160. Campinas, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TARTUCE, Flávio. **Teoria Geral dos Contratos**. São Paulo: Método, 2008.

CAPÍTULO 3

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA POÉTICA PARA A FORMAÇÃO EFETIVA DE SUJEITOS LEITORES: INTERFACES PRÁTICAS

Patricia Stefani Nascimento Paes Landim

Júlia Maria Muniz Andrade

Marcos Carvalho de Alencar Neto

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor reflexões sobre a formação de leitores críticos e reflexivos através da leitura poética. Partimos, especialmente, do aspecto compreensivo de que a poesia é uma alternativa viável para a construção da formação do leitor em aspectos pontuais e para que os indivíduos adquiram o hábito da leitura. Nesse contexto, consideramos também a concepção de leitura literária enquanto fundamental para a formação, levantando principalmente, os cenários de utilização da poesia em sala de aula enquanto um gênero transformador e de expansão criativa. Sabemos que a leitura literária se efetiva desde os anos escolares iniciais com a contação de histórias e se estende até a vida adulta com a análise de obras mais complexas. Para as discussões teóricas, utilizamos autores como Candido (1993), Góes (2010), Cosson (2012), dentre outros. Nesse aspecto, nosso estudo propõe uma análise a partir de eventos de leitura em sala de aula considerando o ensino de literatura a partir da proposição da poesia em sala de aula e das práticas literárias materializadas no contexto escolar. Contudo, a relevância deste trabalho se dá ao perceber os métodos encontrados a partir de elementos como a interação dos alunos, compreensão leitora, estímulo criativo e, sobretudo, formação educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Leitura. Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo sobressair à importância da vivência poética para a formação do sujeito leitor, bem como, o grande valor do trabalho com a poesia na escola, tendo em vista o desenvolvimento do leitor crítico. No que se refere à formação integral do leitor, ressaltar a necessidade do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, destacando seus usos e funções sociais. A poesia é destacada pelas múltiplas possibilidades que oferece, por perpassar vários gêneros, por trabalhar a subjetividade.

A poesia em si ainda sofre certo preconceito tanto por parte de alguns leitores como nos livros didáticos falta ainda uma devida atenção em relação à poesia, nas escolas as aulas de literatura só servem para citar alguns autores da literatura ou exemplo de gramática, faltam experiências de

leituras por parte dos professores para estar repassado isso para os alunos. Considerando esse contexto sabe que a poesia em sala de aula, muitas das vezes o poema só é lida rapidamente nem sempre ela é explicada, nem sempre ela é levada de outras formas.

Dentro deste contexto poético não há muito interesse por parte da maioria dos professores precisa existir amor para trabalhar com a poesia em sala de aula porque é um gênero que demanda criatividade para ser trabalhada para despertar a veemência dos alunos. O perfil dos educandos em sala de aula vai depender muito de como é a feição do professor porque são eles que plantam a semente leitora nos alunos, vamos dizer assim.

As aulas de português deveriam existir uma hora aula dedicada especialmente voltada para literatura aonde essa aula deve ser dinâmica aonde o professor trataria a poesia de forma divertida para tentar aproximar os alunos desse mundo poético que ainda e muito rotulado como chato, enfadonho por haver muita leitura, alguns leitores não se identificam porque acha o meio poético muito romântico, por isso à importância do educador dominar essa arte poética para mostrar todas as facetas que a poesia pode trazer.

Pelo meio da leitura que os professores poderão tentar fazer com os alunos enxerguem e perceba que os cercam o hábito de ler os ajudaram formar diversas opiniões e até mesmo um senso crítico que se tornara mais aguçado por meio da leitura que não podem ser repetidas sempre o professor deve procurar algo novo em torno da leitura poética só assim através das aulas de literatura os alunos conseguiram imaginar viajar para outro mundo através dos livros poéticos dentre outros, é ponto importante que a leitura nos fornece é que pode existir a educação escolar, familiar e grupal que dentro de uma sala de aula isso é extremo valor.

POSSIBILIDADES CONSTITUTIVAS A PARTIR DA LEITURA LITERÁRIA

Iniciaremos as discussões sobre concepções de leitura entendendo e partindo de pressupostos que darão base para essa compreensão da construção do indivíduo leitor e da relação com texto.

O ato de ler faz com que nos ampliamos nossos pensamentos nos torna criativos é muito importante à leitura de livros, revistas, além de formar o senso crítico ajuda a desenvolver diversas opiniões, auxilia na formação de leitores críticos e reflexivos capazes de viver em meio à sociedade.

A leitura nos confere o poder de enxergar e perceber o que nos cerca, para que na sociedade possamos assumir diferentes papéis na construção da sociedade para que exista o respeito do bem coletivo para que os valores humanos sejam valorizados. Segundo afirma (ANTUNES, 2009, p.193).

A leitura nos dá o poder de emersão, nos confere o poder de enxergar e perceber o que nos circunda, a fim de, como cidadãos, assumirmos nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos.

Por meio da leitura o cidadão assume seu papel na sociedade papéis esses que são importantes na construção da sociedade respeitosa, pessoas conscientes que em uma sociedade deve se existir o respeito para com o próximo é que o bem coletivo deve prevalecer entre os indivíduos e através da leitura poderá se construir uma sociedade que respeitem os valores humanos.

O hábito de ler ajuda a formar diversas opiniões e um senso crítico, mas o senso crítico se tornara mais aguçado a partir de leitura de livros que formaram o senso crítico, mas não deve ser repetida leituras sempre deve procurar algo novo em torno da leitura. Segundo (GOÉS, 2010, p.47) nos relata sobre o hábito da leitura.

O hábito da leitura ajudará na formação de opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipo empobrece.

Através da leitura somos levados a outro mundo seja através dos livros, revista, podendo ser também um entretenimento que nos favorece a refletir em relação à realidade que está ao nosso redor ou, ao mesmo tempo a fuga dele.

Importante ressaltar que isso nos leva a curiosidade, ativa a criatividade nos leva a sonhar além de aprimorar nosso vocabulário e instiga o raciocínio, a interpretação e aprimora a escrita o contato com a leitura formula e organiza uma linha de pensamento também ajuda na memorização. Sempre é importante lembrar que uma leitura deve ser realizada de forma prazerosa.

São através da leitura que adquirimos novas ideias, informações.

Pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo (ANTUNES, 2009, p. 193).

Através da leitura temos acesso a novas ideias adquirimos diferentes concepções acerca do mundo, o conhecimento cresce em torno das pessoas, conhecimentos sobre os planetas a perspectiva acende em torno do universo através da leitura.

Aptidão de refletir sobre as relações entre o texto lido e nossa própria vida. Pela leitura desde que o mundo e mundo promoveram nossa entrada nesse grande dialogo e acaba existindo uma inclusão social, se não existir a leitura não é possível ter contato com as transformações ocorridas no torno do leitor assim salienta (ANTUNES, 2009, p. 195).

[...] ler é uma forma de saber o que se passa o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma

de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas, ou dos planos e projetos em andamento.

A leitura tem papel de trazer dados, de fazer com que o leitor pense e repense no que diz, despertando no leitor o pensamento da sua própria existência quando o acesso a leitura é constante automaticamente a pessoa é incluída na sociedade, a leitura afirma a legitimação pessoal.

A leitura envolve uma prática entre dois sujeitos que é o leitor e o autor onde o leitor passará interpretar as ações do autor fazendo assim uma reconstrução dos sentidos no texto através do conhecimento linguístico textual e do mundo.

Segundo (COSSON, 2012, p.17) o letramento literário que nos permite não só saber da vida pela experiência dos outros, mas também podemos vivenciar essa experiência, através disso podemos entender que podemos conhecer o mundo através da experiência dos outros essa experiência se dar por meio da leitura literária é pelo meio desse tipo de leitura que podemos experimentar as experiências de outras pessoas. Conforme (COSSON, 2012, p.17).

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor.

Por meio da leitura literária que podemos adquirir experiências e experimentar as experiências de outras pessoas é isso que a leitura nos fornece o poder de vivermos algo por meio dos nossos olhos o que significa isso, ou seja, a leitura adquirida através da nossa leitura, através disto começa o processo de formação tanto da linguagem quanto do leitor.

O autor nos fala sobre a importância da leitura literária de como pode nos ajudar quão prazerosa pode ser a leitura literária, o que ela nos fornece e a proficiência que esse tipo de leitura nos traz. Segundo (COSSON, 2012, p. 30):

A leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Aqui podemos perceber bem o que o autor nos descreve qual a função real da leitura literária é de nos ajudar a ler melhor e nos possibilita na criação do hábito de leitura prazerosa e, sobretudo porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz instrumentos necessários para o conhecimento à articulação e proficiência com o mundo feito linguagem.

CONCEPÇÃO LITERÁRIA À LUZ DE ANTONIO CANDIDO: REFLEXÕES PRÁTICAS

Neste tópico, iniciaremos a nossa discussão a partir da concepção literária proposta pela teoria de Antônio Candido autor crítico literário que apresenta estudos sobre a obra literária brasileira é afirma que a crítica produzida aqui serve de base os estudos dos escritores brasileiros e serve para comparação aos autores estrangeiros segundo (CANDIDO, 2004, P. 229).

[...] estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada porque nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando os como critérios de validade.

A respeito à Formação da Literatura brasileira Antonio Candido realiza um estudo acerca da literatura brasileira como “[...] tendências universalistas e particulares” (CANDIDO, 2000, P.23). Essa é a forma que Candido propôs para analisar nossa literatura, perfazendo uma interpretação da sociedade brasileira estudando as obras, literárias como princípio.

Candido nos apresenta a literatura claramente como uma manifestação universal de todos os homens ele nos fala que é impossível o homem viver sem ela sem que não tenha contato com alguma espécie de fabulação.

Candido chama a literatura de uma maneira ampla, todas as criações com toque poético, ficcional ou dramático todos dentro do nível da sociedade englobando todas as culturas nos fala ate das difíceis produções das escritas das grandes civilizações. Segundo (CANDIDO, 2002, p.174-175).

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. [...] Não há equilíbrio social sem a literatura.

Aqui podemos observar que a literatura é um fator indispensável de humanização, confirma humanidade do homem porque atua no seu consciente e inconsciente.

A literatura é importante na educação familiar, escolar e grupal, porque cada sociedade cria suas manifestações poéticas, dramáticas e ficcionais observando seus impulsos e suas crenças sentimentos.

Entendemos que nas sociedades a literatura é um instrumento poderoso de educação. Os valores impostos pela sociedade estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia, e da ação dramática. Segundo (CANDIDO, 2002, p. 175). [...] os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da gramática.

Candido nos fala que toda obra literária é antes de qualquer coisa uma espécie de objeto, ou seja, objeto construído e que tem um grande poder humanizador.

É importante ressaltar o amadurecimento da literatura brasileira citando a obra de Machado de Assis, nessa colocação, Candido aponta

Uma literatura só pode ser considerada madura quando experimenta a vertigem de tais abismos. Na brasileira, experimentou-a intensamente Machado de Assis, dando-lhe, por esta forma, razão de ser num plano supranacional. (CANDIDO, 1993, p. 193, v.2)

Candido se preocupa em demonstrar o elemento nacional de uma literatura autêntica que permanece sempre presente em seu pensamento, através da obra de Antonio Candido fica claro o conceito de sistema.

Na sua obra ele consegue diferenciar a ideia de manifestação literária, fala também sobre a formação da nossa literatura brasileira e destaca o sistema literário, ele toma como base a tradição que é construída através de sua apreensão com nacionalidade.

Ele se refere à existência de produtores literários qual o papel deles na sociedade produtores mais ou menos conscientes, existe também a formação de diferentes tipos de públicos porque se não existir público a obra não consegue sobreviver por isso ele ressalta a importância de formar produtores literários. Vejamos o que o próprio autor tem a dizer a respeito (CANDIDO, 2014, p.25).

Para compreender em que sentido é tomado a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização.

Podemos perceber a preocupação dele com a construção da nacionalidade nos momentos de formação do sistema literário, ele também cita os elementos da natureza como a social que se refere à sociedade e a psíquica através disto torna a literatura um aspecto orgânico da civilização, e as características internas como língua, temas e imagens.

POESIA E SUAS INTERFACES PARA A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR

Neste tópico, iniciaremos a discussão sobre a importância da poesia na formação do sujeito, considerando que possui ampla relevância na formação crítica e reflexiva do leitor. Através dela o homem se encontra com a cultura humanística, propicia uma ampla crítica dos valores da sociedade, por meio da poesia conseguimos viver o mundo, a poesia é uma arte. Por meio da rima, o ritmo e a sonoridade vêm à descoberta da linguagem escrita. O poema nos permite inúmeras leituras em relação a ele, a leitura poética vai além da realidade aonde no texto o leitor se reconheça.

O texto poético abre as possibilidades do leitor para pensar sobre a língua e sua carga expressiva, assim como os outros textos o poético também traz informação, faz com o leitor se posicione e reflita sobre o contexto social.

Assim a poesia tem esse poder de formar leitores críticos e reflexivos através de poemas que retratam a realidade social existencial porque por meio da leitura o leitor consegue sentir o que o poema retrata.

A poesia é conhecimento, poder, abandono, salvação, e o encontro do homem consigo mesmo, ela consegue transformar o mundo de uma forma mágica, o exercício da poesia é revolucionária, porque é uma expressão de nações, raças, classes.

Consegue resolver os conflitos e os objetivos dos homens que é adquirido por eles, tem uma superioridade na sua arte de falar, a poesia se compara há um caracol que ressoa a música do mundo é uma harmonia universal a poesia e a música da alma. Assim salienta (PAZ, 1982, p.15):

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem.

Aqui o autor nos mostra a definição da poesia, mostra a experiência dele com a poesia, vai além do corpo e alma do bem e do mal, a poesia é capaz de transformar o mundo poesia transmite sensibilidade conhecimento o fazer poético e revolucionário por natureza aqui a poesia vai de encontro com ser humano e o poeta com o leitor.

Importante à poesia para o homem que através dela o homem consegue se encontrar consigo mesmo na medida em que a linguagem poética sobressair. A literatura tem um papel principal que é de construir e estimular a transformação de valores que foram defasados pela sociedade.

A poesia é uma forma mais radical que a educação pode oferecer liberdade através da leitura por meio da poesia podemos ter a oportunidade de crescimento e desenvolvimento sociolinguístico, cognitivo e afetivo dos estudantes todas essas práticas devem ser desenvolvidas em sala de aula.

De acordo com (FILIPOUSKI, 2006, p.338):

“A poesia é uma das formas mais radicais que a educação pode oferecer de exercício de liberdade através da leitura, de oportunidade de crescimento e problematização das relações entre pares e de compreensão do contexto onde interagem”.

Poesia trabalhada em sala de aula faz com que os seus leitores cresçam poeticamente falando além de enriquecer o conhecimento através da leitura, a sala de aula é à base de formação de leitores críticos e reflexivos e cidadãos prontos para interagirem em sociedade.

A POESIA ENQUANTO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO

É importante reiterar o papel transformador da poesia em sala de aula, como a poesia consegue trazer a fuga da realidade ao mesmo tempo em que podemos viajar através de cada verso.

E importante trabalhar a poesia em sala de aula que desperta a criatividade dos alunos, desperta o caráter interpretativo dos educandos.

A poesia em sala de pode abrir a imaginação os sonhos das pessoas, existe muitos poemas que reflete o que a pessoa esta sentido e onde as pessoas conseguem se encontrar em meios a tantas palavras.

As escolas precisam incentivar os seus alunos a lerem poesias e fazer o devido reconhecimento dessa prática, porque dessa forma seria interessante reconhecerem seus leitores. A poesia é capaz sensibilizar o ser humano por isso fica em evidencia a importância de trabalhar esse gênero em sala de aula por contribuir para promoção da leitura literária. Ressalta (NUNES, 2016, p. 154):

A poesia é capaz de sensibilizar o ser humano, e nesse sentido evidencia-se a importância de trabalhar o gênero em fase escolar, para tanto deve ser levado em conta tanto a recepção quanto às contribuições da poesia para a promoção da leitura literária.

Através disso é possível uma formação cidadã sensibilizada e acima de tudo humanizada por meio de atividades contínuas com o fazer poético ressaltando o senso criativo dos alunos.

Na sociedade em que vivemos falta muito isso a sensibilização dos ser humano e a humanização pessoas que se compadeça com os semelhantes é essa pratica em sala de aula pode aguçar isso dentro do ser humano.

Um método essencial para trabalhar poesia em sala de aula que é indispensável é um professor leitor quanto a isso (BAMBERGER, 1986, p.74-75):

Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leituras são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.

É importante que o professor seja um bom leitor porque através de seu conhecimento partir da leitura é possível desenvolver nos alunos o interesse por ler. A personalidade do professor influencia muito com a educação dos alunos.

Segundo (COSSON, 2014, p.131) o professor não pode criar uma ideia do texto literário na sala de aula como se fosse um marco para ser admirado pelos alunos, o professor precisar mostrar para os alunos que esse tipo de texto precisar fazer parte do convívio dos educandos que deve ser explorado sempre em sala de aula e sempre o professor como orientador dessas leituras para que os alunos explorem todas as características possíveis textuais. Assim salienta (COSSON, 2014, p.131).

[...] é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades deste tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.

O papel do professor é mediar os alunos para tentar sensibilizar para recepção e exploração desse gênero literário para que haja um sentido para a leitura do texto literário tanto para o aluno e para a sociedade em que está inserida, a literatura é muito rica em conhecimento e precisa ser bem explorada em sala de aula.

É muito importante que o educador coordene o estudo da poesia e sala de aula para que os alunos interajam e conheçam esse gênero literário rico em saberes poética poesia sensibiliza as pessoas porque penetra nos sentimentos é em sala é importante que aconteça para que os educandos se sensibilizem consigo mesmo e o com semelhante assim as aulas de literatura se tornara mais harmônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo abrangente sobre a leitura poética e como essa leitura pode contribuir para a formação de leitores críticos e reflexivos e possibilitando alternativas viáveis para a construção e formação do leitor em aspectos pontuais para que o indivíduo assim adquira o hábito de leitura.

Sabemos que a leitura literária se efetiva desde os anos iniciais, ou seja, na infância para que essa pratica literária possa se fazer eficaz e que se estenda ate a vida adulta com analise de obras bem mais complexas.

O professor é um dos principais mediadores entre a leitura e o aluno, assim, precisa ser dinâmico. O educador deve utilizar todas as estratégias possíveis para elaborar um bom plano de aula para trabalhar a poesia em sala de aula porque, além de ensinar, o professor fará com que despertem a imaginação, assim, indagá-los sobre a importância que a poesia trará para suas vidas, tanto acadêmica quanto social, porque a poesia ela consegue sensibilizar o ser humano.

Podemos concluir que a poesia quando bem executada em sala de aula o professor terá resultados satisfatórios porque o professor nessa jornada de conhecimento entre o aluno e a poesia é importante e o docente que instiga os educandos a conhecerem o mundo fantástico da poesia o mundo imaginação que esta em cada estrofe rima do poema de como a poesia pode esta presente em quase tudo que nos cerca que ela é capaz sensibilizar de como está engajada no meio social que quando ensinada desde infância consegue se perpetuar até a vida adulta conseguindo assim formar leitores assíduos, críticos prontos a estarem no meio social.

Contudo, a poesia explorada de maneira abrangente em sala de aula consegue atingir vários pontos da sociedade. Abrange o meio social, econômico, dentre outros, e em sala de aula não se deve só romantizar a poesia, mas trabalhar com todos os tipos de manifestações temáticas mostrando aos alunos o universo de expressão possibilitado diante da prática poética.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática/UNESCO, 1986.
- CANDIDO, Antonio. "**O direito à leitura**". In: Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 174-5.
- CANDIDO, Antonio. Estrutura literária e função histórica. In: _____. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 169-192.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CANDIDO, Antonio. Literatura comparada. In: _____. **Recortes**. 3. ed. Ouro sobre Azul, 2004.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. "**Para formar leitores e combater a crise da leitura na escola: acesso à poesia como direito humano**". In: Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras. Momentos da Poesia Brasileira-Dossiê Mario Quintana. Porto-Alegre, JUN./JUL. 2006.
- GÓES, L.P. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- NUNES, Ginete C. **Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental**. Id on Line Revista de Psicologia, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 152-159. ISSN 1981-1179.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CAPÍTULO 4

LETRAMENTO EM FOCO: CAMINHOS PARA A PRÁTICA SOCIAL EM UNIVERSO DE LEITURA E ESCRITA

Ludimila da Silva Oliveira
Júlia Maria Muniz Andrade
Marcos Carvalho de Alencar Neto

RESUMO

A presente pesquisa levanta uma reflexão sobre o valor atribuído a leitura e escrita, considerando que o aluno deve, já no início de sua trajetória escolar, envolver-se em tais práticas. Isso implica aprofundar a reflexão sobre os textos lidos e produzidos, da mesma maneira compreender o porquê leu e/ou escreveu. Diante da necessidade de analisar os processos de leitura e escrita sob a ótica do letramento, bem como, entender até que ponto as práticas de letramento contribuem para a inserção humana na sociedade, fundamentado em teóricos como Street (1984), Kleiman (1995), Soares (1998), entre outros. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a abordagem bibliográfica que busca refletir sobre a importância do processo de letramento como prática social para a efetivação da leitura e da escrita. Com base nos estudos, pode-se concluir que o letramento direciona contextos significativos para formação de indivíduos, especialmente no cenário atual em que a leitura e a escrita estão em todas as esferas sociais. Portanto, enfatizamos a importância de conceber a educação dentro do contexto sócio-histórico e cultural em que vive cada indivíduo, pois assim formaremos cidadãos críticos que além de ler e escrever expressam-se de maneira a exercer sua cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Alfabetização. Prática social.

INTRODUÇÃO

Atualmente, no mundo em que vivemos a leitura e a escrita são tidas como fatores fundamentais para a inserção humana na sociedade. Evidencia-se que nessa sociedade as informações são disseminadas em ritmo acelerado a todo instante, e na maioria das vezes são repassadas por meio da leitura e da escrita.

Em uma sociedade como a nossa, em que o contato com mundo letrado acontece desde muito cedo, as questões que permeiam a leitura e a escrita, enquanto práticas sociais, passaram a ser alvo de muitos estudos. Através desses estudos assistimos à redefinição do conceito de alfabetização, que do “ensinar a ler e a escrever”, passou a abranger novos métodos e designações. Em razão dessa nova visão do uso da leitura e da escrita, surge o termo letramento que diz respeito aos usos da língua não apenas em ambiente escolar, mas em todos os lugares.

Na medida em que o conceito de letramento foi apresentado e discutido no âmbito escolar, percebeu-se a importância de se trabalhar a educação dentro do contexto sócio-histórico e cultural em que vive cada indivíduo, ou seja, o letramento entende que as experiências e o contexto histórico no qual estamos inseridos devem ser considerados.

Antes mesmo do primeiro contato com a escola a criança esbarra com a escrita a sua volta, vendo o pai ler o jornal, a mãe fazendo uma lista de compra de supermercado, o avô conferindo a conta de luz, etc. De tal modo, a criança é levada a captar o sentido desses diferentes portadores, o que a inclui nos usos sociais da escrita.

Ao ingressar na escola, a criança já traz consigo uma bagagem diversificada de conhecimentos, o papel da escola passa a ser garantir que esses conhecimentos sejam expandidos, para isso deve-se criar situações que façam com que esses sejam sistematizados e desenvolvidos.

Sabemos que aprender a ler e escrever é um direito de todos, e a escola é, desde muito tempo, a principal responsável pela inserção da criança no mundo letrado. Mais do que colocar o aluno em contato com a escrita, ela possibilita a formação do sujeito que além de codificar e decodificar signos linguísticos é capaz de exercer sobre eles influências variadas. Diante disso, buscou-se desenvolver um estudo bibliográfico de cunho qualitativo com o propósito de produzir um saber mais profundo sobre o tema.

Estamos a todo tempo passando por transformações de ordem cultural, social, econômica e política, mudanças que nos levam a reconhecer que saber ler e escrever não basta, é necessário também que façamos o uso do ler e do escrever, ou seja, atender as imposições de leitura e escrita feitas pela sociedade. Com isso, o papel da escola vem sendo ampliado e sabemos que ao promover o letramento, efetivamente, é possível favorecer a inclusão social e ofertar possibilidades de cidadania.

As escolas precisam trabalhar com textos reais, que façam parte do cotidiano do aluno, isso significa trabalhar com uma grande diversidade cultural e social, que irá exigir do professor mais esforços e estratégias de ensino, diferentes olhares diante do objetivo de formar cidadãos aptos a responderem adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. Pensando nisso, nossa pesquisa busca investigar e compreender a leitura e escrita sob a ótica social e a forma pela qual o letramento é capaz de formar cidadãos críticos que além de ler e escrever expressam-se de maneira a exercer sua cidadania.

CONCEPÇÃO DE LETRAMENTO: UM PERCURSO HISTÓRICO

Baseado nos conceitos e compreensões a respeito dos estudos sobre letramento e suas implicações para as práticas sociais dos indivíduos, é possível perceber que o termo vem ganhando novos significados devido às diversas mudanças sociais ocorridas em nossa sociedade.

A produção de estudos e pesquisas sobre as práticas sociais de leitura e escrita é bastante vasta, podemos citar como referência, por exemplo, os estudos de Brian Street sobre o letramento como prática social. Em seu livro, *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*, escrito originalmente no ano de 1995 e traduzido para a Língua Portuguesa por Marcos Bagno em 2014, Brian V. Street traz, segundo o seu prefácio, abordagens alternativas e críticas à concepção de letramento numa perspectiva internacional, que visa estudar as aplicações e as definições do letramento no dia a dia e nas relações sociais dos sujeitos.

O vocábulo “letramento” é usado por Street (1984, p. 1) para designar "práticas sociais e concepções de leitura e escrita" assimiladas por um sujeito ou grupo social. Em suas pesquisas buscou elucidar as abordagens existentes sobre o letramento, para isso propõe dois modelos de letramento que recebeu as seguintes nomenclaturas: modelo autônomo, que prioriza a cognição e desconsidera os contextos sociais e culturais dos indivíduos, e modelo ideológico, que opta por o social.

[...] primeiro refere-se, basicamente, às habilidades individuais do sujeito, e o último às práticas sociais que envolvem leitura e escrita em geral. No modelo autônomo, estão incluídas as atividades de processamento da leitura, tanto as que ocorrem de forma consciente como as inconscientes na construção de sentido do texto. Os pesquisadores dos novos estudos dos letramentos consideram que são necessárias mais que habilidades para resolver alguns dos problemas que os estudantes enfrentam nas atividades de leitura e escrita [...] enfatiza o processo ideológico de letramento, que propõe uma prática social implícita nos princípios socialmente construídos, pois os modos pelos quais as pessoas usam a leitura e a escrita são atrelados a concepções de conhecimento, identidade e modos de ser e estar, nas práticas sociais ou contextos particulares. (STREET, 1995 apud COLAÇO, 2012, p. 2).

Na concepção Street, o modelo autônomo é tido como um conjunto de práticas sociais unidas à leitura e à escrita, sem obrigatoriamente serem direcionadas ao contexto social. Logo, isso nos leva a concluir que no modelo autônomo existe uma anulação da vida social do sujeito, uma vez que separa a linguagem da sócio-história. Nesse sentido, Kleiman (1995, p.21), enfatiza que essa marca de “autonomia” “refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado”.

O modelo ideológico, por sua vez evidencia que as práticas de escrita e de leitura devem levar

em consideração o contexto sociocultural. Street (2014), explica que:

O modelo ressalta a importância do processo de socialização na construção de significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições “pedagógicas” (STREET, 2014, p. 44).

Assim, podemos presumir que no modelo ideológico existe uma maior sensibilidade no que diz respeito às práticas de letramento, pois nesse modelo entende-se que as habilidades técnicas encontram-se permanentemente sendo usadas em contexto social e ideológico. É importante frisar que essa segunda concepção de letramento não deve ser entendida com uma negação da primeira, mas sim como um modo de compreender o letramento nas práticas concretas e sociais.

No Brasil o termo letramento chegou em meados da década de 80, uma tradução da palavra inglesa *literacy*, que quer dizer “a condição de ser letrado”. Mary Kato, linguista genuinamente brasileira conhecida por seus trabalhos sobre aquisição da linguagem, foi a primeira a nos apresentar o termo letramento, em seu livro publicado no ano 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística). Mas foi só em 1988 que Leda Tfouni, em *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, define a palavra com um significado técnico.

Tfouni ao estudar os muitos caminhos e descaminhos da alfabetização e do letramento compreendeu que “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p.20). A autora nos faz entender que tanto a alfabetização quanto o letramento são prática que têm particularidades, enquanto uma é conhecida pelo caráter individual a outra destaca-se pelo caráter social. Para ela o letramento supera o processo de alfabetização, pois ele se centraliza em um social mais abrangente.

Assim com Leda Tfouni, outros autores tiveram que refinar sua visão sobre alfabetização e foi assim que passaram a fazer o uso de um novo conceito: o de letramento. Mesmo reconhecer a complexidade que é dar conta de estabelecer um conceito singular para o termo letramento, muitos arriscaram em definir a expressão. Esse foi o caso de Kleiman, que assim como Tfouni, contempla o letramento como sendo algo mais amplo. Ela define o vocábulo como sendo “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). Ainda conforme a autora:

O letramento é complexo e abrange mais do que uma habilidade ou uma competência do sujeito que lê. É um processo que envolve diversas capacidades e conhecimentos em relação à leitura de mundo, o qual se inicia quando a pessoa começa a interagir socialmente com as práticas de letramento e o meio em que vive. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

Enquanto Tfouni considera que o letramento é fator e resultado do desenvolvimento, ou

melhor, vai além da escola e do processo de alfabetização, pois exige do sujeito mais do que o domínio do sistema alfabético e ortográfico, Kleiman inclui as próprias práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas ocorrem na caracterização de letramento. Veja que ambas compreendem que o letramento é um fenômeno amplo que transpassa o desenvolvimento da escrita e seu código (alfabetização).

Para Soares (1998, p.18), letramento seria “o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Isso nos sugere que a apropriação da escrita permite, tanto ao grupo social em que está inserido como ao indivíduo que aprendeu a usá-la, uma nova forma de inserção cultural, econômica, política, social, etc. No seu livro, *Letramento: um tema em três gêneros*, a autora esclarece que:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, assumi-la como sua “propriedade”. (SOARES, 1998, p.39)

Segundo essa concepção, ter aprendido a ler e a escrever não é a mesma coisa que ter-se apoderado da escrita, ou seja, saber ler e escrever não é suficiente, é preciso fazer o uso dessas atividades de modo a responder às exigências feitas constantemente pela sociedade.

Seguindo essa linha de pensamento é possível perceber que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente letrado, já que, a concepção de alfabetização está ligada à ideia de saber codificar e decodificar o sistema de escrita, já a concepção de letramento está relacionada com a capacidade de o sujeito usar a linguagem escrita para atender suas necessidades individuais como também para atender as necessidades sociais da sociedade que venera a norma culta.

Por tanto, na sociedade que vivemos o processo de codificar e decodificar a língua escrita não é o bastante para vivenciar de maneira absoluta a cultura escrita, é fundamental saber lidar de forma autônoma com os empregos da leitura e escrita em situações diversificadas. Em suma, podemos dizer que o indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, enquanto o letrado é aquele corresponde às demandas que estão relacionadas com essas práticas

Mortatti (2004), compreende que o conceito de letramento estaria agregado às funções da língua escrita e seus usos nas sociedades letradas. Prova disso, é que vivemos em uma sociedade na qual a leitura e a escrita medeiam às interações humanas.

Nessa sociedade grafocêntrica, a escrita, segundo a autora, “assume importância central na vida das pessoas”, já que tudo se constrói em volta dela. Nesse caso, o letramento estaria associado justamente aos usos da escrita nessa sociedade que a tem como o centro, onde a comunicação e interação por meio da fala já não é mais suficiente.

A partir da análise da autora podemos entender que nas sociedades grafocêntricas todo sujeito

está inserido em um espaço letrado e usufrui da leitura e da escrita conforme suas necessidades. Desse modo, observa-se que o letramento tem uma forte conotação social e ganha sentido através dos usos situados que fazemos a partir de nossas habilidades em leitura e escrita.

Do ponto de vista de Jung (2007) as pessoas utilizam a escrita e a leitura em diferentes domínios e com objetivos diversos, e criam, desse modo, a partir de eventos e práticas sociais, seu próprio letramento. Sobre isso, a autora diz que:

[...] o conceito de letramento surgiu para resgatar a ideia pluralista de aquisição e uso da leitura e escrita na sociedade, ou seja, as pessoas usam a leitura e a escrita em diferentes domínios sociais, com diferentes objetivos, interagem de forma diferenciada com o texto escrito, enfim, somente um conceito em termos de eventos e práticas sociais é capaz de abarcar toda a dinamicidade que envolve um evento no qual um texto escrito constitui parte essencial para fazer sentido nas situações modernas. (JUNG, 2007, P.90)

Considerando, portanto, as concepções apresentadas por esses autores sobre letramento, somos capazes de compreender que o termo está profundamente ligado ao nosso modo de viver na sociedade, a nossa inserção cultural, assim como, a nossa relação com os outros, com o contexto e com os bens culturais. Por essa razão, encontrar apenas um significado que abarque o termo letramento aparenta ser algo complexo. De acordo com Soares (2009, p. 65), alguns empecilhos que contribuem para as dificuldades de se estabelecer uma definição exata para o termo devem-se em razão que:

[...] o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição. (SOARES, 2009, p. 65)

Como já mencionado conceituar letramento é algo complexo, e o que temos como certeza é que o Letramento como prática social tem em vista as práticas sociais concretas, capazes de transformar as pessoas até então excluídas, especialmente por não terem se apoderado da leitura e a escrita no cotidiano. De tal modo, compreende-se que o letramento como prático social é capaz de contribuir muito para uma nova prática de ensino que proporciona ao aluno uma visão crítica sobre a realidade, desenvolvendo sua identidade como indivíduo.

A nossa sociedade é formada de diversos e diferentes eventos de letramentos, de tal modo usamos e adquirimos letramento o tempo todo, fato que nos garante está evoluindo o a todo o momento.

Atualmente, os debates e políticas de desenvolvimento do letramento levam em consideração diversas condições (culturais, sociais e econômicas) que penduram em uma sociedade específica, em uma época específica. São pontos como esses que nos leva a perceber que o letramento não pode receber uma definição de modo genérico, por essa razão, é apropriado entendê-lo como um conjunto

de práticas sociais, ou seja, o letramento não se limita somente as habilidades de leitura, compreensão e escrita, ele pode ser visto também como uma prática social e cultural de edificação de sentidos, que atuam em várias esferas.

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: ESFERA ESCOLAR E PROCESSOS (DES)CONTÍNUOS

De acordo com Magda Soares (2004, p.96), “um olhar histórico sobre alfabetização escolar no Brasil revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, conseqüentemente metodológicas”. A autora relata que até os anos 80 o sistema educacional ainda tinha como objetivo maior a alfabetização, deste modo, focalizava-se a aprendizagem do sistema convencional da escrita.

No Brasil, no início do processo de alfabetização, o propósito de alfabetizar era fazer com que os alunos aprendessem a ler e a escrever. No entanto, com o transcorrer do tempo e o progresso da população, somente saber ler e escrever não era mais o bastante para que o indivíduo conquistasse seu lugar na sociedade. Como conseqüência, a alfabetização passou a sofrer mudanças, não apenas conceituais, mas também sobre a concepção de alfabetização.

Durante muito tempo o conceito de alfabetização esteve ligado ao processo de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos, e decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons.

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou com o ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita”, que quer dizer, do sistema alfabético da escrita, que em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar sinais gráficos, transformando-os em sons e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. (BRASIL, 2008, p. 10).

Os métodos de alfabetização até então utilizados passaram a ser vistos como tradicionais e ultrapassados, pois os mesmos não se enquadravam mais dentro das novas concepções. Gradualmente, em razão do aparecimento de novas teorias de aprendizagem, o conceito de alfabetização transformou-se. De acordo com o material intitulado Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem:

[...] o termo passou a designar o processo não apenas de ensinar e aprender as habilidades de codificação e decodificação, mas também o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. (BRASIL, 2008, p. 10).

A expansão do termo provocou a perda da especificidade da alfabetização, que passou a

ganhar uma nova adjetivação (alfabetização funcional), “criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra letramento” (BRASIL, 2008, p. 10). De tal modo, a denominação “funcional” veio para dar à alfabetização um caráter instrumental, e romper com a concepção de que a mesma se restringe somente ao ensino da leitura e da escrita.

Após o aparecimento do termo letramento no meio acadêmico, muito autores foram em busca de uma definição que pudesse distinguir os processos de alfabetização e letramento. Outros optaram por defender que a distinção de ambos talvez fosse desnecessária, ressignificar alfabetização seria o bastante.

Em relação ao valor terminológico dos dois termos, alfabetização e letramento, Soares (2003) nos diz que:

[...] alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo em que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2003, p. 90)

A autora defende o equilíbrio entre alfabetização e letramento, pois são processos que se completam, e coloca-se a favor de um reconhecimento de valor teórico e conceitual de ambos os termos, pois só assim é possível discutir o que cada método se refere no seu âmbito maior.

Embora tenhamos vários posicionamentos sobre os dois termos, a maioria dos estudos nessa área revelam um favoritismo dos estudiosos em preferirem conceituar esses processos de maneira distintas, por acreditarem ser um erro entender a alfabetização e letramento como sendo processos sequenciais, ou melhor, como se um viesse depois do outro, como se a alfabetização fosse fundamental para o início do processo de letramento, ou como se o letramento consistisse em uma tipo preparo para a alfabetização. Apesar de reconhecerem que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, defendem a ideia de que alfabetização e letramento são processos indissociáveis. Segundo a professora Soares (2004):

Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se desenvolve no contexto da e por meio das relações fonema grafema, isto é, em dependência da alfabetização. [...] dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela do sistema convencional de escrita - a alfabetização- e pelo desenvolvimento

das habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita- o letramento. (SOARES, 2004, p.14).

Dessa forma, compreende-se que letramento e alfabetização são processos que apresentam diferentes facetas, mas que podem, por sua vez, ocorrer de modo simultâneo, já que ambos apresentam elementos que juntos cooperarão para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. O ideal seria “[...] alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES, 1998, p. 47).

Para muitos educadores integrar letramento e alfabetização é um grande desafio, pois, na prática, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita é um processo repleto de diversidades e complexidades que exige do docente a criação de diversas possibilidades para lidar com as muitas realidades sociais e culturais, com os dessemelhantes tempos de aprendizagem, com os diferentes saberes, etc. Em outras palavras, o educador, além de ensinar, passa a ser um eterno aprendiz.

LETRAMENTO EM FENÔMENOS: LEITURA E ESCRITA

No mundo em que vivemos a leitura e a escrita são ferramentas importantes para um pleno desempenho da cidadania, tendo em vista que todas as atividades diárias rodeiam esses processos. Desse modo, as pessoas apropriam-se da leitura e da escrita, com o intuito de interagirem e agirem nos muitos contextos sociais.

Sabemos que para ler e escrever de verdade, o ensino dos códigos de leitura e escrita, associando sons à letra, é insuficiente. É necessário a compreensão do sentido dessa aprendizagem para utilizá-la no seu cotidiano de acordo com as necessidades da sociedade que vivemos. O processo de aquisição da leitura e da escrita é uma das principais preocupações do processo educativo contemporâneo, por isso observa-se que tais processos estão sendo desenvolvidos cada vez mais cedo nas escolas, tendo em vista o contexto letrado no qual estamos inseridos. Um exemplo dessa preocupação, de desenvolver e aprimorar a leitura no cotidiano escolar está explícito nas PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) da língua portuguesa, como pode ser visto no seguinte fragmento:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (...). Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. (...). Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o

que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 2001, p. 41).

É notório que ler não é apenas um processo de juntar letras para formar palavras, mas também, é dialogar com o texto, criando um sentido para aquilo que lemos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN's), instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, evidenciam que ler não é unicamente extrair informações da escrita, ler é um processo dinâmico que abrange várias estratégias e conhecimentos na qual a interação entre autor-texto-leitor é essencial.

Podemos, então, compreender que desde que nascemos estamos a todo instante lendo o mundo e de tal forma nossas ações fluem dessa leitura, ou seja, a leitura exerce uma valorosa função no nosso crescimento intelectual, crítico e criativo. Em suma, ler é uma forma de estar no mundo.

Quando falamos em letramento podemos dizer que esta palavra abrange duas principais dimensões: individual e social. No entanto, para a compreensão destas é necessário investigar outras duas vertentes pertencentes a esse processo: a leitura e a escrita. Atividades de comunicação bastante complexas, que apesar de se completarem são heterogêneos.

No que diz respeito à dimensão individual, a leitura é entendida com algo que ultrapassa a decodificação de letras, enquanto a escrita é vista como um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas. Já na perspectiva da dimensão social do letramento, a leitura e a escrita tem como objetivo atender as exigências do meio onde o indivíduo está inserido, desse modo serão os contextos sociais que estabelecerão o gênero textual que será lido ou fabricado tanto na forma oral quanto na escrita.

É inquestionável a necessidade que temos em utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano. Mortatti (2004) explica que:

Saber ler e escrever saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis tanto para o exercício pleno da cidadania, no plano individual, quanto para a medida do nível de desenvolvimento de uma nação, no nível sociocultural e político. (MORTATTI. 2004, p. 15)

Não há dúvidas de que falar em letramento é falar em exercício da cidadania, por essa razão temos muito ainda o que refletir e se fazer no âmbito do letramento, para efetivar e legitimar o domínio da leitura e da escrita.

Na perspectiva do letramento, a leitura e a escrita são compreendidas e praticadas em contextos sociais. Ou seja, as noções de letramento admitem entender que ao ensinar a ler e escrever estamos ensinando também uma maneira de pensar o mundo. Dessa forma, essa pessoa passa a ser

letrada, pois usa socialmente a leitura e a escrita de modo a atender as demandas sociais de leitura e de escrita.

Tomando como base os conceitos e concepções acerca dos estudos sobre a leitura e escrita na perspectiva do letramento é possível compreender que esse tem como finalidade preparar o sujeito para a realidade na qual está inserido. Desse modo, podemos dizer que, ensina na ótica do letramento significa levar o sujeito a observar sua língua e, principalmente, tornar-se um usuário conhecedor de que cada habilidade linguística possui um lugar característico de uso, para isso devemos estar preparados para qualquer situação de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as diferentes perspectivas de letramento é possível concluir que o uso do termo surgiu da necessidade que tinham em nomear as práticas sociais de leitura e escrita mais desenvolvidas e complexas, que ultrapassavam os limites da codificação e decodificação da língua, métodos empregados para a alfabetização.

Diante disso, procuramos discutir nesse trabalho, por meio de concepções teóricas, como ocorreu esse processo de conceituação e diferenciação entre alfabetização e letramento, fato que possibilitou-nos adentrar de maneira mais profunda no campo de estudo do letramento e entendermos sua importância para o desenvolvimento de um ser humano capaz de desenvolver habilidades críticas e ser um agente ativo e transformador frente às necessidades do dia a dia.

Baseado na ideia de que o letramento é a compressão e a participação em práticas sociais de leitura e escrita, defendo, assim como muitos autores, que o letramento começa antes mesmo da alfabetização, por acreditar que ao interagirmos socialmente com as práticas sociais que fazem uso da leitura e da escrita estamos adquirindo bagagem social de conhecimentos, de tal modo, comprovando que não há um nível zero de letramento, visto que o indivíduo pode não ser alfabetizado, e ser letrado.

As reflexões a cerca do papel social da leitura e escrita e sua relevância para a formação dos indivíduos reforça a importância dessa pesquisa, uma vez que se teve como objetivos mostrar o quanto o processo Letramentos é imprescindíveis na educação de todos os educandos.

Cabe à instituição de ensino, dessa forma, trabalhar de modo a incentivar a leitura de imagens, tendo em vista a construção de novos saberes, pois além do seu papel ilustrativo, elas são, informativas, instigadoras, sensibilizadoras e, sobretudo, essenciais para construção de uma visão crítica.

Contudo, espera-se que as reflexões propostas por esse trabalho possam contribuir para

ampliação do conhecimento acerca da leitura e da escrita sob a ótica da teoria da alfabetização e do letramento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3.ed. Brasília: A secretaria, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria da Educação Básica (SEB). **Pró-letramento: alfabetização e linguagem**. Brasília: MEC; SEB, 2008.

COLAÇO, Silvana Faccin. **Práticas pedagógicas de Letramento: uma visão ideológica**. Disponível em:< <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2148/589>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

JUNG, M.N. Letramento: Uma Concepção de Leitura e Escrita Como Prática Social. In: CORREA, D. A.; SALEH, P.B.O. (Org.). **Práticas de Letramento no Ensino de Leitura, Escrita e Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p.79 - 106.

KLEIMAN, A. B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MORTATTI, M. do R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003

SOARES, M. B. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2004.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução: Marcos Bagno. 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995, p.20.

CAPÍTULO 5

CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS PARA A PRÁTICA DE APRENDIZAGEM: LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

Luzimar Oliveira dos Santos
Júlia Maria Muniz Andrade
Marcos Carvalho de Alencar Neto

RESUMO

Abordar a leitura em sala de sala é fundamental e aliar o lúdico à literatura infantil para esse cenário, certamente, contribuirá significativamente para a formação de leitores. Dessa forma, pretendemos apresentar algumas discussões acerca dessa abordagem tão relevante para formação do indivíduo. Seguindo uma linha de estudo realizada em caráter bibliográfico, deu-se ênfase às propostas teóricas e metodológicas de vários autores, tais como: Zilberman (1998), Paim (2000), Kleiman (2001) entre outros. Entende-se que, a literatura infantil é de suma relevância para a formação do sujeito leitor, assim, contribuindo para o seu desenvolvimento de forma significativa. A literatura infantil é uma produção artística que, aliada às práticas escolares, torna o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo, pois através dela as crianças expressam sua imaginação e tornam-se sujeitos categoricamente leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Leitura. Leitor. Sociedade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico tem como tema a Literatura infantil e a formação do sujeito leitor: perspectivas sociais e escolares. Ele é muito importante para a sociedade como toda em todos os seus aspectos social, intelectual entre outros.

Elemento tão essencial para toda a sociedade, pois através deste ato de leitura, as pessoas se transformam e conseqüentemente modificam a perspectiva de ver o mundo ao seu modo, devido ao fato delas terem a capacidade de absorver novas informações.

Sabendo que os professores enfrentam muitos desafios para desenvolver o leitor que existe dentro de cada aluno, torna-se de suma importância refletir na idade dos alunos, ano escolar entre outros elementos que devem ser analisados quando for escolher as obras trabalhadas em sala de aula, para possa estimular a leitura de literatura infantil.

Devemos considerar fatores como a idade, o ano escolar, dentre outros elementos que devem ser percebidos quando se trata em ensino e educação de qualidade. Dentre esses cuidados o professor

ou professora também enfrentara outros desafios para desenvolver o leitor que existe dentro de cada aluno.

Assim, problemática dessa pesquisa se insere na falta ou o pouco contato que muitos alunos tem com a literatura infantil, sabendo que, ela constrói e enriquece o seu mundo literário, tanto em relação ao imaginário, como no mundo da ficção, pois, percebe-se que, os trabalhos a serem desenvolvidos com a literatura infantil são diversos e produtivos, mas o que mais é preocupante é como direcionar este trabalho para conseguir fazer da criança um leitor e não apenas um ledor.

É de extrema necessidade, atualmente, para construção de pessoas mais críticas e capazes, compreender o que está em seu entorno, e um instrumento fundamental seria a leitura. Através dela as pessoas se tornarão leitoras e leitores, e sempre buscarão informações para complementar seus atos e atitudes diante da sociedade que habita.

As pessoas que têm o hábito de ler possuem maior capacidade de compreensão dos textos, e essa capacidade de ler e absorver informação com maior facilidade, tarefa estimulada pela escola, em que os professores buscam aplicar os conteúdos de forma significativa e considerando alguns fatores como a faixa etária e ao nível escolar de cada aluno. Assim, nosso foco de estudo está sobre a apresentação dessas reflexões sobre as contribuições da literatura infantil e o universo educacional.

GÊNEROS LITERÁRIOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LEITOR

Entendemos que realizando atividades de leitura com frequência, as pessoas terão uma série de desenvolvimentos e um maior acesso a informações, em decorrência disso elas desenvolverão mais práticas. É importante salientar que no mundo que vivemos tem-se grande facilidade em obter informações, sendo preciso aprimorar estas em conhecimento para que possa discernir aquilo que é verídico ou não.

É relevante ressaltar que as informações são passageiras não é algo duradouro e o que é permanente é o conhecimento, aquilo que você absorveu de tudo o que recebeste em determinado momento.

De acordo com (AGUIAR; BORDINI, 1993. p. 19), “o indivíduo ao ler busca uma satisfação de caráter informativo ou recreativo e os alunos são sujeitos diferentes com interesses diferentes de leitura”. Diante da sua importância para a sociedade, é interessante abordar os desafios que são alcançados por pais, em especial, os professores e professoras para que a leitura ocorra de forma fluente, ou seja, que ocorra esse processo de ensino aprendizagem.

Sabe-se, que a escola precisa buscar meios e alternativas para que as aulas sejam atraentes, em especial, a materna pois é a que mais se destaca na compreensão desta aprendizagem da leitura, lembrando que ela é essencial em todas as áreas do conhecimento.

Ao buscar desenvolver mecanismos que promovam ato de ler, é aconselhável buscar textos diversificados, pois os futuros leitores e leitoras também tem gostos diferentes, e a partir do momento em que ocorre esta preocupação com os gêneros textuais, permitirá a eles uma absorção mais rápida daquilo que eles estão lendo, pois será algo prazeroso para os alunos. Temos que

O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, que é condicionada por uma série de fatores: os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesse de leitura variada. As pesquisas que se empenham em delinear um quadro dos interesses de leitura das crianças e jovens têm em conta, como elementos determinantes, a idade, a escolaridade, o sexo e o nível socioeconômico. (AGUIAR; BORDINI, 1993. p. 19).

Em relação aos alunos, o interesse pela leitura funciona de forma igual ou semelhante, pois, percebe-se, cada um possui um gosto, ou seja, tem mais afinidade por um tipo de texto ou temas diversificados e seguindo este raciocínio, pode-se analisar que eles ao ler estão buscando algo que é interessante para eles.

Seja de cunho acadêmico, como mais informações para seu currículo acadêmico ou como entretenimento. Ao buscar a leitura pode ser devido ao fato de ser essencial para algum componente curricular, ou simplesmente como uma forma recreativa, por exemplo, por gostarem de carros, desenhos, filmes, esportes entre outros.

Vários elementos podem influenciar nas escolhas e afinidades pelos textos: a idade, a escolaridade, o sexo e o nível socioeconômico. Desta maneira é necessário que o professor tenha domínio e um conhecimento bem amplo, para poder separar cada texto de acordo com a faixa etária de seus alunos. Os gêneros textuais adequados são essenciais.

Por isso aqui tomamos gêneros textuais como “[...] produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas” [...] (BRONCKART, 1999, p.137).

Dentre os cuidados com a adequação de suas escolhas, o docente também enfrentará outros desafios para conhecer melhor o contexto e possibilitar um maior acesso a essa leitura significativa.

Entende-se a necessidade do uso e aplicação da leitura efetiva na sociedade. Assim, entendemos essa prática como

Um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um

trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade (KLEIMAN, 2001, p. 238).

Percebe-se a necessidade e aplicação da literatura infantil na base da educação, pois ela apresenta textos que de fato desperte o gosto de ler, promovendo assim a leitura.

Através dela os seres humanos conseguem decifrar códigos, aperfeiçoar criar e recriar tudo, diante deste universo tão amplo que é o ato de ler, é fundamental várias práticas e metodologias, que favoreça uma aprendizagem de qualidade, para que, de fato, tenhamos leitores e leitoras conscientes e capazes de discernir o que é certo ou errado, bom ou ruim, levando em consideração todos os aspectos afetivos, socioeconômicos entre outros.

O processo de prática e incentivo à leitura tem que começar cedo, desde a criança ser inserida na escola, para que ela possa ir se aperfeiçoando, até alcançar a leitura, pois segundo a autora Zilberman (1998, p.73) “a democratização da leitura no Brasil tem passado pela aquisição pública de livros para as escolas públicas, esses livros são, muitas vezes, de gênero didático.”

Zilberman (1998, p.85) coloca que até os anos setenta, havia uma valorização de reprodução ideológica, que predominava nos livros didáticos. Ao analisar esse contexto, percebe que, dois elementos essenciais na aprendizagem, por muito tempo foram vistos de formas separadas, ou seja, eram vistas como práticas diferentes. Sabe-se que independente de qualquer fato, leitura e escrita precisam andar juntas, para que ambas as práticas tenham sucesso.

A escola assume um papel duplo – o de introduzir a criança na vida adulta, e ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior, muitas vezes até tem que assumir o papel da família, que é o de educar. Muitas famílias atribuem esse papel para a escola por falta de tempo ou de uma estrutura familiar, que falta amor, respeito, harmonia, diálogo. (ZILBERMAN 1998, p.18).

A escola é o local próprio por excelência para que ocorra a aprendizagem, neste ambiente, tudo é organizado de acordo com cada público que irá receber, por exemplo, os profissionais da educação são todos escolhidos adequadamente com cada ano escolar que irá trabalhar.

A PRÁTICA ESCOLAR DIANTE DE UNIVERSO POSSIBILITADO POR TEXTOS LITERÁRIOS

A escola é a principal agência que possibilita refletir sobre os textos aos quais os indivíduos possuem contato, enquanto instituição, propicia oferecer às crianças, jovens e adultos e a comunidade em si conteúdos que lhes ajudarão na formação de sua cidadania.

Neste ambiente, são possibilitadas as credenciais essenciais para a compreensão do mundo, ou seja, informações necessárias para a sua caminhada quanto aluno.

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente -condição. (COELHO, 2000, p.16)

E nesta formação social quanto cidadania, é interessante ressaltar a contribuição que a literatura através de seus textos literários pode oferecer para aqueles que as estudam, pois, estes textos possuem uma variedade em informações.

Nessa perspectiva, como afirma Malard (1985), o melhor caminho para a aprendizagem da literatura ainda é a leitura dos textos literários e a crítica sobre eles, pois, nenhuma outra forma de ver seus conteúdos, como resumos ou adaptações, substitui a prática da leitura original, uma vez que, são releituras. Ao estudá-la os alunos conhecerão a sua constituição, os seus diferentes gêneros: romances, crônicas, poemas, contos, e além disso, conhecerão a sua história.

O ensino de literatura nas escolas foi inserido há muitos anos atrás, mas de forma tímida. Esse ensino distanciado da literatura é, como observa Letícia Malard (1985), uma característica marcante e, talvez, um dos obstáculos no ensino da literatura no Brasil desde que foi incluída nos currículos escolares.

O aluno a partir da literatura constrói e enriquece o seu mundo literário, tanto em relação ao imaginário, como no mundo da ficção. Ela passou por mudanças, mas o único aspecto que nela não se alterou, foi a de formar indivíduos, cidadãos, ou seja, pessoas capazes de ler, interpretar e formar ideias daquilo que está vendo.

Ler lhe permite andar, viajar, fazer partes de comunidades, lugares, países que as vezes nunca poderão estar lá. Ler é ir além do possível, é viajar nas possibilidades. O interpretar do texto é elementar para a construção da leitura crítica e para que ocorra esta criticidade é necessário que os alunos leiam várias vezes, dessa maneira eles entenderam o que estão lendo e terão maior entendimento e interesse por textos desta natureza.

Textos adequados a faixa etária de cada aluno, o conhecimento prévio, o linguístico, o textual, do mundo e os relacionados a base familiar, social, econômico e a falta de interesse. Todos esses elementos citados interferem diretamente na aprendizagem do aluno. Sendo também, necessário levar em consideração outros elementos que faz parte do cenário educacional, quando se diz respeito a leitura ou a compreensão de qualquer conteúdo.

A literatura em si passou por muitas transformações, mas o único aspecto que nela não se alterou, foi a de formar indivíduos, cidadãos, ou seja, pessoas capazes de ler, interpretar e formar ideias daquilo que está vendo.

Diante disso, a escola e o professor terão que ofertar textos que permitem o leitor a se deleitar por aquilo que está lendo, enfim que compreenda as passagens do texto, deste modo terá mais interesse. Uma das maneiras de promover participação e gosto dos alunos pela leitura e incentivar a eles a escolhas dos textos. Pois ler e entender é também “buscar respostas”.

A leitura, na verdade, é uma arte em processo. Como Goethe, poderíamos todos reaprender a ler a cada novo texto que percorremos. Mas há sobretudo muito a aprender quando percebemos que ler não é apenas decifrar o impresso, não é um mero “savoir-faire”, a que nos treinaram na escola, mas ler é questionar e buscar respostas na página impressa para os nossos questionamentos, buscar a satisfação à nossa curiosidade. (LEITE, 1988, p. 91).

Pode se perceber que de acordo com o autor ler é ir além do decifrar códigos, é compreender o seu entorno é levantar questionamentos e respostas, ou seja o universo da leitura é amplo.

Ler pode ser, sim, um grande prazer, baseado em Aguiar e Bordini (1988). A leitura pode ser mais do que a busca do compreender respostas, do decifrar códigos, treinar, questionar, mas também buscar a satisfação da curiosidade, pois quando mais ler determinados textos literários mais curioso fica o leitor.

Como foi escrito no parágrafo anterior, a arte é um processo no qual quanto mais se ler, conseqüentemente, mais vontade de ler e conhecer mais coisas o leitor terá.

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante de ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto. (ECO, 2003, p. 12).

As obras literárias são aliadas para a formação do sujeito leitor e cabe ao professor incentivar os alunos, pois permitirá um universo rico de informações, ou seja, permitirá uma nova concepção de ver as coisas que estão ao seu entorno.

As obras literárias são muito importantes para a construção da cidadania, pois, através das leituras, as pessoas percebem as necessidades e os valores que existem na sociedade, pois as histórias contidas nas obras literárias permitem maior libertação dos pensamentos de todos. Assim

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1991, p. 17).

Quanto ao universo de leitores, espera-se que a escola que é o lugar adequado para que os alunos aprendam o que lhes é ofertado e necessário para o seu desenvolvimento como cidadão, e na literatura como algo educacional, tem relação diretamente com esta formação de alunos que leem e entendem o que leem e tem prazer ao fazê-lo isto.

A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avaliadora e de fiadora do que é literatura. Quanto ao papel da escola Silva (2002) defende que a escola tem como meta formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo, mas ressalva que na prática, no ambiente escolar a leitura, muitas vezes, é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos torna-se atividades relegadas a segundo plano.

É cabível que a atividade desenvolvida permita ao educando um universo de possibilidades, para que haja essa tal almejada formação de leitores. Mas de todas as instituições existentes, na escola é o local adequado para a aquisição de informações para a construção de conhecimento científico

A escola como dita anteriormente é o ambiente propício e legalizado para promover o ensino acadêmico dos alunos, enfim daqueles que procuram instruções avançadas e conteudistas.

Sabe-se que, na escola os estudantes aprendem e estudam diversas áreas do conhecimento, dentro da área do conhecimento de língua portuguesa, existe um elemento essencial para a eficácia do conhecimento científico que é a leitura.

Sendo necessário promover aos estudantes o estudo de textos que permita lhes a vontade e a curiosidade de estudar e ler cada vez mais. Ressalta-se que:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 16).

A leitura dos textos literários, permite ao aluno um mundo de possibilidades, aquele que tem sede de informações, sempre busca novidades para acrescentar no seu vocabulário, ao conhecimento científico, e a literatura através de seus conjuntos de obras incentiva e desperta nos alunos esta curiosidade de ler, e instiga a conhecer mais obras literárias, permitindo-lhes a leitura diária, tornando-lhes leitores.

A LITERATURA INFANTIL E O UNIVERSO DE CONSTITUIÇÃO DO SEU JEITO

A literatura infantil é de suma relevância para a formação do sujeito leitor, sabe-se que, ela surgiu a um bom tempo atrás, no século XVIII, ou seja, há aproximadamente 3 séculos atrás. E muito se tem estudado sobre este tema, devido a sua importância diante do cenário educacional no âmbito da formação do sujeito leitor.

Este tipo de literatura ela é bastante diversificadas com seus textos e histórias que atraem a atenção de quem a lê e de quem a escuta. Ela surgiu de forma tímida, podendo dizer que, foi numa cultura oral, ou seja, numa tradição culturalmente oral, em que se transmitia uns aos outros, pode salientar que ela teve como norte o folclore e teve início com objetivos moralizadores.

A literatura infantil tem várias finalidades, mas dentre elas, é pertinente destacar a de levar conhecimento de forma leve e natural através da sua capacidade de encantar a todos que está em seu entorno. Na teoria de Coelho (2000), a importância da literatura infantil está em sua arte de encantar, de desenvolver a sensibilidade, a imaginação, e os sonhos da criança, a literatura infantil pode levar a criança muito além do mundo imaginário, e levar a compreensão do mundo real.

Para que a criança seja um admirador pelos textos e conseqüentemente pela leitura é necessário que ela leia por achar prazer. E a literatura Infantil tem essa capacidade de tornar a leitura mais leve e conseqüentemente mais prazerosa.

Pois várias são as funcionalidades da literatura infantil na promoção e incentivo da leitura porque, dentre essas funções que assume, pode-se destacar a capacidade de incentivar a imaginação de quem está lendo e de quem está ouvindo. Assim, entendemos que “o hábito da leitura se forma antes mesmo do saber ler –ouvindo histórias se treina a relação com o mundo [...] Conhece, questiona, avalia, critica, emociona-se, penaliza-se, identifica-se com personagens, lugares e situações” (PAIM, 2000, p. 80).

Pois o aluno tem contato com ela desde cedo, não apenas quando se torna sujeito leitor, mais também a partir do momento em que elas escutam as histórias. Pois, entende-se que “A literatura infantil é a arte mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade do humano[...]”. (COELHO, 2000, p.10).

A literatura infantil quando desenvolvida e trabalhada da maneira correta ela é uma grande aliada para o ensino aprendizagem do aluno, não só como uma ferramenta que despertará a curiosidade pela leitura, mas também por a torna-la prazerosa.

Pois aquilo que você aprende por prazer, conseqüentemente o aprendizado será mais rápido e mais leve do que aquele aprendizado por obrigação, ou seja, meramente como programação.

Seguindo estes pensamentos, é notório que na literatura infantil a variedade de elementos lúdicos, elemento crucial para chamar a atenção dos alunos. Ou seja, ela tem que ter dada a devida valorização diante do cenário educacional.

Paralelamente ao contar histórias, os pais devem proporcionar desde cedo, o contato da criança com os livros, contemplando gravuras e nominando-as. Assim, junto com a linguagem, a criança desenvolve a afeição pelo livro. Mostrando também as palavras associadas à gravura, a criança já está estabelecendo um “vocabulário ocular”. [...] Os pais devem ter claro que seu modelo –exemplo –é decisivo. Se gostam de ler, com certeza, seus filhos serão leitores. É a prática. É o cotidiano lento do ver, ouvir, conviver com a prática de leitura que vai formando leitores. (PAIM 2000, p. 81)

De acordo com Paim, é necessário que os pais proporcionem desde cedo o contato das crianças com os livros, por meio de figuras e gravuras e conseqüentemente oralmente. Os pais precisam contar histórias e mostrar figuras para seus filhos, pois, essa estratégia incentiva à leitura e inicia o processo de formação de leitores (PAIM, 2000). Enfim, pode-se perceber o quanto a literatura infantil é importante para promover a curiosidade pela leitura. E esta curiosidade se faz necessário nesse universo tão amplo que é o universo das letras, das sílabas, das palavras, dos sons, enfim, da leitura.

ENSINO E FORMAÇÃO LEITORA: REFLEXÕES ENQUANTO TRILHA DE APRENDIZAGEM

A literatura infantil é uma produção artística e tal tem que ser vista com a grandiosidade que é, pois através dela as crianças expressam sua imaginação, pois ela é muito ampla.

Ela é uma arte por ser tão complexa e ao mesmo tempo tão prazerosa no universo da leitura, por ela permitir ao aluno a capacidade de desenvolver a sua imaginação, a partir do momento que, a literatura infantil permite isso, ela agrega para os estudantes uma melhor desenvoltura em elaborar e compreender os textos.

Sendo assim, temos que

São múltiplos os fatores que contribuem para que a Literatura Infantil se faça cada vez mais presente em nossas escolas: o crescente desenvolvimento editorial da produção voltada para esse segmento; a qualidade das obras produzidas por escritores e escritoras brasileiros (reconhecida mundialmente); as políticas públicas preocupadas com a formação do leitor; a divulgação de títulos e autores brasileiros por organismos públicos e privados; as recomendações explícitas dos PCNs – Parâmetros curriculares Nacionais – para o desenvolvimento de práticas de leitura em todos os níveis de ensino; o empenho de inúmeros educadores em levar a leitura literária para as suas práticas docentes e principalmente o fato de a instituição escolar cumprir a função de democratizar o livro, num país de poucas bibliotecas e de praticamente inexistente compra de livros em livrarias por esse segmento da população que frequenta a escola pública (PAIVA; RODRIGUES, 2009, p.103).

De acordo com os autores, diversos são os elementos que favorecem a literatura infantil e, assim, possibilita que esteja cada vez mais presente nas instituições de ensino. As políticas públicas preocupadas com a formação do leitor, começaram a surgir ações e projetos que tem como foco a formação de pessoas que são capazes de ler fluentemente e se tornarem leitores e leitoras.

Sabe-se que, dentro de cada escola existem as salas de aulas, que por si só é o lugar por excelência próprio para ocorrer o ensino e aprendizagem, como isso, a literatura infantil é muito importante para o ensino de leitura das crianças, incluída com outros elementos que foram abordados. A sala de aula como foi dito anteriormente é o local apropriado para o ensino e aprendizagem dos temas abordados e estudados, mas quando se fala em sala de aula, logo se imagina uma sala com quatro paredes e as cadeiras todas enfileiradas.

É necessário acrescentar que a sala de aula deve possibilitar condições essenciais, físicas e instrucionais para que os estudantes estejam em condições favoráveis para uma aprendizagem segura e de qualidade. Dentre essas condições espaço físico adequado a cada faixa etária, livros didáticos entre outros, temos que

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige do professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143)

Percebe-se, o quanto a literatura infantil é importante para aquisição de conhecimento necessário para a leitura e conseqüentemente para a formação de leitores. A literatura é de suma relevância em todos os níveis de ensino, como se pode perceber, essa importância é indiscutível tanto pela sua capacidade de formar novos leitores, assim como, libertar mentes para novas ideias e atitudes que serão tomadas no decorrer da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de estudo possibilitou conhecer perspectivas em que se pode observar a importância da literatura infantil para a leitura, enquanto um universo de possibilidades.

Possibilidades essas de aprimorar e aperfeiçoar o seu desejo por conhecer novas histórias e novos horizontes, assim como, imaginar lugares nunca vistos presencialmente. Pudemos perceber que várias são as possibilidades e caminhos que a literatura infantil proporciona no contexto escolar, dessa forma, contribuindo diretamente para a construção e formação do sujeito leitor.

A leitura é essencial para uma sociedade mais crítica e responsável por os seus atos, devido ao fato de permitir para todos a possibilidade de abrir novos horizontes. No caso, quanto mais cedo os

alunos conhecerem a literatura infantil, mais precoce será o seu gosto pela leitura. E assim, atraindo a atenção de quem está lendo e a de quem a está ouvindo, pois, ela tem esse poder de fazer com que as pessoas a escutem e conseqüentemente influencia no processo de leitura das pessoas, tornando-se elemento diferenciador no ensino aprendizagem.

Portanto, por ser uma ferramenta que liberta a sociedade e permite as pessoas a exercerem a sua essência como cidadão, a obra literária permite aos alunos maior aproximação com o mundo que as cerca, possibilitando desenvolvimento para além do previsível.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998.

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.

COELHO, N.N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho?**In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) **A formação do Professor. Perspectivas da Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MALARD, Letícia. **Ensino e literatura no 2º grau: problemas & perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PAIM, Jame Mari. **Da sedução do professor pela literatura à sedução do aluno**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

PAIVA, A.; RODRIGUES, P.C.A. **Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades**. In: MACIEL, F.I.P.; MARTINS, R.M.F.(Orgs). **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, C. R.; BOLSANELLO, M. A. **No cotidiano das creches o cuidar e o educar caminham juntos. Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 31 – 36, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 23, Abril. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em 27 de agosto de 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**”. 10ª edição –São Paulo: Global, 1998.

CAPÍTULO 6

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA MEDIADO PELAS TDICS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Oziane da Silva Celestino
Allan de Andrade Linhares

RESUMO

Esta pesquisa foi impulsionada através do questionamento: Que perspectivas a inclusão das novas tecnologias digitais podem trazer para o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental? Com o propósito de dar respostas para esse questionamento, foi traçado como objetivo geral: Analisar de que forma os mecanismos digitais podem ser significativos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, e quais habilidades os estudantes podem desenvolver com o uso desses mecanismos na aprendizagem. Ancoramos esta pesquisa em autores como Moran (2000), Souza (2011), Zacharias (2016), dentre outros que tem teorias relacionadas ao uso das tecnologias digitais na educação. O propósito de mostrar e discutir os resultados da análise do uso do blog e jogos digitais em educação no ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa é qualitativa e consiste em um levantamento bibliográfico tendo como base propostas de autores, na análise de artigos, livros, teorias que fundamentem para conseguir permitir responder à pergunta da pesquisa. Enfim, a partir do desenvolvimento deste trabalho concluiu-se que é fundamental para o enriquecimento da aprendizagem, procurar assuntos que possam ser abordados simultaneamente com a utilização das tecnologias, através dos recursos dos gêneros digitais e jogos online nas aulas da disciplina de língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Tecnologias digitais. Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

As ferramentas digitais introduzidas em sala de aula, como mecanismo de interação para o desenvolvimento do ensino de Língua Portuguesa, é uma forma de ensinar essa disciplina em sua diversidade. Portanto, essa pesquisa busca trabalhar o ensino de língua portuguesa e as novas tecnologias digitais a fim de entender como desenvolver o ensino-aprendizagem por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação através dessas novas estratégias, buscando considerar o interesse e as necessidades dos educandos.

Com o propósito de compreender como a Língua Portuguesa pode ser ensinada através dos recursos tecnológicos digitais, os quais permitem que o aluno tenha uma aprendizagem com êxito, traçamos algumas indagações que acreditamos ser significativas para concretização da aquisição dessa pesquisa como:

- As contribuições das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação conseguem proporcionar um ensino e uma aprendizagem favorável no estudo da Língua Portuguesa?

- Quais as dificuldades enfrentadas por docentes no manuseio das ferramentas digitais na aplicação das aulas de Língua Portuguesa, para a prática do ensino de leitura, escrita, gêneros textuais e das regras composta nessa língua?

- O trabalho do docente com os gêneros digitais, como o blog e os jogos online no ensino de Língua Portuguesa podem tornar o ensino significativo para a promoção da aprendizagem?

A pesquisa foi impulsionada pelo questionamento: Que perspectivas a inclusão das novas tecnologias digitais podem trazer para o processo de ensino/aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental? Com o propósito de dar respostas para essa pergunta da pesquisa, traçamos como objetivo: Analisar de que forma os mecanismos digitais podem ser significativos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, e quais habilidades os estudantes pode desenvolver com o uso desses mecanismos na aprendizagem.

Essa pesquisa científica justifica-se em buscar respostas sobre como se dá o desenvolvimento da aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa utilizando como estratégias de ensino os mecanismos tecnológicos digitais de informação e comunicação na prática dos conteúdos dessa disciplina.

REVISÃO TEÓRICA

Conceitualizando Letramento Digital

Letramento digital, no entendimento de Soares (2002, p. 145) é “[...] trata do estado ou condição de indivíduos ou grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita e participam completamente de eventos de letramento”. Seguindo a hipótese que as habilidades de leitura e escrita digitais possuem componentes diversificado da cultura impressa, Soares (2002, p. 156) diz que:

[...] o uso plural do letramento para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias da escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e escrita, diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismo de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos.

Portanto, a leitura é a ação de buscar e conceder significados pela união de fatores pessoais com o tempo e o lugar e as circunstâncias. Ler é interpretar uma compreensão em conexão às influencias definido pelo contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. Assim, se tem afirmação que a leitura é muito fundamental, pois desde a fase de criança enquanto sujeitos formadores dos seus conhecimentos devem estar em frequente contato com o

mundo das letras.

Nas expressões de Soares (2002, p. 145), letramento deve ser entendido como “o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação”. Considerando o que foi citado o letramento não existe somente no ambiente escolar, a qual é o principal lugar de letramento na sociedade, como também na família, no trabalho, nos espaços públicos, na igreja, e em todos os lugares onde os cidadãos possam dialogar entre eles, em várias circunstâncias comunicativas.

AS METODOLOGIAS DE ENSINO COM USO DAS TDICS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Vencidos os equívocos e modismo que afetaram a educação, a escola descobriu a necessidade de adequar o ensino às novas tendências que o mundo contemporâneo expõe, procurando impulsionar ações que auxiliem o professor para a obtenção de recursos didáticos e paradidáticos, a atuação em congressos, simpósios, seminários, cursos e outros eventos e atividades que lhe concedam realmente expressar sua ação pedagógica. A introdução de novas mídias e tecnologias no campo escolar é uma necessidade, no entanto, esse procedimento de mudança é devagar e precisa ser feito com sensatez e bastante planejamento, pois conforme Moran (2000, p. 4):

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial.

Dessa forma, o docente precisa entender que há uma imensidão de escolhas metodológicas e as mídias tecnológicas se estabelecem em uma preferência a mais no seu curso pedagógico. Assim, resta criar a forma mais apropriada de agregar o humano e o tecnológico, de aumentar as perspectivas, de estruturar a interlocução com os discentes. O papel do professor é de mediar o trabalho a cultura midiática na esfera escolar tornando esse lugar em um espaço de inclusão social, no qual todos tenham a mesma aproximação às informações, aos recursos de comunicação, à uniformidade de oportunidades.

Para a realização do ensino mediado pelas tecnologias ao colocar em prática o letramento digital dentro de sala de aula por meio desses recursos, o docente estimula o aluno a responder da melhor forma, às necessidades do uso dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital. Também, oferece ao estudante a base que ele precisa para conseguir entender e interagir com textos

multimodais, com a combinação de componentes sonoros, desenhos e palavras pertencentes em uma mesma frase, bem como filtrar e analisar criticamente as informações descobertas.

OS DESAFIOS PARA INTEGRAR O LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA EM SALA DE AULA

No momento estamos vivendo uma mudança da linguagem que era apenas paralisada nos livros e que, agora, está sendo direcionada para linguagem eletrônica. A informação agora corresponde à forma digitalizada e virtualizada, não se restringe mais ao auxílio do papel. Ao mesmo tempo a variação da linguagem, transparece também a alteração dos relacionamentos profissionais e da construção de conhecimento. Sendo assim, são enormes os estímulos que a Internet pode atingir sobre a educação, como uso intensivo e constante de multimídia por meio da rede, lugares mais favoráveis para o progresso de projetos de educação a distância, transposição de imensa quantidade de dados, rede assessoramento de aprendizagem, dentre outros. Zacharias (2016, p. 20) destaca que:

Ultimamente, a participação na cultura letrada passou a ser mediada por vários dispositivos, e por outras maneiras de ler que desafiam concepções de leitura mais tradicionais. O aparecimento de formas de comunicação como as redes sociais (a exemplo do WhatsApp e do Facebook) implica transformações no processo de criação e de recepção dos textos, uma vez que exploram aspectos como a multimodalidade, a hipertextualidade e a iteratividade.

É essencial que os estudantes e profissionais possuam um pouco de conhecimento para acessar as redes sociais, manuseando os meios da informática antecede o letramento digital, nessa situação inerente, os alunos possuem práticas quanto a utilização de computadores tradicionais e ou computadores pessoais, a experiência que muitos deles expõem em espaços sociais digitais. Para vários o que pode omitir é o letramento neste cenário de cultura das mídias.

Utilizar a internet como recurso propõe que o aprendiz tenha prática de auto direção bastante desenvolvidas, neste instante a função do mediador é necessário para conduzir o aluno em sua construção do conhecimento. Desse modo, o discente adquire um fundamental papel nestes letramentos, especialmente para o letramento digital. Atuando com um aspecto diferente, o professor passa para a função de mediador, aquele mencionando-se a um conceito de possuidor do conhecimento para este que é o facilitador do desenvolvimento de definição do conhecimento construído pelo respectivo aprendiz. Portanto, o docente tem a oportunidade de mediar o discente nesse processo, segundo Moran (2000, p. 142):

[...] desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem, de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de quem trabalha em equipe, junto com o aluno, buscando os mesmos objetivos; numa palavra, desenvolverá o papel de mediação pedagógica.

A tecnologia de comunicação, informação e expressão apresenta-se como recurso, mecanismo para contribuir na ampliação do processo de aprendizagem. A utilização desta tecnologia em questão pretendendo em tornar o desempenho de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz, seguindo da verdadeira necessidade do aluno.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Esse momento de pandemia aconteceu um grande processo de mudança para a educação tanto na forma de interação entre professor e aluno, quanto na transmissão do ensino dos conteúdos de Língua Portuguesa, e para que pudesse ser repassado da melhor forma possível e obter êxito na aprendizagem dos alunos. É uma situação em que os profissionais da educação, principalmente os docentes, procuram refletir nos planejamentos de suas aulas uma forma de fazer produzir o desenvolvimento dos estudos para os discentes. Segundo Silva e Pesanha (2012, p.9):

A Internet, utilizada como recurso pedagógico, possibilita uma nova prática de produção textual em que os alunos passam a desenvolver melhor uma atitude crítica em relação aos seus próprios textos e os dos demais colegas. Apesar de aqui terem sido citados alguns gêneros digitais, será dada maior ênfase ao gênero blog como forma de possibilitar o aluno a desenvolver-se em sua linguagem por meio da escrita colaborativa, visto que os jovens se interessam em expor fatos de seu cotidiano, pensamentos, observações e opiniões.

A adaptação do processo de ensino com as tecnologias teve que ir acontecendo dia após dia, professores e alunos enfrentando desafios para não parar o exercício da aprendizagem. Portanto, a única forma mais eficaz para o ensino à distância é a transmissão das aulas através da internet, pelas variadas plataformas, aplicativos virtuais, aulas no Youtube, grupos de WhatsApp da turma, vídeo aulas; para colocar em prática o que era lecionado na escola, agora por meio das tecnologias digitais. Aliando o uso da informática às práticas pedagógicas, se reinventando para elaboração das explicações e atividades.

Os métodos de ensino dos professores de Língua Portuguesa em sala de aula, isto é, em aulas presenciais são diferentes dos métodos de ensino para aulas à distância. Ele precisa buscar transmitir o saber de forma prática e dinâmica utilizando os mecanismos digitais favorável aos alunos, proporcionando sempre o prazer no ato de aprender. Desenvolvendo habilidades de leitura e interpretação e demais especificidades da língua, tendo em vista textos, gêneros textuais e ambiente

virtual de aprendizagem. Cunha (2010, p.32) afirma:

Um professor de língua portuguesa que pesquisa estimula o aluno a pesquisar também. Quando mostramos ao aluno uma referência histórica da língua, a formação linguística, a etimologia, estamos fazendo com que ele saiba o caminho percorrido pelo professor e pode, a partir daí, construir seu próprio caminho para a aprendizagem pela pesquisa. Dentre as vantagens da inserção da pesquisa como recurso pedagógico, está a de tornar a aprendizagem significativa para o aluno, principalmente porque ela permite seu envolvimento afetivo e social, além do cognitivo.

O uso constante das plataformas requer do professor uma posição mediadora e por parte dos alunos um comportamento ativo, pois essa relação entre as duas partes proporciona uma interação produtiva. A convivência que existia em sala de aula sofreu uma grande diferença em relação a forma de ensino à distância, exigindo tanto do educador como dos estudantes uma atuação ativa. O docente sempre dando incentivo aos discentes na participação e organização dos horários das aulas na plataforma, como também na transmissão dos assuntos para eles.

JOGOS VIRTUAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Os jogos podem se apresentar como um ótimo instrumento pedagógico, visto que estimulam o interesse dos alunos pelo assunto exposto em sala de aula. Isso acontece devido a esses tipos de atividades trabalharem com a imaginação, o desafio, a curiosidade e o prazer, características significativas para conservar o público motivado. É um tipo de recurso possível de trabalhar variados assuntos em diferentes séries educacionais, dependendo da atividade desenvolvida, demonstrando diversos benefícios tanto para o ensino como para aprendizagem.

Para Silva, Junior e Neves (2016, p.3) “os jogos digitais usados para fins educacionais devem proporcionar um ambiente crítico, fazendo com que o aluno se mobilize para a apropriação de conteúdos disciplinares e o desenvolvimento de estratégias exigidas para o avanço no jogo”. Os jogos virtuais são diversos, eles podem ser desenvolvidos em muitas áreas do sentido e percepção, sendo capaz de ajudar no aprendizado de diversas áreas do conhecimento. Quando usados como mecanismo para apresentar um certo conteúdo, os jogos contribuem no processo de compreensão e na transmissão do ensino e, por esse motivo, devem ser amplamente utilizados. Dessa forma, os jogos virtuais promovem o desenvolvimento intelectual, visto que, para conseguir vencer os desafios apresentados, o jogador precisa de muita atenção para criar estratégias e compreender como as peças do jogo se associam.

Além desses pontos destacados, vamos observar o fator aprendizado que significa a

transmissão de uma maneira eficaz e significativa a mensagem pedagógica que se propõe, quer dizer, ser capaz em ensinar de fato, e o fator entretenimento, que consiste em fazer com que a atividade fique atrativa e prazerosa. No momento em que o jogo consegue atingir essas duas finalidades, consegue desempenhar a sua função com bom resultado. Desse modo, o jogo pode se transformar em um mecanismo eficiente para a aprendizagem, ajudando o professor a desenvolver suas aulas de modo diferenciado e estimulando os alunos nos estudos.

Figura 1: Jogo A procura das cartas



Fonte: Site Escola Games, acessado em 04/01/2021

Neste jogo, o participante deve mostrar que é um bom detetive, tendo que capturar as sílabas para formar palavras. Para desenvolvê-lo, basta colocar as sílabas na localização correta. Em seguida, deve concluir a missão, curtindo o jogo da memória com as cartas que você recebeu. Este jogo é para o nível de Ensino Fundamental II. A proposta desse jogo enfatiza o trabalho com as sílabas, auxiliando na aquisição inicial da leitura e da escrita. É formado por duas partes: na primeira, a criança tem a chance de praticar a separação de sílabas e, na segunda, um jogo da memória para se divertir com as ilustrações

O USO DO BLOG COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA

A utilização do blog pode ser trabalhada como uma técnica no processo de ensino nessa área de conhecimento, possibilitando diferentes maneiras para se aplicar o estudo de português. Segundo Marcuschi (2010, p.61) resume esse gênero como “um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede”.

O blog tem como benefício permitir que as pessoas criadoras divulguem seu conteúdo sem a

obrigação de saber os conhecimentos técnicos especializados. O conteúdo e tema dos blogs compreendem uma imensidão de assuntos que englobam desde diários, notícias, links, fotografias, poemas, ideias, afinal, tudo que o autor pretender publicar. Se trata de uma ferramenta de fácil manejo, que você escreve e todos os visitantes do seu blog tem ingresso ao que está escrito e podem estabelecer comunicação deixando comentários em relação ao que foi publicado. De acordo com Miller (2012, p. 106):

Ao olhar para os *blogs*, enfatizamos a rapidez da mudança, que problematiza o fenômeno da recorrência, e também olhamos para alguns dos recursos, para as capacidades tecnológicas do meio que não somente distinguem o *blog* de outros gêneros, como tornam possíveis essas rápidas mudanças. Os *blogs* são genericamente distintos, em parte, porque são 'nativos' da internet, e especificamente da *web*, o que significa que não poderiam existir como são, em outro meio, tal como a imprensa ou formas digitais independentes, sem *hiperlinks*. Eles são inerentemente 'lincados', públicos e maleáveis. Assim a natureza do meio está ligada ao gênero [...].

Quando empregados na educação, os blogs podem determinar um canal de interlocução informal e formal entre os docentes e discentes permitindo, oferecer aos estudantes um meio particular para experimento da própria aprendizagem, com acessível manuseamento, autorizando atualizações regulares e a implantação de comentários de seus visitantes

CARACTERÍSTICAS DA UTILIZAÇÃO DO BLOG NA APLICAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM

Os blogs apresentam várias características gerais como as ferramentas, os elementos, os recursos de interação, o tipo de plataforma, entre outros. De acordo com os resultados de pesquisas feita sobre blogs, Miller (2012) mostra particularidades que determina o blog, os quais destacamos a seguir:

- Conteúdo semântico ou substância: é a característica mais significativa de um blog e a mais variada, o que torna difícil uma classificação única, apesar de muitas sugestões serem feitas. Existem classificações que dar importância apenas o tema (animação, cinema, entretenimento, etc.), outras o tipo (político, pessoal, etc.), outras ainda o estilo (filtro, em que o blogueiro comenta outros sites, links e o pessoal, em que o blogueiro expressa suas concepções). Independente da classificação ou categorização, se tem a expectativa que o blog seja a manifestação de seu autor, de sua personalidade, tornando-se conhecido até quando se comenta outros links, enfim, é o blogueiro que classifica, seleciona o que quer expor;

- Características formais: postagem datada em cronologia reversa, quer dizer, da mais recente para a mais antiga; inserção de links externos e destaque a um link para comentários são

normalmente as características que estabelecem o formato essencial de um blog, apesar da sua temática. O registro de horário da postagem e a cronologia reversa geram uma expectativa para atualizações, para o momento em que vivemos, por isso a periodicidade de postagem é um dado considerável no blog. No entanto, segundo a autora, existe muita divergência com relação a tal frequência entre os blogs dos conhecidos blogueiros celebridades, os mais lidos, atualizados frequentemente e os outros que ficam na paradoxal obscuridade da blogosfera.

- Ação pragmática: a ação social do blog é paradoxal, pois, se por um lado se valoriza a autoexpressão, a apresentação do “si exposto em realização contínua” (MILLER, 2012, p. 74), de maneira que ao se autoexpressar o blogueiro se autoexplica, autovalida, fortalecendo sua autoconsciência, de outro modo, espera-se o progresso de uma comunidade, isto é, de uma audiência, como uma atuação do exibicionismo da mesma forma como acontece nos programas de TV que exibem as histórias pessoais de um importante desconhecido que começa a ter uma plateia seguidora. Portanto, mesmo que o blog seja feito pelo e sobre o sujeito, é criado para um público, é necessário ser lido, mesmo que por estranhos.

Observa-se que o blog contribui para a elaboração de vários exercícios escolares. O docente pode proporcionar meios para uma relação entre os estudantes e o grupo pedagógico da escola para que possam ajudar nos projetos produzidos, com isso, dar origem a um blog característico para certos procedimentos efetuados pela escola. Também com o desenvolvimento de um projeto pedagógico como Feira Cultural, exposição de produções de redação que tem por finalidade escolher um tema importante para o contexto pedagógico e abranger todos os estudantes estimulando-os a pesquisarem, a desempenharem apresentações orais, ter conhecimento de outras culturas, entre outros propósitos.

Na Figura 2, o blog é voltado ao uso da tecnologia no ensino, apontando dicas e explicações de como utilizar jogo e ferramentas para torna diverso e melhorar a didática em sala de aula. O blog publica links que podem ser úteis em muitas atividades escolares e destaca a importância do compartilhamento em conjunto do conhecimento e da tecnologia no ambiente escolar.

Figura 2: Blog Oficina da Educação



Fonte: <http://of2edu.blogspot.com> Acesso em 18-12-2020

Como podemos observar o gênero blog permite produzir uma variedade de texto, ampliando a percepção crítica e autônoma dos alunos, onde ele pode dar sua opinião e mostrar suas ideias. Algumas de suas contribuições para o ensino e aprendizagem é que pode servir como arquivo dos estudantes para guardar informações pesquisadas, como um portal da turma onde podem ser expostas as atividades que serão executadas, um blog intitulado em algum tema com um propósito de criar debates em sala de aula e promover discussões. O blog vai além de ser apenas um diário eletrônico, quando utilizado como instrumento de trabalho de alunos e professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados desta pesquisa, com a análise das afirmações dos autores citados neste trabalho, é possível perceber que os alunos quando estão distantes do ambiente escolar, fazem uso das TDICs nas mais variadas modalidades, como o Youtube, o Facebook, o Blog, os Games, com isso chegam na escola entusiasmados à aprendizagem. Portanto, o professor deve aproveitar essa motivação dos estudantes, para executar seu trabalho no ensino, sendo importante ter um olhar com atenção com a prática com as mídias para que utilize essas ferramentas como meio de facilitar a aprendizagem dos educandos.

Também pôde-se constatar que é mais dificultoso a aprendizagem da língua portuguesa no espaço virtual, sem uma assistência específica, pois as TDICS só poderão favorecer para o ensino aprendizagem da língua se houver auxílio de um profissional encarregado de promover uma situação didática ou se houver uma motivação e interesse pessoal do estudante. Os mecanismos sozinhos não auxiliam os alunos, de modo que estes indivíduos só utilizam o computador para outros fins fora dos objetivos da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, S. F. L. **O papel do professor de língua portuguesa no paradigma da educação inclusiva**. IDEA, v. 2, n. 1, jul./dez. 2010.
- SILVA, Y. C. O.; JUNIOR, I. H. de F.; NEVES, J. K. A. L. **Jogos digitais como estratégia pedagógica**. Revista Eletrônica da Estácio Recife, 2016, 2.1.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-80.
- MILLER, C. R. Blogar como ação social: uma análise do gênero *weblog*. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org). **Gêneros textuais, agência e tecnologia: estudos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 59-86.
- MILLER, C. R. Questões da blogosfera para teoria de gênero. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org). **Gêneros textuais, agência e tecnologia: estudos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 87-112.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógicas**/ Marco T.Masseto, Marilda Aparecida Behrens.-Campinas, SP: Papirus, 2000.
- SILVA, S. P.; PESSANHA, A. P. B. **A produção textual e as novas tecnologias: o uso de blogs para a escrita colaborativa**. Revista Escrita, v. 15, n. 15, 2012. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20856/20856.PDF>
Acesso em: 20 de outubro 2020.
- SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- ZACHARIAS, W. R. de C. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C. V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 16-29.

CAPÍTULO 7

AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL PARA A FORMAÇÃO LEITORA

Maria da Conceição Andrade da Silva
Allan de Andrade Linhares

RESUMO

Esta pesquisa apresenta contribuições sobre a literatura infanto-juvenil como meio de formação para leitores críticos. Delineamos como objetivo demonstrar as importantes contribuições da literatura infanto-juvenil na formação de leitores críticos e para o desenvolvimento de habilidades e competências. A fim de alcançar o objetivo pretendido, fizeram-se necessárias leituras reflexivas de diferentes autores como Cosson (2012), Zilberman (2003 e 2005), dentre outros. A partir dos resultados encontrados através da pesquisa, concluímos que os professores podem estimular a leitura do gênero literário através de práticas metodológicas como oficinas de leitura, conversas de 10 minutos moderadas pelo professor, leitura independente e guiada, dentre outras. Portanto, consideramos que os professores de língua portuguesa precisam ofertar estratégias produtivas no ensino de literatura através de metodologias ativas que possibilitem aos alunos adquirirem competências leitoras necessárias para o seu desenvolvimento enquanto leitor crítico.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil. Leitura. Professor. Ensino. Literatura.

INTRODUÇÃO

Embora haja uma infinidade de possibilidades e meios de aplicar a leitura literária em sala de aula, os professores e pesquisadores da área devem ter consciência que é um processo complexo, que envolve muitas habilidades e competências. Contudo sempre haverá uma constante preocupação em como incluir a leitura na vida das pessoas, não da forma usual e predominantemente tecnológica, mas aquela que envolva análise e interpretação do texto.

Encontrar meios de incentivo à formação leitora através do ensino da literatura infanto-juvenil na educação básica e, ainda, busca discutir como esse ensino pode transformar pessoas em leitores críticos foi o que impulsionou a realização do presente estudo bibliográfico.

A metodologia desenvolvida neste estudo é essencialmente bibliográfica qualitativa, cuja análise de dados se apoiou em autores que defendem bons argumentos sobre o ensino da literatura infanto-juvenil através da contribuição de leituras de autores como Cosson (2012), Zilberman (2003 e 2005) e muitos outros.

Nesse sentido, considerando a importância da leitura, o letramento literário, desde a educação básica, torna-se essencial para que as crianças e adolescentes criem o hábito pela mesma e se tornem leitores críticos. Por essa razão, surgiu a seguinte indagação: Como as mudanças pedagógicas na aplicação de literatura infanto-juvenil podem influenciar na formação de leitores críticos?

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo principal identificar por meio de pesquisa bibliográfica as importantes contribuições da literatura infanto-juvenil na formação de leitores críticos e para o desenvolvimento de habilidades e competências.

REFERENCIAL TEÓRICO

LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

O papel do professor de língua portuguesa em despertar no aluno o gosto pela leitura é um grande desafio. E por ser uma função essencial para a vida, essa competência deve ser desenvolvida por meio de estratégias específicas. O letramento, por exemplo, é um processo de construção de habilidades de leitura, escrita e interpretação que auxilia na compreensão das práticas sociais (COSSON, 2012).

Nesse sentido, é importante compreender que o letramento literário exige não apenas uma simples leitura e compreensão de textos. Isso porque o leitor deve ter uma frequência em leituras para que seja possível enxergar os detalhes subentendidos dos textos. Com base nisso, considera-se pertinente refletir sobre o letramento literário voltado ao público infanto-juvenil.

Conforme afirma Cosson (2012):

O letramento literário no que se refere ao processo de escolarização da literatura(...) reforma, fortalece e amplia a educação literária que se oferece na educação básica (...) fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo.

Decerto, para que o letramento literário se efetive, é inegável a necessidade das práticas de leitura literária em sala de aula.

SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Na Roma antiga, a leitura era limitada a padres e nobres, sempre se referindo ao sistema sagrado ou judicial inspirado no modelo grego, cujas bibliotecas eram o produto da guerra. Na Idade Média, o ideal da leitura era a meditação, de preferência a meditação Bíblica, sempre mediada pelo processo de decifrar, corrigir, comentar, explicar e avaliar. Até a leitura relacionada ao lazer era

concentrada, atenta e vaga.

Contudo, de acordo com Zilberman:

No começo da literatura infantil se alimenta de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que convertem nos contos para crianças; ou ao público de outros países, determinado, nesse caso, traduções para a língua portuguesa. (2005, p. 18).

Ressalte-se que a circulação de livros era precária e os livros adaptados à Língua Portuguesa ainda eram muito voltados ao público adulto e, mesmo com toda a tentativa da burguesia em educar as crianças e adolescentes, os primeiros programas dedicados a editar livros para esse público só surgiram com a abolição da escravatura. Desse modo, a literatura infantil surgiu com reflexos da sociedade encontrada na época, com um pensamento burguês e voltado para a família, exercendo uma função pedagógica, associando-se à escola, mas com padrões estereotipados (ZILBERMAN, 2003).

Atualmente, a literatura infanto-juvenil não tem só o objetivo de entreter e diferenciar o que seria infantil ou adulto, hoje é usada para propiciar uma nova visão da realidade, diversão e lazer.

CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Existem algumas diferenças entre literatura feita para adultos e a literatura infanto-juvenil. De acordo com Coutinho e Coutinho (2004, p. 200), “a caracterização da literatura infantil oferece um permanente embaraço: saber se inclui apenas o livro escrito para crianças ou, com mais justeza, se compreende também o que lê a criança [...]”. Em outras palavras, acreditam que para saber diferenciá-las é necessário saber as características da literatura infanto-juvenil.

Meireles (1984), por outro lado, diz que:

Tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam com sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. (p. 20).

No tocante às características literárias, pode-se dizer que a literatura infanto-juvenil é marcada pelo texto de qualidade que, embora aborde assuntos cotidianos e históricos, não tratam especificamente de temas adultos como guerras, por exemplo. Ela se divide em dois grupos, a literatura infantil, que é destinada a crianças, e a juvenil, destinada a leitores entre dez e quinze anos (MACHADO, 1991).

Conforme dito, à divisão da literatura, cabe explicar que a literatura infantil tem linguagem simples, apresenta narrativas com mais diálogos e poucas descrições. Já no tocante à literatura

juvenil, que se destina aos leitores juvenis, aqueles compreendidos entre o 6º e o 9º ano do ensino básico, geralmente apresentam temas mais jovens, como drogas, guerras, relacionamentos amorosos e há personagens de idade próxima à faixa etária.

Apesar de não terem o costume de leitura de clássicos literários, os leitores juvenis costumam ler uma média de 200 a 300 páginas de narrativas com histórias fictícias como Harry Potter. É papel do professor mediar o diálogo entre a leitura e o aluno, mostrando não somente a leitura terapêutica, mas os clássicos literários, por meio de estratégias que os tornem mais ativos na leitura (LIBANEO, 2004).

FUNÇÕES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infanto-juvenil desempenha importantes funções na formação do ser humano, podendo inserir no leitor valores sociais imprescindíveis, tanto na área pessoal, profissional, política quanto histórica. Dentre as funções, é possível citar a estética, educativa, didática-pedagógica, social e terapêutica.

A função estética é comum no gênero literário. A maior parte dos textos são marcados por traços individuais, por meio de palavras extremamente formais e agradáveis, que buscam gerar admiração no leitor e fazê-lo valorizar a leitura.

Os textos literários também têm função educativa porque levam ao leitor o conhecimento de diversas histórias marcadas por características culturais narrativas fora do prisma pedagógico. Isso porque o aluno se envolve e escolhe suas leituras com base em seus gostos e interesses, diferente do que ocorre em sala de aula com a função didático-pedagógica.

No entanto, a função didático-pedagógica da literatura infanto-juvenil, apesar de trazer conhecimento de diversas épocas, por intermédio de personagens e histórias que retratam as condutas das gerações passadas, atualmente, tem sido excluída das escolas, o que dificulta significativamente o prazer pela leitura, já que os jovens, com o desenvolver da tecnologia, perderam o incentivo e os hábitos leitores.

Os jovens, atualmente, adequam-se a leituras de redes sociais e usam os livros didáticos somente por obrigação, mas não tentam aprimorar seus conhecimentos lendo por prazer. Idas às bibliotecas estão cada vez mais escassas.

Concordamos com Coelho ao afirmar que

Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica). Em relação a essa formação, pode-se afirmar que a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a

especificidade do humano. Além disso, sua eficácia como instrumento de formação do ser está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a leitura. (COELHO, 2000, p. 10).

Desse modo, é possível se chegar a outra função intimamente ligada com a função didático-pedagógica, a função social. Segundo Caldin (2003, p. 48), “o discurso literário infantil apresenta-se em uma linguagem carregada de ideologia. O uso social desse discurso reforça a estrutura vigente e, portanto, cabe à leitura preparar a criança para refletir sobre os valores da sociedade”.

Entretanto, a literatura que mais interessa às crianças e adolescentes, no ensino fundamental, é baseada na função terapêutica (GERALDI, 2001), isso porque envolve sentimentos. A palavra terapia traz a ideia de cuidado com o ser humano. Assim, analisando pelo senso comum, é possível perceber porque há tantos gostos pela leitura romancista.

Além disso, não se pode deixar de mencionar a importante função histórica que a literatura infanto-juvenil tem, pois ela desponta contos maravilhosos através de narrativas que exprimem a realidade traçada por tensões políticas, em sua maioria, na sociedade. As narrativas se preocupavam em contar as histórias por meio de fábulas, metáforas, contos, música e outros e prevalecem até os dias atuais. Ademais, muitas histórias literárias tratam períodos da idade média, do renascimento, absolutismo, iluminismo, realismo e outros como meio de mostrar as ideologias da época.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O processo de aprendizado da leitura é muito importante nas fases iniciais da escolarização e, por isso, implantá-la nessa fase é primordial. Desse modo, a literatura infanto-juvenil, por essência, torna-se porta de entrada para a inclusão de outras leituras, fazendo com que os alunos criem o hábito pela mesma.

Desse modo, antes de incentivar o aluno a ler histórias longas e clássicas é preciso que sejam criadas metodologias que forneçam ao aluno uma experiência positiva. O pesquisador Bamberger (1991) entende que

[...] se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, antes que as histórias em quadrinhos, as revistas ilustradas e a torrente de imagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa tomem conta dela, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano. (p. 14).

De forma objetiva, o pesquisador aponta que a prática de boas leituras e a forma com a qual essa é introduzida contribui de forma positiva para o desenvolvimento da criança ou adolescente em seu processo de crescimento como humano. Em concordância com tal posicionamento, menciona-se que é preciso selecionar de maneira cuidadosa que tipo de leitura será sugerida ou exigida do aluno a fim de que ele não se afaste e não crie repulsa pela leitura.

FORMAS DE INCENTIVAR A LEITURA

O papel do professor é encontrar, no ensino da literatura infanto-juvenil, meios de contribuir para um comportamento leitor no aluno, posto que a leitura tem o papel de transformar e gerar frutos positivos na vida dos que dela se utilizam. Referimo-nos, aqui, a uma leitura que seja fruto de fantasias, emoções, sensibilidade e liberdade, ou seja, aquela que desperte no estudante a sua criatividade, imaginação e aguçe seus instintos, fazendo fluir no aluno o hábito pela leitura.

A compreensão da literatura depende de uma série de conhecimentos prévios. Dito isso, é essencial compreender as características literárias e suas funções que, de certa forma, acabam embasando o pensamento para melhor compreender o processo formal da escrita de textos literários que abrangem conceitos e perspectivas distintas do contexto histórico e sociocultural.

Decerto, não só o conhecimento das características é fundamental, pois dominá-la os fará se comunicarem melhor em sociedade. Colomer(2007) argumenta que

Os indivíduos que não dominam a prática da leitura consciente e significativa não são capazes de se comunicar com eficiência dentro da sociedade. Quanto mais acesso à língua escrita os alunos do ensino fundamental tiverem, mais preparados eles ficaram para enfrentar os desafios na aprendizagem e mais estimulados serão para a interpretação de assuntos diversos e para melhorar a própria escrita, expressão e desenvolvimento cognitivo e emocional (p. 124).

Com esse posicionamento, a autora aborda a visão de que a leitura tem papel de formar um indivíduo atuante na realidade social e, para isso, ele necessita de acesso e incentivo à leitura e à escrita. Os professores podem se utilizar de atividades pedagógicas que despertem o interesse e curiosidade pela leitura, como a promoção de um teatro baseado em algum texto literário.

Também é possível a utilização de premiações ao leitor do mês nas salas de aula ou ao aluno mais presente na biblioteca, além de incentivo à participação nos concursos nacionais de leitura para obterem premiações que são destinadas à categoria de leitores juvenis com apoio do Governo ou de Organizações Não-Governamentais.

Com base nisso, é correto afirmar que pode até existirem outros caminhos para iniciar os infanto-juvenis na leitura, no entanto, o que prevalece é colocá-los diante dos livros, nem que para isso se use de outros meios. Mas não há opção que os retire da objetividade que se limita à leitura, pois não há como mediar um hábito sem que constantemente o impulsione.

DIFICULDADES NO ENSINO DA LITERATURA

Apesar de haver, no Brasil, bons escritores de literatura voltada ao público infanto-juvenil, acredita-se que a literatura do país é falha porque falta publicidade, mesmo com todos os meios para

promovê-la. A tecnologia, por exemplo, marco dos avanços sociais, faz com que todos se voltem a ela. No entanto, não estimula a leitura propriamente dita e, assim, as pessoas se limitam a passar horas contemplando os efeitos da globalização, por meio de seus celulares com as redes sociais, jogos e outros meios de entretenimento.

Naturalmente, a tecnologia proporciona um maior alcance de pessoas, através da internet. Com isso, a mídia impulsiona uma vasta rede de publicidade para fornecer seus produtos. E com as mudanças nos meios de comunicação, tornou-se cada vez mais fácil ativar a dependência tecnológica nas pessoas e, principalmente, nas crianças e adolescentes. No entanto, os produtos mais vendidos que tem como público-alvo crianças e adolescentes são celulares, videogames, “greencards”, blusas de times, bolsas, roupas, maquiagens, brinquedos e outros, tudo em razão dos algoritmos, que constantemente impulsionam o consumismo desenfreado.

Nota-se que dificilmente há compras de livros, pois o marketing sobre esses é mínimo. No entanto, é preciso ressaltar que uma das bonanças virtuais é a facilidade de alcance a livros em formato virtual (PDF) ou até mesmo e-books (livros on-line), mas ainda assim, essa ferramenta não é dada a devida atenção.

Outra grande falha escolar é que muitos professores não transmitem gosto pela leitura aos seus alunos porque não têm o hábito de ler. Desse modo, mesmo que exista a possibilidade de leitura através da tecnologia, o não incentivo se torna um empecilho para o letramento literário.

Outro fator relevante é que a tecnologia tem provocado mais prazer nas crianças e adolescentes, pois instiga pelo visual. Assim, é muito comum ver crianças e adolescentes na frente de computadores e celulares, assistindo a séries, filmes ou jogando online. Com isso, o público infanto-juvenil tem deixado de lado os livros e as histórias. Conforme Bayard (2007):

Os problemas atuais [...] da literatura decorrem da situação incerta em que se encontra a própria literatura neste fim de século, época que se convencionou chamar de pós-moderna. No momento atual, a literatura está sendo questionada em sua produção e em sua recepção, encontrando-se ameaçada em seus próprios fundamentos (p. 345).

O que o autor não previa é que os problemas da atualidade são bem maiores, já que a recepção literária tem encontrado cada vez mais dificuldade, não em razão de suas histórias, mas em virtude dos avanços tecnológicos, cujo contexto tem trazido grandes dificuldades ao setor no ramo mercadológico dos livros.

Se por um lado, o acesso à literatura clássica é possível virtualmente, por outro a literatura moderna, que mais desperta o interesse da criança e adolescente, tem sido dificultoso, já que muitas escolas não possuem material atualizado, a internet não possui os livros em PDF por falta de autorização por quem possui os direitos autorais e, ainda, porque muitas famílias não possuem condições de comprar livros, em razão de seus altos valores, diferente do que acontecia no século

XX em relação à produção literária.

Por outro lado, a literatura estrangeira, quando acessível, tem sido bem recebida pela classe infanto-juvenil e os professores precisam se adaptar a novos autores. Há inúmeras trilógicas mitológicas, de bruxos, vampiros e amor juvenis e não somente essas, livros individuais também tem se tornado os alvos do público juvenil.

Acredita-se que a predileção por esses livros decorre dos conflitos internos de personalidade, os laços de amizade, o romance e as disputas entre o bem e o mal. Nesse contexto, por serem leitores em formação, necessitam de incentivo, mas é preciso que os professores de língua portuguesa, através do letramento literário em sala de aula, conheçam e aceitem a nova modalidade de literatura a qual o leitor juvenil se encanta, para que primeiro o faça se encantar e depois lhe apresente os grandes clássicos através de estratégias metodológicas.

ABORDAGENS METODOLÓGICAS PARA INCLUSÃO DA LITERATURA EM SALA DE AULA

Cosson (2012), Zilberman (2005), Miranda (2009) e muitos outros autores, em seus estudos específicos sobre a temática, desenvolveram metodologias capazes de tornar a leitura literária em uma fonte de prazer para o público infantil e juvenil. Esses estudos proporcionaram meios de entender como um professor pode usar técnicas que agucem o desejo e a curiosidade pela leitura, envolvendo o aluno com as histórias e, através delas, despertar um olhar mais crítico que futuramente permitirá uma construção de consciência social, política e ideológica. Em decorrência disso, o professor, na função de mediador, deve desenvolver o letramento literário em sala de aula.

Introduzir a literatura no ambiente escolar exige, além de uma leitura prazerosa, uma metodologia atrativa que faça o público infanto-juvenil desejar interagir com a história e compreender todo o cenário e o que deseja o autor a partir de determinado texto, tornando o letramento literário possível.

Por isso, Cosson (2012) afirma que o maior objetivo do letramento literário nas escolas é formar “um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive”. Para isso, sugere-se, a partir das pesquisas feitas, que apontaram inicialmente as dificuldades que os alunos têm de se aproximar da literatura infanto-juvenil que o professor de língua portuguesa aborde a literatura em função de sua diversidade, com obras que retratem temas necessários e importantes para o crescimento intelectual da criança e do adolescente, possibilitando uma leitura que forneça engajamento social e proporcione ganhos éticos para a formação do cidadão.

Para esse fim, o professor pode incluir livros como “Bolsa Amarela” da romancista Bojunga (1976) nas séries finais do ensino fundamental, pois o livro trata dos dramas vividos por uma menina na fase de conflitos intrafamiliares e interfamiliares e que podem proporcionar grandes discussões sobre várias circunstâncias da vida de um jovem. Também pode iniciar os debates sobre o preconceito de raça com o livro “Histórias de Tia Nastácia”, de Monteiro Lobato (1995), que aborda aspectos da cultura negra. Essa obra é de suma relevância para tais debates, já que é uma das poucas obras literárias infanto-juvenis que deu espaço para uma personagem principal negra.

É preciso abordar a importância da aprendizagem por meio da leitura, pois, a partir desse momento, é que a criança começa a interagir com o mundo e adquire novos conhecimentos, desenvolvendo sua capacidade cognitiva. Locke (1999), ao estudar bases educacionais, firmou a tese conhecida por *tábula rasa*, cuja defesa era que as pessoas nascem como uma espécie de folha em branco, em que nada se encontra escrito.

Desse modo, a inclusão da literatura é um dos principais meios de promover a educação e transformar crianças em adultos éticos e responsáveis, pois através dela, a classe infanto-juvenil descobre o mundo e a pluralidade de indivíduos, das mais diferentes raças, cores, religiões, gêneros e origem. Com isso, podem vir a adquirir respeito às diferenças.

SUGESTÕES PRÁTICAS PARA O ENSINO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A linguagem textual, conforme Cosson (2012), permite três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, sobre a literatura e por meio da literatura.

Silva (2003), por sua vez, sugere em seu estudo sobre a literatura em sala de aula, como forma de contribuição, alguns mecanismos que concordamos ser relevantes para aproximar o leitor da leitura. São eles:

- A articulação à leitura crítica, da análise e da interpretação do texto literário para os alunos atingirem um discurso crítico, partindo do reconhecimento das singularidades estéticas do fazer literário;
- A apresentação das distinções entre os gêneros literários, percebendo também o diálogo entre as características de diversos gêneros numa mesma obra literária;
- A análise da obra literária sob um olhar interdisciplinar, relacionando-a entre, por exemplo, Literatura e Sociologia, Literatura e História, Literatura e Psicanálise;
- O desenvolvimento de estudos da obra literária com base no interculturalismo;
- Consideração das diversas correntes teóricas que dependem do fazer literário com perspectivas diferentes (Formalismo, Estruturalismo, Pós-estruturalismo, Sociologia da Literatura, Sociocrítica, Fenomenologia da Leitura, etc.);
- A demonstração das distinções entre Teoria da Literatura, Crítica Literária e História da Literatura;
- Desenvolvimento de estudos intersemióticos, considerando as relações entre literatura e outras expressões artísticas (literatura e pintura ou literatura e música por exemplo). (p. 524)

Além dessas abordagens, ainda existem metodologias propostas por outros estudiosos, como as “oficinas de leitura”, termo utilizado por Giroto e Souza (2010). Essa oficina pode ser organizada em três fases:

1. Inicia-se com a leitura em voz alta pelo professor na sala de aula para demonstrar e exemplificar aos alunos as habilidades de leitura, habilidades ou estratégias essas que, de acordo com Pressley (2002 apud Cosson, 2011, p. 104), são: conhecimento prévio; conexão do texto com o conhecimento prévio; inferência que seria “ler nas entrelinhas”; visualização; perguntas ao texto que podem ser respondidas no decorrer da história; sumarização que seria pegar o essencial; as ideias principais do texto; e a síntese que seria articular o texto juntamente com nossas impressões pessoais.
2. Em seguida, os alunos devem fazer uma leitura individual e silenciosa para tentarem aplicar as habilidades mencionadas acima.
3. Por último, seria a conversa em grupo sobre o texto e a avaliação do professor. (COSSON, 2012).

Outra possibilidade de estimular a leitura é a inclusão de práticas metodológicas modernas que envolvem a literatura e a tecnologia por meio de *Fandom*, *Fanfiction*, *Cosplay* e *Fanhit* (MIRANDA, 2009b), que encontram muita resistência por serem inovadoras, mas estimulam ainda mais o leitor infanto-juvenil pela criatividade e interação que promovem, bem como a maior proximidade com o personagem literário.

Com base nas sugestões apresentadas, os alunos e os professores podem ser beneficiados. Essas sugestões podem propiciar uma interação do aluno com a leitura e com outras pessoas, podendo também fazê-los adquirir gosto pela literatura e torná-los leitores frequentes ou, até mesmo, escritores futuramente.

INCLUSÃO DE OBRAS LITERÁRIAS INFANTO-JUVENIS EM SALA DE AULA

Muitas obras literárias infanto-juvenis podem servir de apoio ao professor para auxiliar no processo de ensino de uma leitura crítica. Neste estudo sugere-se duas obras, o livro “Bolsa Amarela” da romancista Bojunga (1976) e “Histórias de Tia Nastácia”, de Monteiro Lobato (1995), devido seus enredos e a possibilidade de induzirem seus leitores a reflexões sociais.

Tais leituras podem ser usadas em sala de aula para o público infanto-juvenil porque podem despertar a consciência para expandir a capacidade e interesse de analisar o mundo, pois permite o enriquecimento da vida do pequeno leitor para enriquecer também sua personalidade. As obras podem ser usadas em sala de aula para auxiliar na abordagem sobre as inseguranças da infância, trazendo para criança um conforto coletivo, já que não somente ela, mas outras de igual idade, podem e devem estar passando por circunstâncias parecidas.

Além disso, trabalhar obras como essa em sala de aula pode atingir o objetivo principal da literatura infanto-juvenil, que é trazer conhecimento às crianças e adolescentes através de histórias que são próximas da realidade vivenciada por eles, induzindo-os ainda a se indagarem sobre os fatos e assim tornarem-se críticos.

O papel do professor é demonstrar que, apesar de haver muitos medos e incertezas, é normal se sentir assim nessa fase da infância, é preciso mostrar que a criança pode e deve conversar sobre seus sentimentos, objetivando ensinar o diálogo, para que no futuro eles tenham uma maturidade afetiva e evitem transtornos e até depressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, chegamos à conclusão que o papel do professor não é ensinar uma criança ou adolescente a gostar de literatura, pois isso não pode ser ensinado, mas possui um importante meio de estimular a leitura desse gênero através de práticas metodológicas distintas que objetivem mostrar ao seu público que a literatura infanto-juvenil pode proporcionar grandes ganhos em sua formação leitora-crítica, preparando-os para a vida adulta, usando de meios lúdicos com os *fandom*, por exemplo.

Sobre as estratégias de letramento literário, a nossa pretensão foi investigar como as estratégias de compreensão leitora, eleita pelos professores de língua portuguesa, possibilitam aos alunos aprendizagem por meio da leitura. Observamos que nas pesquisas os autores ensinam sobre as estratégias de leitura conjunta entre os professores e seus alunos como as oficinas de leitura, por exemplo; também não há nos estudos utilizados como fontes dessa pesquisa uma programação de obras a serem lidas que tenham enredos voltados à formação cidadã dos alunos, por isso sugeriu-se, durante a análise, a discussão de algumas obras como forma de introduzir na criança uma visão mais ampla sobre a realidade, mesmo que para isso as obras tratem de questões sociais unidas à fantasia.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Tradução Rejane Janowitz, Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1976.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil**. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

COSSON, R.; SOUZA, R.J. de. Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula. **Conteúdo e Didática de Alfabetização**. UNESP, p. 101-107, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2 ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.

GERALDI, José Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GIOTTO, C. G. G.S.; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira (org). **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

LIBANEO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender**: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. online: Brasileira de Educação. p. 5–24, 2004.

LOBATO, Monteiro. **História de Tia Nastácia**. E-book. 32 ed. 1995. Disponível em: file:///C:/Users/Downloads/Hist_rias%20de%20tia%20Nast_cia%20 %20M%20Lobato.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020.

LOCKE, John. **Alguns pensamentos acerca da educação**. Cadernos de Educação. Fae/UFPel, Pelotas, p. 147 – 171. 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Jornadas Literárias**. Rio Grande do Sul: Universidade de Paço Fundo, 1991.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MIRANDA, Fabiana. Moes. **Fandom**: um novo sistema literário digital. *Hipertextus*: revista digital. n. 3, Jun. 2009b. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>. Acesso em 07 Set. 2020.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Anais [...], 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo. Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

CAPÍTULO 8

O LETRAMENTO LITERÁRIO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

Maria do Socorro Sousa Andrade

Allan de Andrade Linhares

RESUMO

Esta pesquisa apresenta algumas reflexões acerca do letramento literário nos anos finais do ensino fundamental. Ela tem como objetivo geral: Investigar as concepções e práticas de leitura literária empregadas atualmente em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental. A fim de alcançar o objetivo pretendido, fizeram-se necessárias leituras reflexivas de diferentes autores, principalmente Cosson (2006; 2014), Dalvi (2013), Oliveira (2008), Pinheiro (2006), Brasil (2017), dentre outros. A presente pesquisa se dedica à interpretação de ações sociais e investiga o contexto escolar de leitura literária nos anos finais do ensino fundamental, e desenvolveu-se por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa com perspectiva bibliográfica. A partir dos resultados encontrados através da pesquisa, conclui-se que, são muitos os desafios que impedem que o letramento literário seja efetivado em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental. De acordo com os teóricos estudados, para que isso aconteça a escola precisa cumprir a sua função social de aproximar literatura e leitor de forma que este possa interagir com a literatura de uma forma mais literária e menos pedagógica. Portanto, para que isso aconteça a escola precisa inserir a literatura dentro da sala de aula. É preciso escolarizá-la sem descaracterizá-la.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Letramento Literário.

INTRODUÇÃO

Observando as salas de aula de ensino fundamental, podem-se perceber as dificuldades que muitas crianças e adolescentes têm para decodificar ou compreender algumas práticas de escrita e leitura que fazem parte do seu cotidiano. Essas dificuldades, muitas vezes, estendem-se até os anos finais do ensino médio, o que pode indicar uma falha no processo de letramento, de uma forma geral, desde a educação infantil.

Pensando nisso, essa pesquisa foi motivada pela seguinte questão norteadora: Quais são os principais desafios que impedem a efetiva implementação do letramento literário em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental? Para responder à questão de pesquisa, foi delineado o seguinte objetivo geral: Investigar as concepções e práticas de leitura literária empregadas atualmente em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental.

Para a construção desta pesquisa, utilizou-se como procedimento metodológico um estudo de natureza qualitativa com perspectiva bibliográfica, advinda de livros físicos e digitais, presentes no acervo pessoal da pesquisadora e na internet, de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que abordam a temática da investigação, além de pesquisas quantitativas nacionais relacionadas ao tema.

CONCEITUANDO LETRAMENTO, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO

Alfabetização e letramento são termos comuns no cotidiano escolar, e muitas vezes, compreendidos como sinônimos. Mas na verdade, como ressalta Soares (2003) "esses termos não são equivalentes: alfabetização é um processo de *aquisição* da língua oral e escrita e letramento é um processo de *desenvolvimento* da língua". Portanto, enquanto o primeiro acontece em um momento específico do desenvolvimento da criança, o segundo acontece desde que a criança nasce e tem contato com diferentes experiências de leitura e escrita. Assim, comumente, a escola se depara com crianças não alfabetizadas, mas já letradas, assim como acontece de a pessoa já estar alfabetizada, mas não estar letrada.

O letramento é fruto das relações sociais, por isso, talvez, o termo correto segundo Souza e Cosson (2011) seja se falar em letramentos, no plural, pois assim reflete os inúmeros tipos de letramentos existentes, como: letramento digital, letramento visual, letramento financeiro, letramento midiático, letramento literário, e vários outros. Na verdade, o letramento é um processo, e como um processo, acontece durante toda a vida da criança, perpassando as várias instâncias da vida, mas tendo a escola uma função primordial, principalmente no que concerne ao desenvolvimento de estratégias que contribuam para a implementação de atividades de leitura direcionadas ao letramento literário.

O letramento surge no Brasil e em vários países do mundo concomitantemente. Mas se em outros países, surge como uma tentativa de fazer pessoas já alfabetizadas reconhecerem e nomearem práticas sociais de escrita, no Brasil surge como uma tentativa de, junto com a alfabetização, ensinar as primeiras letras, por isso é tão comum a confusão entre os dois termos até mesmo por professores (SOARES, 2003).

Considerando a complexidade do termo letramento por abarcar a leitura e a escrita como dois fenômenos distintos, mas interdependentes nos mais diversos contextos sociais, Pinheiro (2006) os compreende como categorias difíceis de mensurar, pois alguém pode ser capaz de ler um bilhete e não ler um romance, ou saber escrever o próprio nome, mas não conseguir escrever uma carta, por

exemplo. Soares *apud* Pinheiro (2006) destaca assim, duas categorias de definição para letramento: uma individual e outra social.

O letramento na categoria individual, ou seja, como tecnologia adquirida pelo indivíduo é aquele que

estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequências de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 2001, p. 69 *apud* PINHEIRO, 2006, p. 25.)

Dessa forma, pode-se dizer que letramento tem relação com os usos efetivos da escrita e da leitura e o conhecimento de mundo, e com a efetivação da cidadania. O letramento literário é um desdobramento desse termo.

O letramento literário está intimamente ligado às práticas de leitura literária, e deve, prioritariamente, ser desenvolvido na escola, ou pela escola. Souza e Cosson (2011) têm o letramento literário como um tipo diferenciado de letramento, pelo seu caráter voltado à literatura. "O letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma." (SOUZA; COSSON, 2011, p.102)

Assim como os outros letramentos, o letramento literário é uma prática social. Mas diferente dos outros, ele privilegia a linguagem literária e, portanto, faz parte de um nicho do letramento capaz de ajudar a desenvolver além das emoções, por ser arte. Dessa forma, desperta o senso crítico do aprendiz, possibilitando que conheça e/ou desenvolva novas ideias.

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A BNCC

A BNCC- Base Nacional Comum Curricular, é um documento que busca definir uma base comum a todos os estudantes do território nacional, determinando as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas durante cada etapa da educação básica. Instituída em 2017, sua criação já havia sido prevista na Constituição Federal (1988) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996.

Devido à sua implantação ter sido em uma época intensamente marcada pelas novas tecnologias, a BNCC acaba envolvendo em seu texto formas diversas de utilização da linguagem, que exploram suportes extremamente atuais, essencialmente voltados à internet. Essas práticas são

defendidas como uma forma de contemplar também no ensino os novos letramentos na escola, além do escrito/impresso.

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p. 66)

A parte dedicada especialmente à língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) apresenta como prática de linguagem o campo artístico-literário, que diz respeito às manifestações artísticas e produções em geral, e em especial à arte literária, pelo menos teoricamente. “Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica.” (BRASIL, 2017, p. 152).

Neste campo é reconhecida a importância da literatura como arte ao se reconhecer a necessidade da formação de um leitor que não só compreenda os sentidos do texto, mas que também seja capaz de fruí-lo. Fala ainda em um leitor capaz de desenvolver seu pensamento crítico através da leitura literária, passando a dividi-lo com outros leitores-fruidores. É exatamente isso o que se espera de um leitor literário.

Mas apesar desse campo está direcionado especificamente ao ensino de literatura, ela não é privilegiada como arte, demonstrando-se mais uma vez a preocupação maior com o ensino sobre literatura e a diversificação quanto aos gêneros textuais:

Aqui também a diversidade deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra. (BRASIL, 2017, p. 153)

O letramento, como uso da escrita e da leitura em práticas sociais, é essencialmente necessário na formação não só do leitor, mas também do cidadão. No entanto, para muitos, isso pode passar a ideia de que a literatura, como arte e para a fruição, é inalcançável, “coisa de gente rica”, e, portanto, desnecessária ou menos importante.

Privilegiar o letramento da letra não deveria ser função da leitura literária, muito menos nesse nível de ensino. Teoricamente, o letramento da letra já deveria estar aprofundado nos anos iniciais do ensino fundamental. Então parece um tanto quanto contraditório se falar em formar um leitor literário quando se tem como prioridade o letramento da letra.

Assim, o que se pode deduzir sobre a leitura literária na BNCC é que ela é reconhecida como uma manifestação cultural e, por isso, é essencial na formação do leitor. No entanto, muitos dos

objetivos propostos para a sua efetivação na escola tendem a priorizar outras habilidades e não a formação do leitor em si.

A LITERATURA EM SALA DE AULA

Muitos são os desafios que a literatura enfrenta para chegar e permanecer na sala de aula, pois a forma como a escola institucionalizou-se nem sempre privilegia o letramento literário. Isso acontece porque se preza tanto por seguir uma rotina "robotizada", quase sempre voltada para vestibulares e concursos, que a literatura com a sua função de fruição ou deleite quase não tem espaço lá.

A escola, mais uma vez, esquivava-se de sua grande responsabilidade de formadora de sujeitos quando não apresenta ao aluno possibilidades de trazer o conhecimento literário para a sua vida e para o seu cotidiano, de conhecer novos mundos, melhorar seu vocabulário, refletir sobre a história e a cultura do seu povo.

A respeito disso, Souza e Feba (2011) declaram:

A literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo a competência literária, cuja formação se produz através do hábito leitor. Possibilita, também, a participação ativa do sujeito como leitor fazendo dele um ser crítico, reflexivo, capaz de elaborar suas próprias interpretações, além de o auxiliar na construção dos símbolos e na convalidação dos sistemas de crenças e valores. (p. 81)

Portanto, o contato com a leitura literária é indispensável desde a infância e deve prosseguir por toda a vida. Deve ser incentivado até mesmo quando a criança ainda não está alfabetizada, primeiramente pela família, justamente para que ela possa tomar gosto pela leitura. Posteriormente, quando a criança estiver em idade escolar, deverá ser incentivada prioritariamente pela escola, que deve facilitar esse contato disponibilizando e sugerindo livros que possam ter relevância para o desenvolvimento dela.

A literatura ultrapassa os limites escolares ao tratar de assuntos que estão no cotidiano do leitor, criança ou adulto. Ela estimula o diálogo, as experiências de vida e ajuda a lidar com questões inerentes às relações sociais. Por isso, mesmo, deve estar presente na sala de aula, e não deve ser utilizada apenas com finalidade de repassar conteúdos ou entreter, mas deve também ajudar a fazê-los pensar sobre questões que são da sua vivência.

Infelizmente, a escola muitas vezes prefere disponibilizar para a criança apenas livros com temas de entretenimento, evitando temas que sejam, segundo Oliveira (2008), "delicados, polêmicos, perigosos, ousados", o que segundo ela, priva a criança da "discussão de enigmas da existência humana e complexidade das relações sociais." Ainda segundo Oliveira (2008), a literatura não deve

ser apenas pedagógica, pois isso dificulta que a criança possa se tornar um leitor literário, visto que ela (a literatura) não tem obrigação com o conhecimento, mas o promove, porque através dela é possível o contato com outras épocas e costumes.

Ao professor, cabe a seleção do que será lido e discutido pela turma. Para Cosson (2006), alguns cuidados devem ser tomados, “tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático”, utilizando não os fragmentos que vêm no livro, mas sim a obra completa, a fim de não fugir do entendimento que o livro propõe.

A seleção adequada dos livros que serão trabalhados na sala de aula, portanto, são de extrema importância para despertar no aluno o gosto de ler, principalmente livros literários, em todas as idades. A escola, principal formadora de leitores literários, deve se preocupar em oferecer ao aluno condições de conhecer e dispor dessas obras de forma construtiva, diferente do que acontece na maioria dos livros didáticos atualmente, onde só são trabalhados fragmentos ou resumos, sempre permeados por ditames dos programas que determinam a seleção dos textos de acordo com fins pedagógicos.

Esse modelo atual de trabalho com textos literários adotado pela escola pode até funcionar tendo como fim outros objetivos, mas não o letramento literário. Por isso mesmo a escolha dessas obras é tão determinante, pois pode desenvolver no aluno o gosto literário que o livro didático não é capaz de fazer por si só. Assim, a importância do professor como mediador desse trabalho se faz determinante para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

A esse respeito, Cosson (2006) salienta que o professor é o intermediário entre o livro e o aluno, e que, invariavelmente, são os livros que o professor lê ou leu que os alunos acabam lendo também. Isso poderia explicar o porquê de certos livros permanecerem no repertório escolar por décadas.

Essa prática reforça a ideia de cânone, geralmente criticada por serem construídas sobre bases polêmicas, apresentando, por exemplo, aspectos preconceituosos em relação ao gênero, classe ou etnia. Já outros, criticam o uso exagerado de obras contemporâneas, exaltando o valor histórico e cultural dos autores já consagrados. Ambas as posições são radicais, visto que a pluralidade e a diversidade de autores parece ser a forma mais adequada de escolher que obras entrarão na sala de aula. Cosson (2006) defende essa direção mais democrática "que busca quebrar as hierarquias impostas pela crítica literária e abrir a escola a todas as influências."

A aprendizagem literária, seja ela canônica ou contemporânea, é necessária na formação do leitor, e por isso deve ser sistematizada de forma que possa alcançar o objetivo não só de fazer o aluno consumir obras, mas sim formar o leitor literário. Essa formação literária precisa considerar que a literatura compreende três tipos de linguagem:

A aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (COSSON, 2006, p. 47).

O grande erro da aula de literatura tradicional quanto ao processo de formação de leitores literários está na utilização das duas últimas aprendizagens, apenas, esquecendo a função social da mesma. Cosson (2014) classifica a forma como a literatura é trabalhada na escola de duas maneiras: a literatura ilustrada e a literatura aplicada. A primeira, geralmente praticada nos anos iniciais do ensino fundamental, reserva-se apenas à fruição da obra, sem que haja um contexto verdadeiramente educativo. Já a segunda, mais comum nos anos finais do ensino fundamental, utiliza-se de textos literários "para ampliar e consolidar a competência da leitura e da escrita, auxiliando o desenvolvimento cognitivo do aluno" (COSSON, 2014, p. 70).

Estudar literatura como pretexto para desenvolver questões gramaticais ou ler por ler, sem nenhuma orientação, definitivamente, não parece ser o caminho mais adequado para formar o leitor literário e nem para se formar uma comunidade de leitores. A escola precisa repensar seus métodos e rever que tipo de leitor deseja, verdadeiramente, formar.

DOS DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

O letramento literário enfrenta muitos obstáculos para que seja efetivamente implantado em sala de aula. Esses obstáculos fazem com que o aluno não desenvolva integralmente as habilidades que poderia desenvolver, resultando em prejuízos na sua formação intelectual e pessoal.

O resultado pode ser devastador. A pesquisa Retratos da Leitura, a mais conceituada medidora de hábitos de leitura no Brasil, realiza pesquisas recorrentes e constantes sobre os hábitos de leitura no Brasil. A última delas foi divulgada em 2020 e aponta que o Brasil perde cada vez mais leitores a cada ano, perdendo 4,6 milhões de leitores de 2015 até 2019. Isso significa que a porcentagem de leitores no país representa apenas 52% da população, considerando aqueles alfabetizados com mais de cinco anos de idade.

Estudar essas questões acerca da dificuldade da inserção e desenvolvimento do letramento literário, especialmente nos anos finais do ensino fundamental são o foco desta pesquisa. Por isso, a seguir, será feita uma análise acerca dos principais pensamentos de autores que estudaram o tema de forma aprofundada, a fim de que os objetivos da pesquisa sejam alcançados.

Em "A Literatura em perigo", de Todorov (2009), fica clara a preocupação do autor com o futuro da literatura, não pela falta de bons autores, mas sim pela forma como a literatura é

apresentada aos alunos. Na parte da apresentação do livro em português, Caio Meira, o tradutor da obra original de Todorov, enfatiza essa preocupação do autor com a forma como a literatura vem sendo estudada nas escolas.

[...] o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional. (TODOROV, 2009, p.10).

Cosson (2014), inclusive, compartilha da mesma preocupação de Todorov, justificando que o ensino de literatura no ensino fundamental serve apenas de pretexto para questões gramaticais, o que é comum nos livros didáticos, ou para o que ele chama de “hedonismo inconsequente”, no qual a leitura acontece sem nenhuma orientação. O fato é que qualquer professor ou estudante que tenha passado pela escola pública, ou maioria das particulares, nas últimas duas décadas, é capaz de compreender a preocupação que ambos os autores possuem em relação à forma como a literatura vem sendo trabalhada nas escolas, principalmente quando se tem como base uma pesquisa como a *Retratos da Leitura*, citada anteriormente neste capítulo, que reflete exatamente essa situação.

Rezende (2013) propõe alguns questionamentos acerca do ensino de literatura na escola, propondo justamente uma reflexão sobre o que está sendo ensinado neste espaço. Esses questionamentos são: *o que se ensina hoje na escola quando se ensina literatura*, exceto simulacros, resumos, história da literatura, etc.? E a outra pergunta é: *o que se ensinaria se de fato se “ensinasse literatura”*, tendo o texto literário como objeto do ensino da literatura?

A resposta a esses questionamentos vai ao encontro ao que Todorov (2009) e Cosson (2014) exaustivamente defendem, de que não se desenvolve o trabalho com literatura nas escolas como deveria ser e de que, acima de tudo, o texto literário deve ser o objeto de ensino da literatura, e não o pretexto para se ensinar história da literatura, ou gramática, ou estilo de época, por exemplo.

Outra questão importante é que, além de a literatura não ser o objeto de estudo por ela mesma, quando há o trabalho com textos literários, geralmente eles estão presentes apenas em fragmentos ou resumos, normalmente no livro didático, e é aquilo o máximo que se tem de proximidade com o literário no ensino fundamental e médio.

Oliveira (2008) reflete sobre como acontece essa inadequada escolarização da literatura:

É dado ao texto um caráter meramente didático e pedagógico, deturpando e falsificando o seu caráter literário. Neste processo, além de se “destruir” o texto que, na maioria das vezes, torna-se um fragmento incoerente e inconsistente, isento de literariedade ao ser transferido de seu suporte original, “aniquila-se” também a ânsia, a fome, o prazer e a paixão pela literatura. (p. 1)

Zilberman (2003 *apud* COSSON, 2014, p.13) concorda com Oliveira ao afirmar que a leitura de fragmentos de textos literários não forma um leitor de livros literários, ficando o livro onde a obra

efetivamente está escrita, fora dos muros da escola. A autora ainda faz considerações muito pertinentes acerca de como ela percebe que até mesmo os fragmentos estão desaparecendo dos livros didáticos, cedendo lugar a textos tão variados que a literatura pouco a pouco está perdendo seu lugar, que já não era muito.

A preocupação de Zilberman é, de fato, genuína, visto que a escola anda tão ocupada em repassar conteúdos, que parece não ter tempo para ajudar o aluno a desenvolver o gosto pela literatura e pela leitura literária. A escola simplesmente não tem tempo, em meio ao seu atribulado calendário letivo, para inserir uma atividade que envolva reflexão e concentração.

Reiterando esse pensamento, Rezende (2013) afirma:

Talvez um dos maiores problemas da leitura na escola – que vejo, insisto, como possibilidade – não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa. (p. 111).

Não bastasse isso, há de se considerar outro desafio, que diz respeito a uma questão social, que é a não alfabetização de crianças e adolescentes, o que impede qualquer tipo de contato com o texto, literário ou não. Esse é um gigantesco obstáculo, pois antes mesmo de ter que ajudar o adolescente a desenvolver o gosto pela leitura, o professor de português/literatura precisa alfabetizá-lo para que ele consiga ler.

Segundo a Agência Brasil (2020), a taxa de analfabetismo no Brasil representava 6,6% da população com mais de 15 anos no Brasil em 2019, o que equivale a cerca de 11 milhões de analfabetos. Isso significa que a escola falhou miseravelmente com a educação dessas pessoas em algum (alguns) momento da vida delas. Não se pode falar em letramento literário quando não se atingiu ao menos a decifração das palavras e frases.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO APRENDIZADO

Nesse processo, o professor exerce uma função essencial, afinal, quando se fala em escola, é ele o principal responsável pelo ensino do aluno. Aliás, na pesquisa Retratos da Leitura, de 2019, os professores são citados como as maiores referências em indicação de leitura. Isso demonstra o quanto o papel do professor é imprescindível, não só no ensino em si, como no exemplo. Daí a importância de que o professor tenha desenvolvido o hábito da leitura, para que possa mediar o percurso entre o aluno e as obras literárias. Geralmente, porém, a escolha das obras que serão trabalhadas não depende inteiramente da vontade do professor. No máximo, é dada a ele uma lista de opções que poderão ser trabalhadas durante o ano, ou simplesmente é trabalhado o que vem no livro

didático.

A questão da responsabilidade do professor sobre a formação literária do aluno é, de fato, muito complexa. De um lado, tem-se uma responsabilidade muito grande sobre alguém que muitas vezes também não teve formação literária adequada. Por outro lado, tem-se um sistema educacional que vive refém do que os livros didáticos propõem. Na faculdade, aprendem-se muitas teorias, mas o contato com a prática docente é muito pequeno, e geralmente só acontece no final do curso, nos estágios obrigatórios.

Fala-se muito em uma crise na leitura literária, e ao analisar os estudos elencados aqui como referencial teórico, é possível constatar que, de fato, há uma crise, e ela exige providências imediatas. Mas o que se falar quando os *best sellers* do momento vendem milhões de cópias todos os anos? Jover-Faleiros (2013) aponta que talvez a natureza dessa crise esteja mais relacionada aos modos de ler literatura e de transmitir conhecimentos acumulados pelos estudos literários em contexto didático do que propriamente à literatura. Ou seja, mais uma vez a responsabilidade recai sobre o professor.

Há de se convir que já faz muito tempo que a escola vem trabalhando da mesma forma, com uma metodologia voltada para o ensino tradicional, conteudista, formando alunos/professores sempre da mesma maneira; ela parece dar sinais de que almeja mudanças, mudanças essas necessárias à formação do novo leitor, que agora tem a liberdade de pensar por si e de construir seu próprio conhecimento, coisas que há algumas décadas não eram permitidas. A literatura desempenha um papel fundamental nessa construção do novo cidadão e o professor é aquele que servirá de ponte para que ele chegue até esse conhecimento.

PROPONDO ALTERNATIVAS

Rildo Cosson é uma das maiores autoridades no estudo de letramento literário no Brasil. São dele algumas das obras mais conhecidas e conceituadas referentes ao tema, como: *Letramento Literário teoria e prática* (2006) e *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2014). Este último remete a um método utilizado por ele a fim de favorecer o desenvolvimento do letramento literário dentro e fora da escola: os círculos de leitura. Como aqui, o objetivo é auxiliar na efetivação do letramento literário em sala de aula no ensino fundamental, serão discutidas algumas alternativas aplicáveis nessa faixa etária, considerando sugestões tanto de Cosson quanto de outros estudiosos da área.

Os círculos de leitura possuem um caráter formativo e colaborativo, ampliando o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras. Um dos mais bem-

sucedidos modelos de círculo de leitura é aquele proposto por Daniels (2002, *apud* COSSON, 2014, p. 140). Trata-se de uma atividade de leitura em que grupos de alunos se reúnem para discutir uma obra. Os círculos de leitura possuem algumas características: os grupos são pequenos, os estudantes escolhem a obra que querem ler, há um cronograma que se estende pelo ano inteiro. Os tópicos a serem discutidos são definidos pelos próprios alunos e a avaliação é feita por meio da observação e autoavaliação. Ao professor cabe facilitar o processo, a fim de que aconteça. Então, teoricamente é uma atividade simples e possível. A única questão, considerando a situação das escolas brasileiras, que possuem uma carga horária reduzida em relação à literatura, é o tempo que leva para executar uma atividade dessa. Mas é possível e pode funcionar dependendo do auxílio da escola e do professor, obviamente.

Souza e Cosson (2011) apontam ainda a Oficina de leitura, outra atividade voltada para o letramento literário na escola. Essa atividade consiste em “momentos específicos em sala de aula em que o docente planeja o ensino das estratégias de leitura.” (SOUZA; COSSON, 2011, p. 103). Essa atividade ajuda a desenvolver as habilidades de leitura: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.

Na prática, o professor desenvolve a leitura de um texto, observando uma ou duas estratégias de leitura; em seguida, alunos e professores praticam essa estratégia de forma partilhada, através da leitura e discussão do texto. A seguir, as próprias crianças devem observar que estratégias estão sendo empregadas durante a leitura. Na próxima etapa as crianças realizam individualmente as estratégias de leitura e fazem suas observações. Por fim, a avaliação é a conversa em grupo, onde o professor irá observar se, de fato, as observações dos alunos correspondem ao que de fato, eles fizeram, e claro, as impressões deles sobre o texto lido.

Os autores justificam que com essa atividade é possível vislumbrar leitores literários, que além de compreender o texto, utilizarão a literatura em seu contexto social, que é a função do letramento literário. Essa atividade, apesar de parecer um pouco mais complexa, também é possível de ser realizada.

Dalvi (2013) propõe princípios para o trabalho com a literatura em sala de aula. Esses princípios são mais gerais, mas correspondem mais ou menos a um resumo do que foi falado até agora sobre como tornar a literatura acessível. Aliás, o primeiro princípio é justamente esse: deixar a literatura disponível em todos os lugares da escola; seguido por outros tão importantes quanto, como: promover eventos de leitura literária dentro da escola; familiarizar os leitores com todos os gêneros literários; utilizar diferentes suportes; instituir a pesquisa e o conhecimento como inerentes à atividade de leitura literária; permitir a experiência de escrever/produzir literatura sobre o que se lê; privilegiar os textos integrais; inserir os alunos em circuitos ou sistemas mais amplos, como

bibliotecas, salas de leitura, feiras culturais e literárias, etc... Esse último, aliás, vai de encontro com as propostas dos Círculos de leitura e Oficinas de leitura apresentadas anteriormente.

Por fim a Sequência Básica e a Sequência Expandida, que talvez sejam o maior legado de Cosson (2006) para os estudiosos de letramento literário. Na prática, elas são um passo a passo de como proceder no trabalho com textos literários na sala de aula, desde o primeiro contato com o texto até a avaliação, sem, no entanto, transformá-lo em um pretexto para outras finalidades que não dizem respeito ao literário em si.

Essas sugestões apresentadas, apesar de serem de autores diferentes, têm em comum a busca pelo espaço da literatura na sala de aula, com sua função primeira de possibilitar ao aluno o conhecimento de novos mundos, descobrindo a si mesmo, refletindo sobre as situações de sua vida, desenvolvendo seu senso crítico e assim formando o seu caráter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento do estudo, fundamentamo-nos em autores que pudessem colaborar com seus estudos relativos ao trabalho com a literatura em sala de aula, mais especificamente no que se refere às concepções e práticas, buscando aqueles que pudessem contribuir de forma positiva para a implementação de hábitos leitores entre os alunos dos anos finais do ensino fundamental. O estudo sobre esse contexto foi realizado por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa com uma perspectiva bibliográfica.

Para alcançar êxito no estudo, um questionamento foi lançado: Quais são os principais desafios que impedem a efetiva implementação do letramento literário em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental? Ao final da pesquisa, pôde-se observar que esses desafios estão basicamente relacionados à não priorização do texto literário na sala de aula; ao uso de fragmentos ao invés da obra em si, principalmente nos livros didáticos; ao fato de alguns professores não terem desenvolvido o gosto pela leitura literária e a não alfabetização de alguns alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, o que impossibilita qualquer leitura, principalmente a literária.

Partindo do objetivo geral, buscou-se analisar o papel do professor no processo de letramento literário, visto que ele é o principal responsável por apresentar e mediar o trabalho com o texto literário. Ao se fazer isso, foi possível perceber que o professor nem sempre está capacitado para fazer este trabalho. E isso pode acontecer por também não ter sido letrado literariamente enquanto estudante, por ter tido uma formação muito teórica na faculdade, ou simplesmente por não conseguir fazer um trabalho mais pontual com a literatura por falta de tempo, visto que os currículos do ensino fundamental são engessados de conteúdos onde não sobra lugar nenhum para a literatura.

Por fim, buscou-se alguma forma de contribuir para a implantação efetiva do trabalho com a literatura em sala de aula, apontando alternativas que pudessem ser utilizadas de forma prática para

este fim. Essas contribuições vieram de grandes teóricos que são estudiosos do tema, representados pelos Círculos de Leitura de Daniels (2002), pelas Oficinas de Leitura propostas por Cosson (2014) ou pelas tão conhecidas Sequência Básica e Sequência Expandida, também de Cosson (2006). Todas essas alternativas, além de outras, foram apresentadas, discutidas e analisadas neste trabalho.

A presente pesquisa tem um caráter social de investigar se está e/ou como está sendo desenvolvido o trabalho com a literatura na sala de aula nos anos finais do ensino fundamental. Essa é uma questão necessária e urgente, pois as crianças e adolescentes não pode ser negado a elas o direito de ter a literatura como fonte de conhecimento, através do descobrimento de mundos que só o texto literário pode proporcionar.

Durante a pesquisa percebeu-se que, apesar de ser um tema tão necessário, não há uma grande variedade de autores que pesquisam especificamente sobre o letramento literário, e as obras que há, em sua maioria, são de poucos autores ou estão desatualizadas. Por isso, é necessário que novas pesquisas surjam para que haja uma atualização científica sobre o tema, pois isso permitirá que novos leitores e pesquisadores tenham uma visualização do atual cenário, possibilitando uma reflexão mais ampla sobre o assunto.

Pretende-se assim, que esta pesquisa incentive e sirva para inquietar outros estudos em relação ao ensino de literatura e possa contribuir para uma reflexão da práxis docente em sala de aula, pois através dela, os atuais professores, assim como os estudantes de Letras, futuros professores de língua portuguesa, poderão ter acesso a possibilidades diferentes de ensinar e aprender literatura, através de metodologias que permitem uma aproximação entre o aluno da educação básica e o texto literário, ajudando na formação de leitores críticos e literariamente letrados.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever.** Disponível em: < [BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.](https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20no,ainda%2011%20mil%C3%B5es%20de%20analfabetos.> . Acesso em: 09 de Jan. de 2021.</p></div><div data-bbox=)

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos da leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola. Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R (org.) **Leitura de Literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

JOVER-FALEIROS, Rita. Sobre o prazer e o dever ler: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura. *In*: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (org.) **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

OLIVEIRA, Rita Lírio de. **A inadequada escolarização do texto literário**. Revista Direcional Educador, 2008. Disponível em <http://www.uesc.br/icer/artigos/ainadequada.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”**. Tese de Doutorado, UFMG, 2006.

REZENDE, Neide Luzia. O ensino de literatura e a leitura literária. Propostas didático-metodológicas. *In*: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R (org.) **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso: 20 de ago. de 2020.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **La littérature em péril**. Paris: Flammarion, 2007. [Ed. Br.: A literatura em perigo. Trad.: C. Meira. São Paulo: Difel, 2009).]

CAPÍTULO 9

SUBÚRBIO, RACISMO E DISCRIMINAÇÃO EM “CLARA DOS ANJOS

Suzana da Silva Nascimento

Carlíria Lima Fumeiro

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar a obra “Clara dos Anjos”, que expõe, através da literatura Pré-Modernista de Lima Barreto, a realidade de uma época marcada pelo estigma do preconceito racial, social, de gênero e de linguagem. O escritor revela, por meio das faces obscuras da sociedade de sua época, os diversos fatores que levam à exclusão, trazendo à tona como essas vertentes podem prejudicar as relações sociais dentro de uma sociedade. Por meio desta inquirição de natureza bibliográfica, de caráter qualitativo, foi possível alcançar todos os objetivos propostos, podendo com isso revelar, através da obra em estudo, algumas das características de uma época constituída por uma sociedade preconceituosa.

Palavras-chave: Subúrbio. Racismo. Discriminação. Clara dos Anjos.

INTRODUÇÃO

O presente estudo intenta analisar as temáticas do subúrbio, racismo e discriminação, através da obra “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, ressaltando algumas características peculiares barretianas, que são as segregações sociais e os tipos de preconceitos, que se evidenciam claramente nessa obra, cujo pano de fundo retrata a vida suburbana carioca do final do século XIX para início do século XX.

A produção desta pesquisa problematiza o livro “Clara dos Anjos”, em que Lima Barreto, por meio dessa produção social, descreve minuciosamente o ambiente que caracteriza o subúrbio do Rio de Janeiro, expondo todo o desdém para com aqueles que estavam à margem da sociedade. A obra expõe, ainda, a questão do preconceito racial, que aparece entrelaçado a outros dois: o de classe social e o de gênero deixando transparecer a condição da mulher pobre, negra e moradora do subúrbio, em uma sociedade hostil, machista e patriarcal.

Estruturalmente, a pesquisa está organizada em uma introdução, referencial teórico, percurso metodológico e na análise dos resultados, constituída por uma análise bibliográfica de abordagem qualitativa.

ESENVOLVIMENTO

VISÃO PANORÂMICA DA OBRA

Falar do livro “Clara dos Anjos” é estar atualizado com relação a momentos importantes de transformação social e política da história do nosso país, através da literatura. É, antes de tudo, conhecer a triste realidade que acometia os menos favorecidos da época, em uma sociedade preconceituosa e racista. Lima Barreto descreveu, através desse livro, uma das suas mais importantes obras, a condição de vida precária das pessoas marginalizadas, que viviam nos subúrbios do Rio de Janeiro. Abordando, ainda, a principal temática dessa obra, a questão do preconceito racial, exposta pelo escritor de maneira clara e contundente.

Lima Barreto, através da personagem Clara, deixa transparecer toda sua indignação quanto ao sofrimento das mulheres pobres, mulatas e suburbanas da época, que, sem nenhuma perspectiva de vida, eram enganadas e iludidas, tornando-se objetos sexuais de rapazes de famílias bem-sucedidas, tal como podemos perceber no trecho do próprio livro:

Ao longo da narrativa, observa-se que Cassi procura obstinadamente aproximar-se de Clara, com o único objetivo de obter satisfação sexual, na qual não entra nenhuma demonstração de verdadeira afetividade pela moça, ou seja, “seu sentimento ficava reduzido ao mais simples elemento do Amor

– a posse. Obtida esta, bem cedo se enfarava, desprezava a vítima, com a qual não sentia mais nenhuma ligação especial”. (BARRETO, 1948, p. 102).

Observa-se que o interesse principal do jovem Cassi, personagem central da obra em estudo, era seduzir Clara, que devido à sua ingenuidade, tornara-se mais uma vítima dos galanteios e das promessas falsas do “mocinho” da história.

A obra “Clara dos anjos” (1948), umas das mais lidas de Lima Barreto, foi elaborada em três versões. A primeira versão, inacabada, teve início em 1904 e encontra-se em seu Diário Íntimo. A segunda, elaborada em forma de conto, com o mesmo título da primeira, está presente na coletânea de contos “Histórias e Sonhos” (1920). A terceira versão do romance, completa, foi concluída no ano da morte do escritor, 1922, sendo publicada postumamente.

Naquela época, era muito comum as jovens de famílias mais pobres, em razão do desejo de casar e ser respeitada perante a sociedade, serem iludidas por rapazes oportunistas, que depois conseguirem ter relação sexual com as moças, deixavam-nas, não se importando com a má reputação que elas iriam ter daquele dia em diante. Além disso, esses rapazes não eram punidos, pois eram acobertados e protegidos pela boa influência social e condição financeira de suas famílias. Essa realidade é descrita por Barreto no caso Cassi Jones, em “Claras dos Anjos”.

A ESTIGMATIZAÇÃO DA MULHER: CONTEXTO HISTÓRICO DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

No final do século XIX e início do século XX, o patriarcalismo e o machismo imperavam, colocando a mulher em condição de total inferioridade e submissão ao homem. Antes de casar-se, as mulheres eram dominadas totalmente pelo pai; depois do matrimônio, esse domínio permanecia, e era passado para o marido. Foi um período marcado por uma realidade na qual a mulher não tinha vez nem voz, não tinha direitos e cumpria uma série de deveres que lhes era imposto pela sociedade e pela família. Essa realidade pode ser vista no pensamento de Simone de Beauvoir, conforme explicitado no trecho abaixo.

O mundo sempre pertenceu aos machos. [...] já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 2009, p. 99).

Observa-se, pela fala da autora, a nítida superioridade e supremacia masculina e a subserviência da figura feminina. Nenhum direito lhes era dado, somente deveres. Enquanto solteiras, aprendiam todos os afazeres do lar, já se preparando para o casamento, com o objetivo de ser uma boa dona de casa, uma boa esposa e mãe. Isso, no que se refere às mulheres de famílias influentes e com condição financeira elevada, que tinham toda a proteção de suas famílias.

Já as mulheres mais pobres eram mais vulneráveis às investidas de homens de má conduta, que as procuravam apenas para satisfazer suas vontades sexuais. Essas, na maioria das vezes, não tinham quem as defendessem, e isso influenciava diretamente nas investidas dos rapazes com boa condição, mas sem nenhum compromisso matrimonial. Tal fato acontecia, muitas vezes, pela ilusão que as moças pobres tinham de querer ascender socialmente e ter uma melhor condição de vida.

No romance “Clara dos Anjos”, através da personagem principal, Clara, que dá nome ao livro, Lima Barreto faz críticas ferrenhas à sociedade da época, por ver na mulher um ser inferior, que não podia trabalhar e nem estudar, era submissa à figura masculina, que podia tudo e não sofria nenhuma pena. Além disso, o autor tece ainda duras críticas ao preconceito racial vigente à época. Essa realidade é evidenciada e pode ser claramente percebida quando Clara procura D. Salustiana, mãe de Cassi Jones, para lhe falar de sua gravidez.

Na obra, percebe-se que ela era uma jovem que nem estudava, nem trabalhava, pois segundo os preceitos da sociedade, para uma mulher conseguir arranjar um bom casamento, tinha que se manter bem guardada dentro de casa. Contudo, se a mulher solteira demorasse a casar-se, essa se

tornava um estorvo e uma despesa a mais para a família.

A REPRESENTATIVIDADE DO SUBÚRBIO: A VISÃO DOS MARGINALIZADOS, NEGROS E EXCLUÍDOS NA LITERATURA BARRETIANA

Entre as temáticas mais relevantes da obra barretiana, destaca-se a questão dos subúrbios. Lima Barreto aborda minuciosamente as faces sórdidas da sociedade suburbana, ele era “do contra”, gostava de colocar o “dedo na ferida, desmascarando as injustiças cometidas contra os excluídos. Construtor de uma literatura militante, enquadrava-se numa literatura mais ampla e abrangente buscando retratar várias temáticas em suas obras. Em “Clara dos Anjos”, podemos perceber tal característica quando Barreto (1948) expõe relevantes temáticas referentes aos subúrbios, aos pobres, aos despossuídos, à desvalorização das mulheres negras, à sociedade preconceituosa e racista, à submissão da mulher ao sexo oposto, entre outras.

Com respaldo na leitura do livro em estudo e nas características de suas personagens, percebe-se a personalidade forte e destemida de Barreto, que não agradava à elite e nem aos políticos de sua época, pois tratava de assuntos que a maioria das pessoas não queria falar. Era um escritor vanguardista, à frente de seu tempo. Em cada página do livro em estudo podemos apreciar o senso crítico e verdadeiro desse literato; em cada colocação feita, expressa sua indignação diante das inúmeras mazelas sofridas pelas classes mais pobres, formada por mulheres e homens de diferentes cores, faixas etárias e personalidades. Essas características são fortemente expressas por Lima no excerto do livro exposto a seguir:

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas há sempre um bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população pobríssima vive sob ameaça constante da varíola, e quando ela dá para aquelas bandas é um verdadeiro flagelo. (BARRETO, 1948, p. 93).

Percebe-se, também, a denúncia do desprezo com que as autoridades tratavam aqueles pertencentes às classes menos favorecidas da sociedade. Imagine que a obra se passa no contextopolítico republicano, segundo o qual tudo deveria ser diferente, uma vez que a república pregava ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto, as chagas da escravidão ainda estavam presentes, pois os “ex-escravos”, em sua condição de cidadão, não tinham o reconhecimento da sociedade. Nesse contexto, as desigualdades de gênero e raça eram reais.

Como já colocado, em sua obra, Lima Barreto dá voz aos moradores excluídos dos subúrbios do Rio de Janeiro, em especial às mulheres negras e pobres; assumia com afinco a problemática negra, configurando-se como um dos principais produtores da literatura afro-brasileira. Eduardo de

Assis Duarte (2009) salienta que há, em “Clara dos Anjos” (1948), romance analisado neste trabalho, uma obra cujo foco está pautado principalmente na escritura afrodescendente. Barreto é um escritor que nasceu no meio do povo, por isso retrata tão bem as opressões sofridas pelo povo mais humilde. Além disso, traz à tona as humilhações impostas à mulher negra, vistas como objeto sexual; assim, chamando a atenção do leitor contra estas concepções estereotipadas.

O ESTILO DE LIMA BARRETO

Lima Barreto tinha um estilo literário desafiador, construído através de uma prosa fluente, cheia de significado e expressão. E por possuir essa postura, esse exímio escritor sentia-se incomodado com a forma como os seus contemporâneos de letras, como Afrânio Peixoto e Coelho Neto, faziam literatura. Para Lima, literatura não podia ser estabelecida apenas com a preocupação com o vocabulário, com a forma certa de se escrever; era preciso ir além, trazendo a demonstração da realidade; com a expressão de tudo aquilo trazido pelo povo, através de suas necessidades e clamores.

Para Saturnino e Santos (2015), a diferença entre Lima Barreto e seus contemporâneos estava na linguagem. Enquanto Coelho Neto e Rui Barbosa priorizavam a linguagem rebuscada, valorizando os fatores gramaticais, Lima Barreto era um construtor e defensor de uma linguagem incisiva e pungente. Para esse, o que era realmente relevante era o entendimento da linguagem entre seus interlocutores no ato comunicativo.

O estilo de pensar e de escrever contra o qual se insurgia o autor do *Triste Fim de Policarpo Quaresma* era o simbolizado por Coelho Neto ou Rui Barbosa: o da palavra a servir de anteparo entre o homem e as coisas e os fatos. Em Lima Barreto, ao contrário. As cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos com uma animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesma, isoladas e insólitas (como resulta a linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas. (BOSI, 1983, p. 359).

Isso confirma a apreciação de Lima Barreto pela narrativa combatente, expressiva, intensa, viva e simples; que caracteriza a representação da realidade social. Esta forma de fazer literatura ia totalmente de encontro ao purismo gramatical apregoado por muitos letrados de sua época.

Para esse escritor construir seu estilo literário, não foi fácil; ao ter a coragem de assumir um tipo de literatura totalmente avessa aos moldes literários de sua época, por possuir uma forma de escrita simples e despojada, levou suas tentativas de entrar para a Academia Brasileira de Letras serem negadas por três vezes. A linguagem de suas narrativas incomodava a elite e os políticos, pois fazia com que a população mais pobre, sem instrução, entendesse exatamente o que estava

acontecendo no âmbito da esfera social, política etc. Pode-se dizer que Lima Barreto possuía a linguagem de fácil entendimento, ou seja, a “linguagem do povo.” De acordo com Zélia Nolasco Freire, a escrita de Lima Barreto:

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O RIO DE JANEIRO NO CONTEXTO HISTÓRICO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

No final do século XIX para o início do século XX, deu-se a passagem da monarquia para a República, no Brasil. Nesse período, houve uma sequência de transformações econômicas, políticas e sociais, marcadas, principalmente, pela tentativa de modernização de algumas cidades, como a do Rio de Janeiro.

Nessa fase, o Brasil tinha essa cidade como capital do país, a qual passava por uma série de impasses, principalmente de saneamento básico. Por conta disso, a população era acometida por vários problemas de saúde, gerados pelo aumento de doenças como a febre amarela, varíola e a peste bubônica, em que a classe dominante e os higienistas atribuíam tais problemas à população mais pobre, especialmente aos negros, acusando-os de serem os propagadores dessas doenças. Como ressaltam Santos e Silva:

Os higienistas e a classe dominante ‘culpava’ a população pobre, em especial os indivíduos negros, seus bairros (cortiços) e moradias pela proliferação de doenças, que (segundo eles) impediam a chegada de indivíduos de outros países, prejudicando a imigração de europeus, além de manchar a imagem do Brasil como nação. (SILVA; SANTOS, 2012, p. 4).

Vê-se que recaía sob a população mais carente, assim como suas habitações, a culpa pela proliferação de doenças que assolavam a cidade do Rio de Janeiro, da mesma forma que inviabilizava a vinda de estrangeiros de outros países para o Brasil. No entanto, naquela época, “o que ocasionou tal insalubridade, estava relacionado, a falta de distribuição de água e a precariedade dos calçamentos” (SANTOS; MOTTA, 2003).

A reurbanização modernizadora da cidade carioca ocasionou várias demolições. Para a revitalização urbanística, em que se buscava uma arquitetura aos moldes europeus, houve a necessidade de modificar alguns elementos cosmopolitas que se afastavam dos anseios pretendidos. Sendo assim, ocorreram inúmeras demolições de casarões, cortiços, sem o consentimento dos moradores e sem receberem valores indenizatórios. Foi o que aconteceu com o cortiço “cabeça de Porco”, um dos maiores da época, que abrigava cerca de quatro mil pessoas:

Então, na noite de 26 de janeiro de 1893, [...] a cavalaria, infantaria e polícia civil,

apareceu diante da ‘Cabeça de Porco’ com uma turma de operários e mandou começar a demolição. Saiu gente que não acabava mais. Gente e bichos, carneiros, burros, cavalos de cocheiras ocultas no meio das moradias. Uma rua, tapada pelas casas, foi reaberta. Houve protesto, ameaças e choros [...] (MACEDO, 1943, p. 62).

Diante da situação, os moradores desse e de outros cortiços, que sem nenhuma consideração e respeito das autoridades, viram-se obrigados a migrar para locais mais afastados do centro, como os morros, ambientes que foram sendo transformados pelas construções desordenadas, desorganizadas e desenfreadas de barracões de madeiras que originaram os subúrbios. Estas ações de desocupação e “limpeza” e organização de ordem urbana pretendida pela classe dominante, não produziram os efeitos almejados, uma vez que não se extinguiram as mazelas, como as várias doenças: febre amarela, peste bubônica, tuberculose malária e varíola. (SUPPIA; SCARABELLO, 2014).

A SITUAÇÃO DE GÊNERO COMO ASPECTO DEFINIDOR DO PAPEL DO HOMEM E DA MULHER

Um dos traços mais marcantes em “Clara dos Anjos” é a condição de gênero apresentada por Lima Barreto, pois o nobre escritor traz e desvela a condição de superioridade masculina e a de subserviência feminina, presentes em sociedades em que vigorava o patriarcalismo. O referido escritor apresenta uma sociedade inserida em uma dicotomia no que tange à questão de gênero, ficando evidente a presença proeminente do homem, frente ao estado de inferioridade ao qual a mulher era sujeitada nesse sistema de opressão.

Desta forma, os papéis se apresentavam sob óticas divergentes. À mulher era atribuída a função do matrimônio e viver para o lar e para a família, sob a condição objetal; enquanto ao sexo oposto eram atribuídos destaques e elevados poderes de comando social, de dono da razão. Essa realidade pode ser percebida pela fala do personagem D. Praxedes, em uma conversa entre os cavalheiros no aniversário de Clara: [...] “dizia ele, a lei 1.857, de 14 de outubro de 1879, diz que a mulher casada, no regime do casamento, não pode dispor dos seus bens, ter dinheiro em bancos, na Caixa Econômica [...]” (BARRETO, 1948, p. 57).

Compreende-se que a mulher, em todos os aspectos, era desvalorizada. Além de viver sob a subordinação masculina, antes e depois do casamento, ainda, se tivesse bens, após o casamento não podia fazer uso deles, muito menos ter alguma conta aberta. Como se pode perceber, a própria lei, de uma certa forma, contribuía para as desigualdades entre homens e mulheres.

Dentro do conjunto de personagens de Lima Barreto em destaque na obra “Clara dos Anjos”

se apresentam sob a égide da subserviência, submissão e obediência ao marido e aos preceitos sociais. No entanto, havia uma mulher que destoava dessas maneiras de agir e assumia uma posição bastante divergente aos comportamentos femininos da época.: Dona Margarida Weber Pestana, uma viúva, honrada, imbuída de princípios e caráter. Seu comportamento era atípico ao das demais mulheres, pois era totalmente independente, “costurava para fora, bordava, criava galinhas, patos e perus e mantinha-se severamente honesta”. (*Ibidem*, p. 55).

Apresentando-se como uma personagem de insubordinação à submissão, Dona Margarida opunha-se notoriamente ao modo de vida das demais mulheres da época. Era uma mulher de posição social favorável, de atitudes ilibadas, vestidas com a capa da bondade, era uma heroína, principalmente por conta de suas ações pela viuvez. Muito corajosa, “à noite, no intuito de defender suas galinhas da sanha dos ladrões, de quando em quando, abria um postigo que abria na janela da cozinha, e fazia fogo de revólver.” (BARRETO, 1948, p. 56).

Diante de todos os percalços vivenciados pelas mulheres dessa época, tinha algo no qual elas podiam se apegar, como forma de refúgio para seus sofrimentos: a religião. Um caso típico de mulher com esse perfil apresentado no romance “Clara dos Anjos” era o de D. Engrácia. Umasehora muito religiosa, mas, que, no entanto não podia ir a igreja com frequência, devido a suas obrigações caseiras. (BARRETO, 1948). Lima ainda corrobora dizendo, no que tange à religião: “Pois é próprio do nosso pequeno povo fazer uma extravagante amálgama de religiões e crenças de toda sorte, e socorrer-se desta ou daquela, conforme os transes e momentâneas agruras de sua existência.” (*Ibidem*, p. 21). Era por meio da fé que as pessoas mais simples, principalmente as mulheres, encontravam amparo, proteção e força para se manterem firmes diante dos infortúnios da vida.

O narrador, através da personagem Engrácia, traz à tona, mais uma vez, a questão da submissão feminina. Percebe-se que até mesmo uma simples ação de ir à igreja se tornava um empecilho frente às obrigações de dona do lar. Outro ponto bastante relevante apresentado por Lima é quando ela ressalta que o “esposo”, Joaquim dos Anjos, não é adepto de nenhuma religião. “Não era animado de grande fervor religioso” (BARRETO, 1948, p. 21). Com isso, o narrador infere, ou seja, deixa nas entrelinhas, uma suposta presunção da autossuficiência masculina, que necessariamente não precisaria de um ser superior como auxílio diante de suas aflições, pois sua soberania como homem, por si só, bastaria.

Dentro do conjunto de personagens de Lima Barreto em destaque na obra “Clara dos Anjos” se apresentam sob a égide da subserviência, submissão e obediência ao marido e aos preceitos sociais. No entanto, havia uma mulher que destoava dessas maneiras de agir e assumia uma posição bastante divergente aos comportamentos femininos da época.: Dona Margarida Weber Pestana, uma

viúva, honrada, imbuída de princípios e caráter. Seu comportamento era atípico ao das demais mulheres, pois era totalmente independente, “costurava para fora, bordava, criava galinhas, patos e perus e mantinha-se severamente honesta”. (*Ibidem*, p. 55).

Apresentando-se como uma personagem de insubordinação à submissão, Dona Margarida opunha-se notoriamente ao modo de vida das demais mulheres da época. Era uma mulher de posição social favorável, de atitudes ilibadas, vestidas com a capa da bondade, era uma heroína, principalmente por conta de suas ações pela viuvez. Muito corajosa, “à noite, no intuito de defender suas galinhas da sanha dos ladrões, de quando em quando, abria um postigo que abrira na janela da cozinha, e fazia fogo de revólver.” (BARRETO, 1948, p. 56). Este era um comportamento parte do ideal de mulheres, mas nunca da realidade da época. A submissão feminina era forte inclusive no coração das mulheres, mais que na mente masculina.

Portanto, entende-se que todo o conteúdo expresso no livro, por Lima, que leva à submissão feminina, é reflexo de uma sociedade comandada pelo sistema patriarcal de soberaniamasculina da época, em junção com as marcas da escravidão, ainda fortemente presentes na vida de muitas mulheres, que mesmo libertas, ainda carregavam consigo, no seu interior, os sentimentos de obediência e subordinação, que, conseqüentemente, eram transferidos para dentro das residências.

A FIGURAÇÃO DO NEGRO EM “CLARA DOS ANJOS”

Durante o percurso do romance “Clara dos Anjos”, depara-se, por meio da sublime narrativa em terceira pessoa do escritor Lima Barreto, com a triste representação dos negros, que, quase sempre, no decurso de sua vida, devido à configuração de sua aparência, condição financeira e, principalmente, de sua cor, eram vistos de forma indiferente, predestinados a uma vida de tristeza e de insucessos.

Por meio da personagem Clara, uma jovem totalmente sem atitudes, conformada, Barreto revela a condição do negro na sociedade da época. Percebe-se que as características trazidas por ele, não deveriam compor as atitudes de uma personagem principal, que geralmente são revestidas de um perfil totalmente diferente. Entende-se que, além da cor da pele, o comportamento dessa jovem é uma das formas que o autor utiliza para denunciar a voz silenciada do negro, assim como a descrição da mulher pobre e negra frente à sociedade discriminatória de sua época.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero: _ Mamãe! _ Mamãe! _ Que é, minha filha? _ Nós não somos nada nesta vida! (BARRETO, 1948, p. 174).

Lima Barreto aduz o universo marginal em que está inserida a personagem principal, que estava imersa nas valas da discriminação sem vez, nem voz. O autor desnuda as vértices da sociedade, expondo os menos favorecidos, exprimindo as diferenças entre gêneros, classes e raças, onde o homem via a mulher não como sujeito, mas como objeto; e o negro como um ser desprezível.

Barreto faz questão de mostrar a situação degradante vivida pelos negros, ao apresentar personagens mergulhados em decepções e frustrações. São pessoas fracassadas e, às vezes, desnorteadas, vítimas de uma sociedade discriminatória e exclusiva. São histórias de pessoas comuns, que buscam ser inseridas e ocupar seu espaço, mas que em contrapartida, têm suas vidas fadadas ao desalento. Embora alguns tenham uma boa instrução e conhecimentos, e tenham certas possibilidades de ascender na vida, Barreto imprime esses personagens de um modo duro, destinados a um universo de intempéries, presos no labirinto do insucesso, não tendo reconhecimento esperado.

Percebe-se que a sociedade em que um indivíduo vive se firma, em muitas situações, como um aspecto estimulador e destruidor de sonhos humanos. Muitas vezes, a pessoa luta pela conquista de seu espaço e de seus ideais, porém, é paralisada pelas injustiças, que se configuram pela depreciação e segregação impostas pela sociedade em que habita.

Assim sendo, entende-se que a condição do negro no meio em que vivia já era bem definida não sendo ele digno de reconhecimento, por mais talento que tivesse. A classe social à qual pertencia, já estabelecia seu lugar e papel na sociedade, designado pela separação do grupo dos dominados e dos dominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcurso deste trabalho, buscou-se descrever a vida suburbana fluminense, enfatizando o racismo, a discriminação e o preconceito presentes na obra “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, apresentando uma análise da época e das características de alguns dos personagens. O autor confunde sua obra com a sua própria vida, ele era a realidade que o cercava, uma vez que se utiliza da obra para traduzir a sua condição e posição diante da vida, estando, assim, inserido em literatura militante, por meio de denúncias e revoltas para resistir aos preconceitos, combater a opressão e a discriminação racial e mostrar o papel do negro na sociedade brasileira. Além disso, a sua forma de escrever é notoriamente simplória, não se utilizando de rebuscamentos e de eloquência exacerbada, mas construindo em suas obras uma identidade literária alimentada de expressões simples e coloquiais do cotidiano, na intenção de levar às classes marginalizadas tudo o que estava ocorrendo a sua volta.

O autor, através de “Clara dos Anjos”, expressa sua inconformidade em vários aspectos, como o assujeitamento dos pobres e negros à classe dominante elitizada, sendo ele a voz dos excluídos, uma vez que retrata o espaço dos subúrbios, imbuído de mazelas e misérias. Subúrbios esses que emergiram através de um projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro aos moldes europeus. Esse projeto não incluía os pobres e miseráveis, pois havia a alegação de que essas pessoas “enfejavam” os ambientes. Desse modo, as pessoas foram expulsas e migraram para as regiões periféricas, formando, assim, as atuais favelas. A presença desses ambientes onde habitam as pessoas simples e humildes também são formas de denúncia, uma vez que o próprio autor afirma que o subúrbio é o “refúgio” dos infelizes, daqueles sem amparo e sem proteção.

Assim sendo, entende-se que Lima Barreto procurou mostrar, por meio do livro “Clara dos Anjos”, todas as mazelas de uma época instituída por uma sociedade hostil, caracterizada pela rejeição e discriminação para com os pobres, os negros e as mulheres. Com essa obra, o autor pôde dar voz aos excluídos, denunciando as condições precárias vivenciadas pelos moradores do subúrbio, que sofriam pelo descaso e abandono das autoridades públicas, além de expor a condição de subalternidade da mulher, imposta pelo sistema patriarcal.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1998. BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Mérito, 1948.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *In: Literafro* – o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro>, seção “Artigos”. Acesso em: 3 jun. 2020.
- MACEDO, Roberto. **Efemérides cariocas**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1943.
- SATURNINO, Daiane dos Santos; SANTOS, Maiara Oliveira. O subúrbio e a mulher em Clara dos Anjos de Lima Barreto. 2015. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Vernáculas). Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Jacobina BA, 2015. Disponível em: www.saberaberto.uneb.br. Acesso em: 12 dez. 2020.
- SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; MOTTA, Marly Silva da. O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, maio/ago. 2003.

SILVA, Thiago Dantas da; SANTOS, Maira. Rodrigues dos, A abolição e a manutenção das injustiças: a luta dos negros na primeira república brasileira. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 2, n. 1, 2012.

SUPPIA, Alfredo. SCARABELLO, Marília. **As reformas do Rio de Janeiro no início do século XX**: Cidade é transformada para responder aos apelos do mundo que se moderniza. 07/05/2014.

VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta**: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

CAPÍTULO 10

O REALISMO MÁGICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL LOBATIANA

Fábio José de Carvalho
Carliria Lima Fumeiro

RESUMO

Trabalhar a literatura nas aulas de língua portuguesa é uma possibilidade de desenvolver no aluno as quatro competências comunicativas: escutar, ler, escrever e interpretar. A corrente literária denominada de realismo mágico supera a imaginação, através de uma ação fantástica descrita de um modo realista dentro da narrativa. Além de, prender a atenção do leitor. Pois, apresenta um mundo que é real, mas produz acontecimentos impossíveis de explicar pelas leis do mundo racional. Este trabalho é de caráter teórico e direcionado para a área de literatura. Ele expõe as características do realismo mágico na obra infantojuvenil de Monteiro Lobato, o conceito da dita corrente literária, como também um pouco da vida e obra do autor e sua importância para a literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura. Realismo mágico. Obra. Autor.

INTRODUÇÃO

A literatura é por excelência o baluarte no processo ensino-aprendizagem. Ela possibilita, dentro ou fora da escola, o desenvolvimento cognitivo dos seus usuários. Em sala de aula, ela pode ser uma ferramenta de introdução à leitura e leveza a gramática. E, no dia a dia, dentre tantas coisas boas, ela pode ajudar o leitor a enriquecer seu vocabulário.

Dois motivos foram levados em consideração para escolher Monteiro Lobato: admiração e reconhecimento. Visto que, ele merece ser reconhecido como autor da literatura mágica, pois não se trata de uma corrente exclusiva do Realismo, mas uma característica da literatura, onde há o entrelaçamento do real ao mágico.

A literatura brasileira, em especial a corrente em questão, tem a capacidade de organizar a desordem e dar um sentido articulado e humano a vida, expondo o mundo de uma forma fantástica e realista, assim construindo uma imaginação criadora e capaz de atingir a emancipação que tanto é defendida pela LDB 9394/96 e CF88.

A obra infantojuvenil lobatiana é mágica a ponto do leitor ou telespectador, acreditar que suas histórias são histórias, em especial em “Reinações de Narizinho” de 1931, que faz parte da coletânea de sua obra prima: “Sítio do Pica-Pau Amarelo”. Ele teve a singularidade de contar “causos”, usando

elementos mágicos, sem desligar o interlocutor da realidade, mas a ponto de transportá-lo a um mundo ideológico que a partir de certo ponto já não se pode separar o real do imaginário.

DESENVOLVIMENTO

LITERATURA INFANTIL: O INÍCIO

No século XVII, na Europa, deu-se início a produção de obras para crianças. Segundo Silva (2008, p. 137) elas tinham uma estrutura dualista, e buscavam transmitir princípios éticos e morais às crianças, ou seja, deveriam assimilar o bem e desprezar o mal.

Os contos de fada conhecidos atualmente surgiram na França, ao final do século XVII, com Perrault, que editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo. Assim, acredita-se que, antes do cunho pedagógico, houve o objetivo de leitura e contemplação pela mente adulta. Acredita-se também que a mitologia grega já possuía um modo particular de transmitir o contexto da história de “Chapeuzinho Vermelho”. Posteriormente, Charles Perrault trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época. A história da menina e do lobo sofreu ainda alterações por Hans Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm. (Silva 2008, p.137)

Contudo foi no século XIX que as obras infantis tomaram o mundo inteiro e tornaram-se clássicos mundiais, tais como, Alice no País das Maravilhas, os contos dos irmãos Grimm, Cinderela, A Bela Adormecida, entre outros. Até os dias atuais elas fazem sucesso no teatro, nos cinemas, nas plataformas digitais etc.

No Brasil, as primeiras traduções e adaptações de obras infantis vindas da Europa, foram: os Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusóé (1885), Viagens de Gulliver (1888), as aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen (1981) e Contos da Carochinha (1894). No entanto, foi na época da proclamação da República que os primeiros livros dedicados ao público infantil foram publicados por escritos brasileiros, ou seja, as primeiras histórias produzidas aqui foram marcadas por um tom patriótico, de forma semelhante ao que se notava na literatura infantil europeia que chegara ao Brasil.

“No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (p. 20). Pode-se dizer que a literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, com uma literatura centralizada em algumas personagens em especial. (Silva 2008 apud Cunha 1987 p. 137)

A literatura infantil produzida no Brasil se inicia de fato, em 1921, com a produção daquele que seria considerado o pai da literatura infantil brasileira: Monteiro Lobato, que doravante, através de seus personagens, tornar-se-ia conhecido em outros países (Argentina, Estados Unidos e França) e nos meios de comunicação (rádio, televisão e internet).

As autoras Schwarcz & Lajolo (2019, p. 41) destacam a publicação de “A menina do narizinho arrebitado” de Monteiro Lobato, publicada em 1921, como a obra inaugural da moderna literatura infantil brasileira. Publicado como livro independente, tornou-se o primeiro capítulo da obra “Reinações de Narizinho”, que sairia completa em 1931.

Entre 1920 e 1945 consolida-se a produção de livros infantis, com a publicação de novos escritores e diversas obras. Daí por diante, essa literatura ganhou cada vez mais adeptos.

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. (...) Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. (...) Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. (“Reinações de Narizinho”, p. 1-2).

Lobato é até hoje considerado o criador da literatura infantil brasileira. Num espaço único (O Sítio do PicaPau Amarelo) ele concentrou as histórias vividas por personagens fixas como Dona Benta, a avó de Lúcia, também chamada de Narizinho, Tia Nastácia, a fiel cozinheira e Emília, a boneca. Ainda, outras personagens frequentavam o sítio ou moravam nele: Pedrinho, o outro neto de Dona Benta, o Visconde, o boneco feito de sabugo de milho, o porco Rabicó, o rinoceronte Quindim etc. (Schwarcz & Lajolo 2019, p. 62-64)

O apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. (Biasioli 2007, apud Arroyo 1968: 198)

Monteiro Lobato de fato foi quem primeiro pensou, produziu e publicou literatura infantil no Brasil. No entanto, desejava estimular na criança o hábito e o prazer pela leitura, mas não tinha pretensões de restringir à obrigação pedagógica dos livros didáticos, ou seja, além de formar a moral do indivíduo, ele desejava que as crianças se sentissem parte dos seus contos a ponto de “morar” neles, como ele citou em uma carta endereçada a Rangel, seu amigo: “para as crianças um livro é

todo um mundo. (...) Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar.” (Matos, 2013 apud Lobato, 2008, p. 292).

O REALISMO MÁGICO

No século XX, entre as décadas de 50 a 70, foi um dos períodos mais difíceis da América, em especial em países do Sul, pois alguns passavam pelo regime de ditadura, tais como Colômbia, Brasil, Argentina, Chile e Peru; isso gerou muitos danos à sociedade, como por exemplo a repreensão à liberdade de expressão. Nesse cenário de restrição as liberdades de pensamento, surgiram escritores como o colombiano Gabriel García Márquez e o brasileiro Murilo Rubião, que utilizaram o elemento mágico como reforço das palavras contraposto as ditaduras e como forma de reação ao sistema repressor.

Na América Latina, o Chile e o Brasil são dois exemplos da situação em que a percepção de uma ameaça popular afeta os grupos dominantes, induzindo-os a apoiar uma intervenção militar (...) A Colômbia é modelo de um outro caminho da ditadura militar para um regime civil mais aberto. (Cintra 2000, p. 5 - 6)

No bojo dessa discussão Achitenei (2005) salienta que o termo realismo mágico é uma corrente literária cujas marcas principais partem de uma ação fantástica descrita de um modo realista dentro da narrativa e que surgiu na terceira década do século XX, através das belas artes, e foi usado pela primeira vez em 1925 pelo alemão Franz Roh, fazendo referência a uma escola de pintura, e depois pelo escritor italiano Massimo Bontempelli.

De acordo com Achitenei (2005) ele pode ser também descrito como:

Uma narrativa curta que as vezes é o comentário sobre uma sociedade ou sobre a condição humana apresentada como uma alegoria ou parábola, quase sempre com uma mensagem escondida, ainda que não menos claro. “Emprega frases utilizadas nos contos de fadas e no folclore” - tradução livre. (Definición de la fábula, en Enciclopedia de lo fantástico, (Encyclopedia of Fantasy), por John Clute&John Grant, Londres: Orbit, 1999, pág. 327).

Já o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis online, ao se referir a definição de realismo mágico, diz que ele é um “movimento literário hispano-americano, surgido em meados do século XX, caracterizado pela introdução de elementos fantásticos em uma narrativa realista; realismo fantástico”. Assim, entende-se que a principal particularidade desta corrente literária é unir o mágico à realidade, apresentando elementos irrealis ou estranhos como algo habitual do cotidiano.

Assim sendo, o realismo mágico também supera a imaginação de qualquer leitor, sem desprendê-lo de sua cultura e tradição além de tudo aquilo que se adquiriu por educação, como memórias herdadas de seus antepassados e da vida mesma. (Achitenei 2005)

O REALISMO MÁGICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE MONTEIRO LOBATO

Na literatura, Lobato, destacou-se no gênero conto. As obras “O Sacy-Pererê, resultado de um inquérito (1918), “Reinações de Narizinho (1931)” e “O picapau amarelo” (1939), misturar-se o real ao imaginário, a fantasia a realidade, por meio dos personagens reais e fantásticos, como o Sacy e Dona Benta, Nastácia e Emília, Pedrinho e Visconde; sempre por meio de uma linguagem simples para facilitar o entendimento.

Saber prosear é um recurso muito útil para dispensação do conhecimento. Através do diálogo se desenvolve a imaginação e enriquece o vocabulário. No Brasil poucos souberam envolver aos leitores e ouvintes como o bacharel, escritor e tradutor, José Bento Monteiro Lobato, excelente orador.

Ele contou muitas histórias. Uma delas foi intitulada de “O sitio do picapau amarelo”, uma das series de aventuras literárias infantojuvenis mais fascinantes do século XX. Nela Lobato materializa personagens mágicos, como a boneca Emília e o sabugo de milho Visconde, ambos são a representação da magia no real e é possível verificar o caráter maravilhoso, nas reflexões sobre problemas do dia a dia e da realidade, como a preservação da fauna e da flora; do respeito aos mais velhos; da importância de estudar entre outros.

De acordo com Castello Branco (2007 apud Vale 1994) uma das obras maravilhosas de Lobato é “Reinações de Narizinho” de 1931, que foi a atualização da primeira obra infantil “A menina do narizinho Arrebitado” de 1921. Na primeira edição, de 1921 como “tudo não passara de um lindo sonho”, ou seja, a menina estava sonhando, assim dissolve-se a presença do maravilhoso dentro do cotidiano.

— Salvaste o meu reino. Em recompensa vaes receber e coroa de princeza e sentar- te no throno, ao meu lado, como a mais adorada das esposas, disse pondo-lhe no dedo o annel de noiva.

Narizinho sentiu uma alegria immensa e, toda perturbada, ia responder, quando uma voz conhecida a despertou:

— Narizinho, vovó está chamando!

A menina sentou-se na relva, esfregou os olhos, viu o ribeirão a deslizar como sempre e lá na porteira a tia velha de lenço amanado na cabeça.

Que pena! Tudo aquillo não passara dum lindo sonho... (A menina do narizinho arrebitado, 1920, p. 43).

Já, na segunda versão, de 1931, é possível perceber a fusão do real ao maravilhoso. A menina (Lúcia/Narizinho) e a boneca (Emília) voltam de sua primeira ida ao Reino das Águas Claras, por meio de uma ventania forte.

— Narizinho, vovó está chamando... Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar. Estavam no sítio de dona Benta outra vez. Narizinho correu para casa. (Reinações de Narizinho, 1931, p. 17).

Assim sendo, ele não afirma que a menina sonhava, nem que o retorno às circunstâncias cotidianas cedeu pelo despertar do sono. Portanto, conforme Castello Branco (2007 apud Vale 1994) “observa-se o caráter híbrido da inovadora literatura lobatiana, que ao partir do real para nele introduzir o imaginário e a fantasia, relativiza os limites entre estes e o primeiro”.

Veio a boneca. O doutor escolheu uma pílula falante e pôs-lhe na boca.

— Engula duma vez! — disse Narizinho ensinando à Emília como se engole pílula. E não faça tanta careta que arreventa o outro olho.

Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante (...) Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.

— Não é preciso — explicou o grande médico. — Ela que fale até cansar.

Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isto é “fala recolhida”, que tem de ser botada para fora.

E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se. (Reinações de Narizinho, 1931, p. 16).

Segundo Madeleine Jansen (apud García Márquez, 1983, p. 12), ao falar a respeito do real e do mágico, utilizou as seguintes palavras, para descreve-os: “o mágico pode transformar-se no real com a mesma facilidade que o real no mágico (...) não há um lugar que seja mais real, ou mágico, que outro, porque tudo pode mudar-se e tudo é parte da mesma realidade total.”

Onde se viu uma menina do seu tamanho andar com uma boneca em fraldas de camisa e de um olho só?

— Culpa dela, dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado

— disse Emília falando pela primeira vez depois que chegara ao sítio.

Tamanho susto levou dona Benta, que por um triz não caiu de sua cadeirinha de pernas serradas. De olhos arregaladíssimos, gritou para a cozinha:

— Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...

(...)

— Mangando o seu nariz! — gritou Emília furiosa. — Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?

(Reinações de Narizinho, 1931, p. 18).

A obra infantojuvenil lobatiana é cheia de acontecimentos maravilhosos, fantásticos, mas de uma forma realista, a ponto de fundir-se uma realidade a outra. Na obra em questão (Reinações de Narizinho - 1931) é possível em determinado momento não saber mais dividir o real do imaginário, e vale o inverso.

A INFLUÊNCIA DO REALISMO MÁGICO NA IMAGINAÇÃO E NA CRIATIVIDADE DO LEITOR

O realismo mágico é uma ferramenta relevante no campo de produção artística. Pois por meio dela é possível conhecer outros mundos, viver o impossível as leis naturais e através da imaginação ir além dos limites de uma vida comum e monótona.

A ficção do realismo mágico procura assim distinguir-se pela sua capacidade de impulsionar a escrita a transcender a mera representação e a tomar a sua função de efabulação do real de forma muito mais convicta e arrojada, levando o leitor a explorar novos mundos em que ele crê, sem, de facto, acreditar. Os autores procuram justamente acordar o leitor de hoje, que parece ter caído num transe hipnótico e intenta despertar no leitor adulto a mesma capacidade de deslumbramento que uma criança é capaz de sentir perante o mundo, vendo o com novos olhos, vendo-o como se fosse a primeira vez, procurando decifrar os enigmas que se escondem por entre a realidade, como hieróglifos feitos de luz que pulsam sob a aparência normal do quotidiano. (Serra, 2013, p. 292)

Na atualidade, conduzir os alunos a ler, escrever e interpretar um texto, seja verbal ou não-verbal, tem sido um grande desafio para o professor de língua portuguesa. A corrente literária apelidada de realismo mágico pode auxiliar nessa tarefa, tornando-se uma possibilidade de introdução a esses três passos citados. E, de certa maneira, incentivar os alunos a assumirem uma postura mais ativa, desenvolvendo um pensamento criativo, misturando a imaginação e a realidade.

É assim que somos conduzidos ao coração do fantástico. Num mundo que é bem o nosso, aquele que conhecemos (...), dá-se um acontecimento que não se pode explicar segundo as leis desse mesmo mundo familiar. Aquele que se apercebe do acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, dum produto da imaginação e as leis do mundo continuam o que são; ou o acontecimento se produziu de facto, é parte integrante da realidade, mas essa realidade é regida por leis de nós desconhecidas. (Serra 2013, apud Todorov 1994, p. 26)

Portanto, a arte de contar histórias é indispensável na construção do conhecimento. Através dela, se desenvolve a imaginação e enriquece a linguagem. É indispensável ao locutor saber transmiti-la, pois é por meio dela que os interlocutores recebem o ensino. A ferramenta realismo mágico, por meio de suas narrativas fantásticas tem esse poder de através da imaginação, criar mundos antes impossíveis a realidade. E assim, através dela, o indivíduo, seja criança ou adulto, exercitará a imaginação, a criatividade e alcançará a emancipação intelectual e a capacidade de criação defendida e almejada pela LDB 9394/96.

MONTEIRO LOBATO: A VIDA E A OBRA

A família é a primeira educadora da criança, é no ceio da família que se aprende os valores e a construção da moral, que a conduzirá no decorrer da sua vida pessoal, social e escolar. É na família que a criança começa a construir sua identidade, que se fundamentará nos valores que a ela são apresentados.

Para Chraim (2009, apud Ballone, 2003) a personalidade é como os traços do interior do Eu, formado a partir de genes particulares que se herda das existências singulares que suportamos e das percepções individuais que temos do mundo. Assim, é fundamental a presença de adultos para guiá-la no dia a dia, para que ela tenha a certeza de que é amada e que está segura.

De acordo com Schwarcz & Lajolo (2019, p. 9) no ano de 1882, na província de Taubaté, no interior de São Paulo, nasceu José Renato Monteiro Lobato, filho do casal: José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Juca, como Lobato era tratado por seus familiares, foi muito feliz na infância: aprendeu a ler com sua mãe e seu pai pescava e caçava com ele. Ademais de andar a cavalo, comer fruta direto da árvore e exercitar muita a imaginação com as histórias que sua avó lhe contava. (Schwarcz & Lajolo 2019, p. 11)

Schwarcz & Lajolo (2019, p.12-15) afirmam que Lobato não foi um aluno exemplar nos seus primeiros anos de estudos, pois não gostava de estudar, sentava no fundo da sala e adorava fazer caricatura dos professores. No intervalo até arrumava uma confusão de vez em quando com os alunos. Era tão mediano na vida escolar, que anos depois, foi reprovado em língua portuguesa quando tentou ingressar em uma escola na cidade de São Paulo.

Todavia, no início do século XX, exatamente no ano de 1900, foi matriculado na Faculdade de Direito de São Paulo. E, se tornou doutor Monteiro Lobato em 1904, e retornou à cidade de Taubaté, já que tinha terminado os estudos e estava desempregado. (Schwarcz & Lajolo 2019, p.22)

Entre os anos de 1907 a 1917 Lobato exerceu várias funções: Promotor Público na cidade Areias, que mais tarde serviria de inspiração para escrever o livro “cidades mortas (1919)”; fazendeiro na cidade de Taubaté, onde surgiria a ideia de criar o personagem memorável “Jeca Tatu” e a obra “Urupês” e colaborador do Jornal de São Paulo, onde escreveria o polêmico artigo “paranoias ou mistificação” sobre a exposição de arte de Anita Mafatti. (Schwarcz & Lajolo 2019)

Segundo Schwarcz & Lajolo (2019, p.38-39), nos anos seguintes ele investiria na produção de obras infantis e folclóricas memoráveis, como “O sacy-Pererê, resultados de um inquérito (1918)”, “A menina do narizinho arrebitado (1920)”, que seria atualizado para “Reinações de Narizinho (1931)” e a série do “Sitio do Picapau Amarelo”, que se tornaria sucesso no rádio, na TV e postumamente nas plataformas digitais, como o YouTube.

De acordo com Machado de Assis, (2018, p. 158) “matamos o tempo; o tempo nos enterra.” No inverno de 1948 o tempo de Lobato esvaziou-se. Foi a sua última mudança de endereço, o calendário marcava 04 de julho, dia triste e sombrio, pois o Brasil perdia o escritor, o editor, o tradutor, o bacharel, o fazendeiro, o colunista, o marido e o pai amado: José Bento Monteiro Lobato, que no ano de 1893, tinha trocado seu segundo nome (Renato) por Bento. Pois queria usar a bengala do seu pai, e ela tinha as iniciais JBML gravadas (Schwarcz & Lajolo 2019, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a obra infantojuvenil de Monteiro Lobato é como viver em um mundo que sempre foi seu, mas que não se recordava que era. O mágico que sonhara na infância, as crenças e mitos, que somente a imaginação pode proporcionar ao indivíduo, se encontra na famosíssima coletânea “Sitio do Pica-Pau Amarelo”, em especial na obra “Reinações de Narizinho” de 1931. Pois, o mundo que ele apresenta nessa obra tem o poder de fascinar leitores, por ser o mundo desejado; um mundo que tudo é possível de ser realizado, sem a necessidade de obedecer às leis da física ou do tempo. É um mundo mágico!

Pesquisando a vida e a obra dele, um dos maiores escritores brasileiros, é possível entrar em um mundo realista e mágico. Pois, ele retrata no geral, vilarejos decadentes e as populações do vale do Paraíba, na crise do plantio de café. Sendo que, mistura-se o real ao imaginário, a fantasia a realidade, por meio dos personagens reais e fantásticos, como um sabugo de milho intelectual (Visconde) e uma vovó (dona Benta) que ama muito seus netos; sempre por meio de uma linguagem regionalista e de fácil entendimento.

Enfim, só foi possível obter os resultados desejados, através de consultas a grandes escritores como Schwarcz & Lajolo (2019) e pesquisas de artigos publicados na internet, tais como Achitenei (2006), Madeleine Jansen (2012), Silva (2008), Cintra (2000), Castello Branco (2007) e Lobato (1931).

REFERÊNCIAS

ACHITENEI, María. **El realismo mágico: conceptos, rasgos, principios y métodos**. Disponible en: http://www.babab.com/no29/realismo_magico.php. Acceso en: 15 de set. 2020.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2ª Ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.

BIASIOLI, Bruna Longo. **As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente.** Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 9 (2007). Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_9.pdf acesso em 10 fev. 2021

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 105/2019. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf. Acesso em 9 de fev. 2021.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro - 1996] LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** – 3. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm acesso em 9 de fev. 2021.

CASTELLO BRANCO, Thatty de Aguiar. **O Maravilhoso e o Fantástico na Literatura Infantil de Monteiro Lobato.** Rio de Janeiro – RJ: PUC, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10696/10696_1.PDF> acesso: 15 de set. 2020.

CINTRA, Antônio Octávio. **Democracia na América Latina (II).** Câmara dos Deputados, Brasília – DF, 2000. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/2236> acesso: 15 fev. 2021

CHRAIM, Albertina de Mattos. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar.** Rio de Janeiro: War, 2009.

Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em: 05 dez. 2020.

FIGUEIRA, Lauro. **Realismo mágico ou realismo maravilhoso?.** MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, [S.l.], n. 14, p. 21-33, jul. 2016. ISSN 0104- 0944. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3119>>. Acesso em: 21 set. 2020.

LOBATO, José Bento Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado.** São Paulo: editora Monteiro Lobato & Cia, 1920. Disponível http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg43265/drg43265.pdf acesso 20 de nov. 2020.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: editora Monteiro Lobato & Cia, 1931. Disponível em: <https://valdiraguilera.net/bu/sitio-picapau.pdf> acesso 20 de nov. 2020.

MADELEINE JANSEN (Autor), 2013, "**Cien años de soledad**" de **Gabriel García Márquez. Análisis de los elementos mágicos,** Múnic, GRIN Verlag, <<https://www.grin.com/document/276283>> acceso: 05 de jun. de 2020.

MATOS, Camila Lopes Cravo. **Monteiro Lobato e o nascimento de uma literatura infantojuvenil especificamente brasileira.** Mal-Estar e Sociedade - Ano VI - n. 11 - Barbacena - julho/dezembro 2013 - p. 68-100. Disponível em: revista.uemg.br > gtic-malestar > article > download acesso: 20 fev. 2021

MARTINS, Paula Marinelli. **Configuração de Monteiro Lobato na crítica à Anita Malfatti** (1930). UFPR. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/36507>> acesso em 20 set. 2020

SERRA, Paulo Roberto Nóbrega. **O Realismo Mágico na obra de Lídia Jorge, João de Mello e Hélia Correia**. Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2013. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/61522352.pdf> > acesso em 20 de fev. 2021

SILVA, Aline Luiza da. **trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade**. Disponível em:< <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234> > acesso em 12 set. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; LAJOLO, Marisa. **Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

CAPÍTULO 11

AS MUDANÇAS NA ESCRITA ADVINDAS DO USO DA INTERNET

José Antonio de carvalho

Carlíria Lima Fumeiro

RESUMO

O presente trabalho tem como principal foco Analisar As Mudanças na Escrita Advindas do uso da Internet, por meio de imagens, figuras e abreviações na comunicação virtual, bem como também, compreender as vantagens e desvantagens da linguagem usada pelos internautas na interação através de aplicativos, verificando os fatores que contribuem para as mudanças da linguagem empregada nas redes sociais a fim de agilizar a troca de informações e avaliando influências causada na escrita, no uso da internet no processo do desenvolvimento do aluno em sala de aula. No entanto, o alvo desse trabalho é esclarecer se realmente podemos dizer que esses meios, podem ou não interferir na linguagem verbal, especialmente a das crianças e dos adolescentes. Contudo, busca-se responder às dúvidas, como por exemplo: essa afirmação corresponde ao fato? Podemos dizer que a linguagem ilusória/virtual, realmente, causa um déficit na prática da escrita? E com isso abordará suposições fundamentais referentes à fala e à escrita e proporcionará algumas características da linguagem empregada pelos usuários de comunicadores virtuais.

Palavras chaves: Escrita. Internetês. Virtuais. Internautas.

INTRODUÇÃO

Pode-se perceber que atualmente, as mudanças na escrita advindas do uso da internet, vêm se alargando a cada dia, isso por causa da grande influência das mídias, como: computadores, celulares, tablets dentre outros, tornando assim o espaço de leitura e comunicação virtual de maneira mais rápida, fazendo com que o processo de comunicação se torne mais acelerada e em tempo hábil.

Com isso, o mundo foi se globalizando e as pessoas passaram a ter maior acesso, devido a um grande número de recursos da internet. Então, com o passar dos tempos, recebem destaque os *chats*, as salas de bate papo e as redes sociais, como: facebook, messenger, twitter, whatsapp, instagram, Skype, entre outros.

Sabe-se que os meios tecnológicos/ redes sociais tornam o uso de numerosas mudanças na escrita, que se chama de internetês, como por exemplo; as abreviações, palavras sem acentuação, sem pontuação, a aglutinação ou eliminação de sílabas, emoctions e imagens, entre outros.

No entanto, uma das apreensões a que surge é quando todas essas tecnologias começam a

fazer parte da vida de alguns dos estilos desses internautas que geralmente são os adolescentes e jovens, isso pode acarretar problemas futuros na linguagem escrita.

Com isso, pode-se dizer que esses meios de comunicação virtual, podem ou não interferir na linguagem verbal, sobretudo a das crianças e dos adolescentes? E a linguagem ilusória/virtual, realmente, causa um déficit na prática da escrita? Contudo, o propósito desse trabalho é esclarecer sobre a temática anteriormente questionada, que abordará suposições fundamentais referentes à fala e à escrita, e proporcionará algumas características da linguagem empregada pelos usuários de comunicadores virtuais.

E para conhecer com mais precisão e clareza a respeito do tema em estudo é importante Analisar As Mudanças na Escrita Advindas do uso da Internet, por meio de imagens, figuras e abreviações na comunicação virtual, bem como também, compreender as vantagens e desvantagens da linguagem usada pelos internautas na interação através de aplicativos, verificando os fatores que contribuem para as mudanças do palavreado empregada nas redes sociais a fim de agilizar a troca de informações e avaliando influências causada na escrita no uso da internet no processo do desenvolvimento do aluno em sala de aula.

Para realização da pesquisa serão utilizados; livros, trabalhos com a temática, sites, entre outros, embasado nos estudos de Costa (2005), Melo e Santana (2017) e outros autores que abordam sobre a temática em estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CONCEITO DE ESCRITA

A escrita consiste no uso de sinais/símbolos para manifestar as ideias do ser humano. A grafia é um método de entendimento, de acordo com a história criada e ampliada na sociedade humana, e necessariamente consiste em deixar marcas em um suporte.

A escrita tem como foco a leitura, que é uma explanação da escrita que sucede em esclarecer os símbolos que estão escritos em fala. Certas formas de escrita se atentam com a expressão/fala oral, e outro somente com a transparência de significados exclusivos, como diz, Fávero (2005, p.09) “a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”.

Considera-se a escrita como um intercâmbio entre autor/texto/leitor, levando em consideração os conhecimentos do leitor, sendo que pode ser entendido como um conjunto dos signos, caracteres, símbolos, sinais gráficos, letras, entre outros, usados para deixar algo registrado de maneira que possamos ver e compreender, não somente no momento, mas que pode perdurar como

algo que queríamos expressar.

CONCEITO DE INTERNET

A internet é o conjunto de redes de computadores que abrange por todo o planeta terra, obtém a alterar dados e mensagens usando um protocolo comum. Novo meio de informação que permite todos de onde estão ter acessos ao que quiser. Este protocolo partilhado pela internet é apropriado e chega a unir vários usuários privados, institutos de pesquisa e todos os órgãos ao mesmo tempo. Para Castells (2004, p. 16), “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global”.

Com isso, a internet também tem um alcance e uma inclusão enorme, podendo auxiliar até mesmo mídias eletrônicas e impressas, desde que uma informação pode ser acessada de qualquer lugar do mundo e a qualquer hora, sendo assim, um recurso utilizado pela população para troca de informações e outras maneiras de comunicação imediata, além de compartilhar arquivos, tais como, fotos, músicas nas redes sociais, por exemplo, com qualquer pessoa do mundo.

INFLUÊNCIAS NA ESCRITA NO USO DA INTERNET NO PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO EM SALA DE AULA.

As pessoas que não fazem por costume o uso de leitura, o divertimento que a Internet proporciona prejudica a execução, o comprometimento do ensino-aprendizagem deixando-as mais longe de ter uma escrita qualificada, sem falar que a prática da escrita dos internautas lhes faz cometer usos inadequados em salas de aulas.

Sabe-se que as novas gerações têm obtido o letramento digital bem antes de ter conhecido inteiramente do letramento alfabético lecionado na escola, e isso tem preocupado bastante, pois o mundo virtual lhes oferece diversas formas digitais de aprender.

A criança no período de construção de saberes, principalmente na fase da alfabetização, necessita de cuidados específicos, e na edificação da escrita principalmente, no entanto é natural que a implicações do internetês, como palavras abreviadas, emotivos, e outros, em sua vida durante este período pode afetar o seu cognitivo e aprendizagem.

Não são processos independentes [alfabetização e letramento], mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2017: 45).

Levando-se em consideração este conceito exibido, pode-se dizer que a alfabetização é um processo de representação de grafemas e fonemas, porém, o procedimento de alfabetização se fundaria em um procedimento de aquisição e percepção de significados. E visto que a internet interfere nesse processo de alfabetização por conter diversos meios em que são usadas as comunicações pelos internautas.

No entanto, Compete observar que o palavrado virtual não exibe a menor preocupação com as normas ortográficas e gramaticais vigentes, situadas pela gramática normativa da língua portuguesa. No que fala ao conflito instigado pela tecnologia na linguagem, Luis Antônio Marcuschi, (2005, pag. 14), diz que “constitui um bom momento para analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias. ”

O palavrado virtual está causando várias emoções, mas também causam diversos impasses na escrita. Se por um lado é incluída como prazer entre os internautas, por outro lado traz ira nos gramáticos mais conservadores, que meditam ser agora fim para a norma culta da Língua Portuguesa.

FATORES PREJUDICIAIS NA ESCRITA DEVIDO O USO ABUSIVO DA INTERNET

Os problemas que mais interfere na prática da escrita é o uso abusivo da internet desde a sua infância, isso se torna costume dos internautas, trazendo pra si a mania de grafia, acarretando problemas as construção de frases, textos, compreensão gramatical, entre outros.

Pode-se observar que os meios tecnológicos de comunicação e os impulsos virtuais são diversos e vem surgindo a uma velocidade difícil de acompanhar. Enquanto algumas pessoas faz uso temperado para se comunicar ou compreender, muitas outras caem na transação on-line e não conseguem se desconectar, se controlar e o maior problema do internetês é quando esta maneira errada passa-se a tornar rotina e acarretar dúvidas na hora da escrita correta.

A maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral é relacionada com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz ao registro escrito. (FREITAS 2005, P.13).

É natural que para alguns, a escrita é algo difícil de praticar de maneira correta. No entanto, nas comunicações online as pessoas utilizam uma mistura de textos, que contêm acrônimos, palavras abreviadas, sorrisos, e outros ícones, e qualquer outra evidência acrescentada para munir conhecimentos linguísticos. Involuntariamente, para muitos dos internautas a escrita formal não os

afaga.

Halliday (1993, p.64) diz que “A língua escrita alargar-se a ser lexicalmente pesada, mas gramaticalmente simples, enquanto que a língua falada tende a ser gramaticalmente embaraçada, mas lexicalmente esparsa”. Portanto, essas características seriam integrantes e não exclusivas.

Pode-se perceber que a utilização da escrita em boa parte sendo prejudicada, pois além de diversos métodos de escrita e comunicação virtual que vem fazendo com que os internautas deixem de escrever corretamente, temos também o corretor de textos que corrige as palavras que são digitadas incorretamente, facilitando o uso virtual e acomodando os digitadores a não se preocupar com grafia.

Quando utiliza a Internet, o internauta tem o “poder” da telepresença, podendo ocupar diversos “espaços” [...] ao mesmo tempo, e dar conta ainda de se relacionar com tipos diversificados de textos e de leituras. Isso, com certeza, amplia sua capacidade de atenção e de escrita, pois terá que efetuar diversas escolhas em programas variados [e, conseqüentemente, favorece seu processo de letramento]. (MESTRINELLI, 2005. p.71)

É notório também que o uso constante do celular, notebook, tablete, enfim, todos os meio digitais e internet favorece o surgimento de uma linguagem alegórica, a chamada linguagem digital/virtual modalidade linguística empregada, especificadamente, nas redes sociais.

Sabe-se também que a oralidade usada frequentemente na comunicação do internetês também tem contribuído para este problema na escrita. No entanto o diálogo pode acontecer por áudio, ligação, entre outros, e pode usar da linguagem como quiser durante a interação, já na escrita padrão existe a forma correto.

MUDANÇAS NA ESCRITA DO USO DA INTERNET.

O uso da internet a cada dia se torna mais abrangente, na maioria das vezes, os usuários não se importam com a maneira que estão usando e nem quais influências estão causando na linguística e na escrita, para muitos o interessante é a comunicação e a maneira de entender de cada um, ou seja, o importante é a compreensão de tais assuntos em diálogo.

As comunicações por redes sociais têm crescido simultaneamente, principalmente nos dias atuais, pelo fato da nova mudança na rotina diária que vivenciamos por causa da covid- 19 (um vírus originado da china no final do ano 2019 que acabou se alastrando por todo o mundo).

Percebe-se que a internet tem transformado a vida de muitas pessoas, sobretudo quando se trata da escrita virtual. Atualmente, ela tem sido um dos fatores que mais influenciaram na mudança do comportamento humano em vários aspectos, principalmente quando se trata de escrita,

especialmente na vida dos jovens e dos adolescentes, fato este que comprovamos ao analisar a escrita de nossos alunos.

As novas tecnologias têm atingido grandes avanços advindos da sociedade da informação, transformando substancialmente as formas de trabalho, de lazer, de comunicação, inclusive as concepções de espaço e tempo, do que é real e virtual, do que é tradicional e inovador, com repercussões sociais, econômicas, políticas e educacionais. (SOUZA, 2001, p. 42)

É evidente que a internet tem se alastrado em amplo estilo nos últimos anos e nisso tem trazido grandes extensão digitais em nosso meio, mas infelizmente com o uso abusivo dos internautas teve uma grade influência para o aprimoramento da escrita, prejudicando assim o bom desempenho ortográfico.

A maneira de utilizar a escrita durante o uso dos meios comunicativos na internet proporciona particularidades bem cômodas no meio virtual, como: abreviações, reduções de palavras, acrônimos mudanças nas letras e fonemas das palavras, emojos, etc. Pode-se observar como exemplo a imagem a seguir:



Figura 1- uso de acrônimos, abreviações, emojos.
Fonte: disponível em <https://ptstatic.zdn.net/files/d95/b009baf372cd45ce04d4a68469d173d4.jpg>



Figura 2- uso de palavras com ortografias criadas pelo internetês. Fonte: - disponível em <http://www.coisademulher.info/wpcontent/uploads/2015/03/79750005tcatj82gif1o0gvf5565w.jpg>

No entanto, é considerável dizer que a escrita quando usada nas redes sociais por internautas, principalmente durante a comunicação direta ela raramente é usada da forma padrão da língua portuguesa, pois para melhor compreensão no diálogo é mais viável e ágil a uso de maneira resumida, com abreviações, emojos, entre outros.

Aquele que se aventura a tentar utilizar totalmente o código de escrita padrão da língua portuguesa em determinado contexto do meio virtual, por exemplo, está sujeito a ser rejeitado em grupos sociais mais extremistas que não o fazem, pois sua língua não segue os padrões determinados nesse contexto. (SANTOS, 2015, p. 46)

Sabe-se que o hábito de abreviações como "qnd" (quando), "qlqr" (qualquer), "vc" (você), "pq" (porque), "msg" (mensagem), entre outras, são muito comuns nos textos redigidos nos meios

de comunicação via internet. Pode-se observar as imagens abaixo como exemplo:

Figura 4- uso de abreviação na comunicação



Figura 3- uso de abreviação na comunicação virtual. **Fonte:** disponível em <https://i.pinimg.com/236x/52/03/18/520318c15aef6fcf773b667a80b7df65.jpg>.



Fonte: disponível em <https://blog.bemmaisseguro.com/wpcontent/uploads/2017/01/conversa-de-mae-whatsapp.jpg?ae543d>

Entretanto, é oportuno ressaltar que apesar de ser uma forma errada de escrita grafada não perda seu sentido na construção do texto, pois o importante durante a comunicação dos internetês é compreender a mensagem transmitida, pois, o admirável não é como se abordar a um texto ilusório pelo emprego de formas, e sim como se chega a uma fala que tem significado pelo uso apropriado às práticas e a circunstância a que se propõe.

Frente ao que se vivencia, é importante ficar atentos não só para as os meios tecnológicos que aparecem a cada momento, mas também para as influências que as mesmas têm proporcionado com a sua ascendência, especialmente em um mundo que estamos atuamos vivendo. Othero (2004, p. 23):

Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo, é preciso escrever rapidamente.

A modificação na escrita foi inventada para ficar, pois é ágil, ocorre de maneira rápida e espanta tanto os que a veneram, quanto aqueles que a têm como um risco, porque para esses, esta escrita pode ser nociva aos alunos em fase de alfabetização, e até mesmo aqueles que a usam muito e acabam confundindo ou acostumando, pois de tal modo, o uso dessa linguagem da internet é apropriada, sendo que há uma condição exclusiva para centrar nesse meio de comunicação, mas cabe ainda destacar que por ser um meio de comunicação virtual, nem sempre pode usar as abreviaturas, emotions, entre outros, pois antes de tudo deve-se avaliar quem irá receber a mensagem e que tipo de texto estamos enviando e até para quem estamos enviando.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DA LINGUAGEM DOS INTERNAUTAS NA COMUNICAÇÃO POR MEIO DE APLICATIVOS

Existem muitas discussões entre os estudiosos sobre a linguagem virtual e como ela está sendo usada frequentemente, e assim, percebe-se algumas vantagens da linguagem virtual como; uma linguagem privada, criatividade linguística, algoritmos, sentimentos, emoções, rápida, de fácil comunicação e influência mútua entre usuários de diversos lugares do mundo, Assim como as vantagens, também é importante que se fale as desvantagens do uso da linguagem virtual, como; o empobrecimento e uso inadequado da língua, o uso de abreviaturas, a composições de palavras, entre outros. Acarretando enigmas de escritas no ambiente escolar, maior dificuldade e desapego pela norma culta da língua portuguesa.

Com isso, é pertinente dizer que quando se diz respeito à escrita na língua virtual, pode-se observar que ela é totalmente defasada e isso contribui de forma negativa para a formação dos internautas, afetando assim um maior número de jovens, por ser quem mais usa os meio virtuais, seja whatsApp, instagram, facebook, ou outros.

O vício da escrita dos internautas é constante e acaba afetando o interior de seu desempenho na amplitude da sua escrita, pois os costumes e práticas diária pode causar até mesmo um bloqueio ou esquecimento da grafia correta, acarretando um certo atrofiamento no seu desenvolvimento e até mesmo na sua caligrafia, pois eles geralmente são fascinados pelo uso constante de abreviações independente de prejudicar ou não a escrita forma padrão, pois o uso correto da ortografia nas redes sociais é discriminado.

Nota-se a inquietações dos pais e professores de jovens e adolescentes quando se trata de redes sociais, pois é visto como abertura para distorção de caminho na corrida educacional. É considerado prejudicial por os mesmo não terem maturidade para discernimento do certo e errado dentro da linguagem da internet.

A invasão do “internetês”, especialmente entre os jovens em fase escolar, tem preocupado aos pais e professores, receosos quanto à influência dessa modalidade no ensino/aprendizagem da norma padrão da língua portuguesa. É necessário discutir mais profundamente o uso da língua na internet e a sua relação com o ensino da norma padrão. (FREITAG; FONSECA E SILVA, 2006, p. 09).

Percebe-se que esta linguagem tem tornado prejudicial, pois os internautas têm volvido a sua rotina não mais planejada para que possa usar as redes sócias como necessidade, e sim como um vício, acabando então, atrapalhando principalmente na sua vida estudantil, a escrita ficou defasada por não preocupar com uso da mesma de maneira correta quando estão se comunicando.

METODOLOGIA

Primeiramente, antes de todo qualquer trabalho científico, o mais admirável é que se decida, desde começo de sua análise, o que se deseja com ela. Sabe-se que elas são feitas segundo alguns aspectos específicos, ou seja: por assunto, autores, período de tempo e qual tipo de pesquisa, isso facilitará o seu desenvolvimento do trabalho. Para Fonseca (2002, p. 32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”.

Com isso, para desenvolver este trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que se limita ao tema em que foi escolhido, com o propósito de traçar um histórico sobre o objeto de estudo e compreender a importância sobre a temática, feita a partir da análise de fontes e sites que abordam, de diferentes maneiras, o tema em estudo tendo como foco: Analisar As Mudanças na Escrita Advindas do uso da Internet, por meio de imagens, figuras e abreviações na comunicação virtual, bem como também, compreender as vantagens e desvantagens da linguagem usada pelos internautas na interação através de aplicativos, verificando os fatores que contribuem para as mudanças da linguagem empregada nas redes sociais a fim de agilizar a troca de informações e avaliando influências causada na escrita no uso da internet no processo do desenvolvimento do aluno em sala de aula.

O atual estudo abordou a “As Mudanças na Escrita Advindas do Uso da Internet”. Fala-se de uma pesquisa de estilo teórico, abrangendo uma revisão bibliográfica e com a aspiração de ser uma simples sistemática criteriosa de pensamentos coerentes de fontes consagradas, acerca de um assunto explícito.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se resposta e compreensão do seguinte questionamento: Pode-se dizer que esses meios de comunicação virtual, podem ou não interferir na linguagem verbal, sobretudo a das crianças e dos adolescentes? E a linguagem ilusória/virtual, realmente, causa um déficit na prática da escrita?

Teve como instrumentos usados realização de leituras minuciosas em diversos métodos condizentes a pesquisa bibliográfica, como: leitura de artigos, monografias, livros e textos sobre o tema, buscando comprovações de fatos verídicos que realce claramente a problemática em investigação e como critério de aprofundamento, procurou-se publicações e trabalhos.

Para realização este trabalho foi minuciosamente investigado em diversas fontes de pesquisa de forma que sucintamente melhor esclarece a temática da leitura realizada sobre as ideias principais abordadas, organizando suas análises por tema, área, autor, separar fragmentos avaliados importantes e identificar a causa pelo qual aquela obra chamou atenção e será usada no trabalho.

RESULTADOS DA ANÁLISE

INFLUÊNCIAS CAUSADAS NA ESCRITA NO USO DA INTERNET

Neste capítulo serão apresentadas as análises pertinentes aos objetivos propostos, assim como também a problemática, sendo que inicialmente buscou compreender as influências causadas na escrita. Conforme Ribas, Ribas, Pinho e Lahm, (2015), A propagação da Internet no mundo tem modificado e muito os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Atualmente, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas.

Ainda Ribas, Ribas, Pinho e Lahm, (2015), enfatiza que pensamos que, a comunicação através dos ambientes virtuais pode ser uma vilã para um aumento do analfabetismo, já que nos diálogos utilizados nos ambientes virtuais, deparamo-nos com uma realidade até pouco tempo desconhecida.

A revolução na escrita veio para ficar, pois é ágil, acontece de forma instantânea e surpreende tanto os que a idolatram, quanto aqueles que a vêem como um perigo, pois para esses, esta escrita pode ser prejudicial aos alunos em fase de alfabetização. Conforme comentado anteriormente, a internet está transformando os hábitos da população mundial. Assim ocorre igualmente com nossas formas de comunicação, que agora passa a ser também virtual. (Ribas, Ribas, Pinho e Lahm, p.4, 2015).

Em outros termos os autores enfatizam que a comunicação veio ficando cada vez mais ágil e evoluído a cada dia com inúmeras formas de dialogar por meio das redes sócias/meios digitais, e isso tem causado uma grande transformação no mundo, e assim sendo, acaba interferindo nas crianças na fase de alfabetização, pois tem criado uma confusão na mente dos mesmos.

Essa potência existente na virtualidade está presente no nosso dia-a-dia, pois nos comunicamos com caixas eletrônicas de bancos, trocamos correspondências através do correio eletrônico, lemos textos na tela do computador e, com isso, a escrita também está se transformando, pois agora utilizamos um novo suporte, que é o computador. Assim como seria estranho imaginar escritas cursivas em peças de barro, os que utilizam a comunicação virtual consideram estranho que as frases sejam escritas como em um texto de um livro, pois além da ferramenta necessitar da agilidade de quem escreve, a comunicação precisa agregar símbolos para que o receptor compreenda o emissor, pois na maioria das salas de bate-papo não existem outros recursos como som e imagem. (Ribas, Ribas, Pinho e Lahm, p.4, 2015).

De acordo com os autores, o nosso dia-a-dia é completo de acesso aos meios virtuais, em tudo que fazemos nos deparamos com as tecnologias, por mais que seja por meio ligação telefônica, mensagem, enfim, estamos sempre conectados trocando correspondência, e agora com a chegada das mais recentes ferramentas que podemos agilizar a comunicação e queremos ter o feedback no mesmo instante acabamos usando inúmeros métodos, como abreviações, imagens emotions, e isso gera aquele comodismo na escrita ilusória e acaba prejudicando-se na escrita culta.

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA AS MUDANÇAS DA LINGUAGEM EMPREGADA NAS REDES SOCIAIS

Conforme a ideia de Melo e Santana, 2017, as evoluções humanas juntamente com o uso das novas tecnologias têm ajudado muito nas transformações da escrita, causadas pelo uso frequente dos aplicativos, assim tornando hábito o uso do internetês.

Sabe-se que, desde os primórdios da civilização, o homem buscou criar condições para melhor atender e adaptar as suas necessidades. Com as mudanças no contexto geral da escrita virtual, surgiram também as necessidades de adequar a grafia para ser utilizada nesses novos gêneros textuais. O acesso se tornou cada vez mais frequente entre os usuários, porque, além dos computadores, surgiram os aparelhos portáteis, como os celulares, os tablets, que justificam ainda mais o acesso e a facilidade para o uso em qualquer lugar em que o usuário esteja. Com estas facilidades de acesso ao mundo virtual, surgiram os novos comportamentos na escrita do indivíduo que tem o acesso direto com essas tecnologias. (MELO E SANTANA, p. 22, 2017)

Conforme fala os autores acima, o ser humano tem buscado formas em que se torna mais fácil de atender suas necessidades, e uma das suas adaptações foram o meio de comunicação virtual que a cada dia vem aumentando, como por exemplo, o uso de aparelhos portáteis, pois o uso frequente das tecnologias tem afetado a forma da escrita, e assim surgiram também as obrigações de adequar a grafia para ser empregada nesses novos gêneros textuais.

Segundo a ideia de Melo e Santana, 2017, A comunicação via internet tem sido uma das mais utilizadas na atualidade pela sua necessidade e facilidade para tantas trocas de mensagens do dia a dia como também para outras necessidades.

Esta linguagem usada na internet, de um lado, exerce sedução nos jovens internautas, porque facilita a interação e o acesso à enchente de informações produzida virtualmente e sem nenhuma sistematização. Por outro lado, provoca vários questionamentos acerca do uso da variedade padrão ensinada nas escolas, a ponto de produzir, até mesmo no âmbito da própria internet, discussões sobre o tema. Alguns usuários questionam com muita veemência o uso do internetês, afirmando ser a internet uma “terra sem limites, sem lei” pelo fato de observar, nos textos escritos, uma não preocupação com o uso correto das combinações lexicais e morfológicas que não obedecem às leis gramaticais, ficando estes no direito de “abusar” na escrita dos textos sem preocupação nenhuma com o leitor, pois, uma pessoa que não tem nenhuma intimidade com essa linguagem, pode ficar sem entender nada ao receber uma mensagem codificada. (ALVES, p.7 2014).

Segundo Alves, 2014, a internet tem uma linguagem em que são usadas as gírias dos jovens, uma maneira específica de comunicar onde busca sempre inovar, fazer com que as pessoas se deixam levar pela diálogo diferenciado, permitindo que a forma padrão ensinada na escola fica pra

trás, causando em si próprio um distúrbio, uma confusão entre o que é certo e o que é errado. Além disso, acabam deixando o contexto durante a produção sem compreensão para aqueles que não têm práticas do uso virtual.

MUDANÇAS CAUSADAS NA ESCRITA PELO USO DA INTERNET

Pode-se perceber que o meio virtual tem sido o principal vilão dentro da língua portuguesa para prejudicar a escrita, principalmente dos jovens usuários do internetês, causando maus costumes e confusão na mente, causando o déficit na prática escrita do dia-a-dia e nas salas de aulas.

A internet tem mudado a vida de muitas pessoas no mundo, principalmente quando o assunto é a escrita do meio virtual. Hoje, ela é responsável por mudanças no comportamento humano, principalmente entre os jovens e os adolescentes. Podemos ver, na escrita de nossos alunos adolescentes, que o contato com o meio virtual atinge o código da língua padrão dos internautas dessa faixa etária, assim, a escrita começa a ser grafada de maneira diferente da norma culta encontrada nas gramáticas tradicionais utilizadas nas escolas, com o objetivo de demonstrar a maneira “certa” ou “errada” de falar. (MELO; SANTANA; 2017, p. 23)

De acordo com Melo e Santana, (2017), um dos principais responsáveis pelas mudanças na escrita é uso frequente da internet, pois ela favorece a modificação de códigos, formulando uma escrita diferente no ato da comunicação, principalmente no mundo internetês dos jovens e adolescentes, e isso acaba acarretando problemas na grafia na escola, por ser uma linguagem com abreviações, acréscimos de letras, *emojis*, construção de novas palavras, etc.

As abreviações como "vc" (você), "tb" (também), "kd" (cadê), "pq" (porque), entre outras, são exemplos comuns encontrados nos textos nos ambientes de comunicações via internet. Porém, cabe aqui dizer que essa nova maneira de grafar não perde seu sentido na construção do texto. (MELO; SANTANA; 2017, p. 24)

Como diz, Melo e Santana (2017), são comuns encontrar diversos tipos de palavras com o uso internetês nas produções escritas dos alunos em sala de aula, e que na verdade não é correto grafar desta forma nas construções de textos, pois é subtendido como erro de escrita e não se usa em documento, trabalhos avaliativos entre outros.

Saindo do início da era da escrita e nos transportando até o século XXI, deparamo-nos com uma realidade aparentemente diferente da encontrada na época dos sumérios, mas como naquele tempo, atualmente nossa sociedade está vivendo uma grande revolução, a revolução tecnológica, que acaba exercendo grande influência em nosso comportamento. (RIBAS, RIBAS, PINHO E LAHM, p. 3, 2015).

Com base na ideia dos autores acima, é visível que as transformações ocorridas no nosso meio, especialmente com a evolução do uso das tecnologias, têm trazido grandes extensões no

comportamento humano no que diz respeito às mudanças na escrita, pois os usos das novas tecnologias são constantes e acabam extrapolando pelo fato do manuseio frequente.

COMPREENDENDO AS VANTAGENS E DESVANTAGENS DA LINGUAGEM USADA PELOS INTERNAUTAS NA INTERAÇÃO ATRAVÉS DE APLICATIVOS

Com propósito de compreender as vantagens e desvantagens da linguagem usada pelos internautas na interação através de aplicativos, sendo feito buscas de conteúdos que melhor explanasse sobre tal objetivo, pois sabemos que há muitas controvérsias entre os estudiosos sobre a linguagem virtual, não existindo um consenso entre os mesmos e assim acabam sem compreender as vantagens e desvantagens.

São vantagens da linguagem virtual: Ser despojada, simples e objetiva; Permitir a criatividade linguística com a criação de novas palavras, expressões e emoções; Ser rápida, de fácil comunicação e interação entre usuários de diversos lugares do mundo. São desvantagens da linguagem virtual: Levam ao empobrecimento e uso incorreto da língua. O uso de abreviações fica automático com o costume; Os estudantes acabam utilizando este tipo de linguagem no meio formal, por exemplo, em redações. Ocasionalmente problemas de escritas tanto no ambiente escolar, quanto no ambiente profissional; Os jovens sentem mais dificuldades e desinteresse pela norma culta da língua portuguesa. (ESPINDOLA, p. 5, 2015)

Conforme o pensamento da autora, a linguagem virtual tem diversos fatores que pode contribuir para a escrita durante o uso da internet, visto que não somente positivamente, mas também de maneira negativa, temos como exemplo um ponto positivo diversas maneiras de escrever que pode surgir durante a comunicação virtual como a criatividade, também de forma negativa as práticas e costumes das abreviações que acabam sendo levados para a escrita normal na produção em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A Internet, a maior rede de comunicação e informação virtual criada pelo homem, também criou sua variante de formas de se comunicar da escrita. É imensa a quantidade de pessoas com uso da internet. Em todo momento é acrescido o número de internautas. As salas de bate papo online são usadas e assim é criado pelos usuários de comunicação virtuais novo linguajar escrito.

É visível que a escrita, em suas diversas formas, é usada instantaneamente, e ela é maneira mais fácil e prática de se usar no dia a dia, sendo que a mesma varia no ato de seu uso, principalmente quando é usada pelos internautas, pois eles criam seus próprios métodos de escrita, causando assim a comunicação internetês, para que a agilidade de sua interação aconteça, e até

mesmo por acreditar que a comunicação virtual escrita não traz consequência na escrita formal, e tendem a criar o novo.

A língua escrita determina certa obrigação, já a língua escrita dos que usam internet não tem essa obrigação. Versa-se de uma linguagem mística, empregada por poucos que, em que sua maioria, sabe o que está fazendo e distingue um pouco bem a língua portuguesa em seu nível culto.

Portanto, o internetês tem trazido inúmeros problemas para escrita, pois o uso de forma inadequada, como por exemplo, abreviações, figuras, palavras com letras a mais, uso adequado das combinações lexicais, morfológicas, acentuação, pontuação, entre outros, tem acostumado os internautas a praticar a escrita do dia a dia de maneira inapropriada, causando uma confusão, dúvidas em sua mente na hora das produções de acordo com a maneira que se ensina na escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. C. **O Internetês e o Ensino de Língua Portuguesa: Uma Reflexão Sociolinguística.** XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa - Paraíba, Brasil

CASTELLS, M. **Materiais para uma teoria exploratória da sociedade em rede.** British Journal of Sociology, Londres, 2000.

CRYSTAL, D. T. Q. R. **A revolução da Linguagem.** Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2005.

ESPINDOLA, N. C. **A LINGUAGEM VIRTUAL: Uma “discuçaum” sobre o uso do “internetês”!**. Estudante de Graduação do Curso de Ciências Econômicas. Artigo publicado para a disciplina de Redes Sociais e Virtuais. Departamento de Engenharia do Conhecimento (EGC): UFSC, 2015.2.

FÁVERO, L. L; ANDRADE, M. L. C.V. O; AQUINO, Z. G.O **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna.** 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Figura 1- disponível em <https://ptstatic.zdn.net/files/d95/b009baf372cd45ce04d4a68469d173d4.jpg>

Figura 2- disponível em <http://www.coisademulher.info/wpcontent/uploads/2015/03/79750005tcatj82gif1o0gvf5565w.jpg>

Figura 3- disponível em <https://i.pinimg.com/236x/52/03/18/520318c15aef6fcf773b667a80b7df65.jpg>.

Figura 4- disponível em <https://blog.bemmaisseguro.com/wpcontent/uploads/2017/01/conversa-de-mae- whatsapp.jpg?ae543d>

FREITAS, M. T. A; COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREITAG, R. M. K; FONSECA E SILVA, M. **Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa.** Revista Intercâmbio, São Paulo, v. 15,

2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HALLIDAY, M.A.K. **Spoken and Written Modes of Meaning**. Media texts. Authors and Readers. David Graddol, Boyd. Barrett. The Open University, 1993.

MESTRINELLI, T. **Espaços Mentais e Hipertexto: Considerações sobre os Chats do IRC**. In: ARAÚJO, J. C; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. RJ: Lucerna, 2005. 176p. p. 63-85.

MARCUSCHI, L. A. **Hipertextos e gêneros digitais**, 2 ed – Rio de Janeiro:2005.

MELO, E. A. e SANTANA, F.. **A influência da linguagem da internet na escrita formal: uma pesquisa com alunos do 9º ano na cidade de Tobias Barreto-Se**. 34 f 2017 . Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 1, n. 1, CAp UFPE.

_____. **A influência da linguagem da internet na escrita formal: uma pesquisa com alunos do 9º ano na cidade de Tobias Barreto-Se**. 34 f 2017 . Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 1, n. 1, CAp UFPE.

OTHERO, G. A. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão lingüística de nosso idioma na era digital**. Novo Hamburgo: Othero, 2004.

RIBAS, El; RIBAS, A; PINHO, D. S; LAHM, R. A. **A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes**. Programa de Pós graduação em Educação em Ciências e Matemática - PUCRS, 2015.

SANTOS, J. L. **Entre a internet e a escola: A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares/ Juliana Lopes dos Santos, orientador Paulo chagas de Souza– São Paulo, 2015.**

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. *E-book*.

SOUZA, D. S. G. **A Influência da Internet no Domínio da Escrita: Análises e Inferências**. 2001. 42 f dissertação (mestrado Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção) Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ISBN 978-658909187-5



9

786589

091875